



Faculdade de Artes e Humanidades

Mestrado em Gestão Cultural

Ano Letivo: 2016/2017

Edi Aldenir da Silva Jampas

Relatório de Estágio para Obtenção do Grau de Mestre em Gestão Cultural

Festa da Flor

A Imagem de uma Ilha

Orientador: Prof.^a Doutora Maria Teresa Duarte de Jesus Gonçalves do Nascimento

Funchal, fevereiro de 2016

“Assim São belas as crianças, as flores, as paisagens ou beleza natural que o madeirense desfruta e conjuga na sua arte (...)” (Gomes, 1986, p.29).



1

¹ Gomes, M. (1986). *Experiência Estética e Festa da Flor*. Funchal: Editorial Eco do Funchal.
Disponível em http://www.bprmadeira.org/index_digital.php?IdSeccao=356.

Agradecimentos

Com a finalização deste percurso académico, torna-se essencial proceder aos agradecimentos às pessoas que contribuíram, direta ou indiretamente para a conclusão deste projeto. De facto, reconheço que meras palavras não chegarão para agradecer àqueles que tornaram possível a conclusão da presente jornada. No entanto, irei proceder a estes agradecimentos, visto que possibilitam registar a importância que algumas pessoas apresentaram ao longo deste percurso.

Em primeiro lugar, agradeço à minha orientadora científica, Professora Doutora Maria Teresa Duarte de Jesus Gonçalves do Nascimento, pelo tempo e disponibilidade que apresentou durante todo o processo.

À minha orientadora de estágio Dra. Vanda Gonçalves e a toda a equipa da direção e Serviços de Animação Turística (DSAT), pelo carinho, paciência e trabalho, pois sem a mesma não teria conseguido realizar a minha intervenção prática na Festa da Flor 2016.

Aos meus pais, que sempre foram, e serão o meu pilar. Agradeço pelas suas palavras de imensa sabedoria, e pelo amor, paciência e carinho, que fizeram com que não me desviasse do caminho a seguir.

Aos meus irmãos, pela preocupação com o trabalho em curso, pelo otimismo e incentivo com que me presentearam.

À minha namorada. Não existe um obrigado grande suficientemente grande para transmitir tamanha gratidão por seres a minha bússola ao longo de todo o meu percurso, apontando-me sempre a direção a seguir. Obrigada pela compreensão, pelas imensas gargalhadas que sempre me fizeram superar a tristeza e os obstáculos que surgiram no decorrer da presente jornada. Pela paciência, aceitação, e pelo enorme amor que me deste durante todo o tempo. Por isto e por tanto mais, o meu mais sincero e maior obrigado.

Por fim, agradeço ainda aos meus cunhados e sobrinhos, por me proporcionaram excelentes momentos de descontração e alegria e de bom senso, que embelezaram este percurso.

Um grande obrigado a todos!

Resumo

O presente relatório contextualiza e descreve o estágio realizado entre os meses de outubro de 2015 e junho de 2016 no seio da Direção Regional de Turismo. A Festa da Flor e as suas origens, o seu relevo como cartaz turístico, o seu desenvolvimento estratégico no quadro da instituição promotora constituíram eixo privilegiado de reflexão.

O Turismo e a sua génese, tipologias e definições e quadro evolutivo institucional na Madeira ofereceram o enquadramento para o desenvolvimento do tema do relatório.

A componente prática do estágio consistiu na conceção e planeamento de um conjunto de propostas que convergissem para a realização de uma série de *workshops* a implementar durante a Festa da Flor.

Definiu-se como objetivo a divulgação da cultura madeirense através de alguns dos seus produtos mais emblemáticos, de que são exemplo o bordado, o vinho Madeira ou o vime.

Privilegiou-se a interação entre os formadores e o público presente, fomentando-se a participação ativa de todos os participantes, fossem eles naturais ou não do Arquipélago.

A articulação entre teoria e prática, regulada por um quadro institucional de natureza académica e de política governativa de natureza turística e cultural proporcionou uma experiência que poderá dar os seus frutos em contexto profissional.

Palavras-chave: Festa da Flor; *Workshops*; Interação; Turismo; Público.

Abstract

This report contextualizes and describes the internship developed between the months of October 2015 and June 2016 at the Regional Directorate of Tourism. Therefore, the Flower Festival and its origins, its importance as a tourist poster, and its strategic development within the framework of the promoting institution were a privileged axis of reflection.

Tourism and its genesis, typologies and definitions and institutional evolution in Madeira provided the framework for the development of the theme of the report.

The practical component of the internship consisted in the conception and planning of a set of proposals that converged into the realization of a series of workshops to be implemented during the Flower Festival.

The aim was to promote Madeiran culture through some of its most emblematic products, such as embroidery, Madeira wine or wicker.

Along this practice, interaction between the trainers and the present public was privileged, encouraging the active participation of all members, whether natural or not of the island.

The articulation between theory and practice, regulated by an institutional framework of academic nature and governmental policy of tourism and culture, provided an experience that will be essential in a professional context.

Key-words: Flower Festival; Workshop; Interaction; Tourism; Public.

Sumário

Agradecimentos	V
Resumo	VII
Abstract	IX
Sumário	XI
Índice de Figuras	XIII
Índice de Gráficos	XV
Lista de Siglas	XVII
Introdução	1
PARTE I- ENQUADRAMENTO TEÓRICO E METODOLÓGICO	3
Capítulo I- Turismo: Um Fenómeno Mundial	5
1.1- Caraterização do Conceito de Turismo.....	5
1.2- Turismo: Percurso Evolutivo.....	12
1.2.1- Tipos de Turismo.....	15
1.2.2- O Destino Turístico.....	17
1.2.2.1- O Ciclo de Vida do Destino Turístico.....	19
1.2.2.2- A Imagem do Destino Turístico.....	21
1.2.3- Mundialização e Turismo.....	Erro! Marcador não definido.
Capítulo II- Antecedentes de Entidades Turísticas na Região Autónoma da Madeira ..	27
2.1- Comissão de Turismo.....	27
2.2- Comissão de Festas da Cidade.....	28
2.3- Agência Oficial de Turismo.....	28
2.4- Delegação de Turismo da Madeira.....	29
2.5- A modernização.....	30
Capítulo III- Organização de Eventos	31
3.1- Organização de Eventos.....	31
3.2- Caraterização dos Eventos.....	33
3.2.1- Finalidades dos Eventos.....	34
3.2.1- Tipos de Eventos.....	35

PARTE II- ENQUADRAMENTO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA	39
Capítulo IV- Contextualização do Meio Envolve	41
4.1- Secretaria Regional da Economia, Turismo e Cultura.....	41
4.2- Direcção Regional de Turismo	42
4.2.1- Direcção dos Serviços de Empreendimentos e Actividades Turísticas.....	43
4.2.2- Direcção de Serviços de Promoção Turística.....	43
4.2.3- Direcção de Serviços de Animação Turística.....	44
Capítulo V- Festa da Flor	45
5.1- Enquadramento Histórico	45
5.2- Experiência associada à Festa da Flor	47
Capítulo VI- Intervenção Prática	49
6.1- Propostas Desenvolvidas	49
6.1.1- <i>Workshop</i> de Tapetes de Flores	51
6.1.2- <i>Workshop</i> de Vimes.....	53
6.1.3- <i>Workshop</i> de Embutidos.....	55
6.1.4- <i>Workshop</i> de Bordado Madeira	57
6.1.5- <i>Workshop</i> de Arranjos de Flores	60
6.1.6- <i>Workshop</i> de Vinho Madeira e Flores	62
6.1.7- <i>Workshop</i> de Pintura de Flores em Aquarela	64
6.1.8- <i>Workshop</i> de Flores em Papel e em Tecido.....	66
6.1.9- <i>Workshop</i> de Escultura em Frutas e Legumes.....	69
6.1.10- <i>Workshop</i> de Pinturas Faciais.....	72
6.2- Reflexão da Prática	75
Reflexão final.....	79
Referências.....	81
Índice de Conteúdo do CD-ROM.....	99

Índice de Figuras

Figura 1. Aspetos que definem o Turismo	10
Figura 2. Diagrama do viajante	11
Figura 3. Objetivos SMART	35
Figura 4. Tipologia de eventos	36
Figura 5. Tipologia de eventos de Getz	36
Figura 6. Dimensão dos eventos	37
Figura 7. Público a construir o tapete de flores	52
Figura 8. Apresentação de um enquadramento histórico dos vimes	54
Figura 9. Realização da base do cesto de vimes	54
Figura 10. Apresentação dos utensílios	56
Figura 11. Realização do logotipo da RAM	56
Figura 12. Materiais utilizados	59
Figura 13. Realização do Bordado Madeira	59
Figura 14. Arranjo em jarra de centro de mesa	61
Figura 15. Arranjo de centro de mesa	61
Figura 16. Degustação de vinho com entrada	63
Figura 17. Degustação de vinho com sobremesa	64
Figura 18. Pintura de flores em aguarela	66
Figura 19. Construção de flor em papel	68
Figura 20. Construção de flor em tecido	68
Figura 21- Resultado final	69
Figura 22. Realização das esculturas	71
Figura 23. Pintura corporal	73
Figura 24. Pintura facial	73

Índice de Gráficos

Gráfico 1. Participantes no <i>workshop</i> de Tapetes Florais_____	51
Gráfico 2. Participantes no <i>workshop</i> de Vimes_____	53
Gráfico 3. Participantes no <i>workshop</i> de Embutidos_____	55
Gráfico 4. Participantes no <i>workshop</i> de Bordado Madeira_____	58
Gráfico 5. Participantes no <i>workshop</i> de Arranjos de Flores_____	60
Gráfico 6. Participantes no <i>workshop</i> de Vinho Madeira e Flores_____	62
Gráfico 7. Participantes no <i>workshop</i> de Pintura de Flores em Aguarela_____	65
Gráfico 8. Participantes no <i>workshop</i> de Flores em Papel e Tecido_____	67
Gráfico 9. Participantes no <i>workshop</i> de Escultura em Flores e Legumes_____	70
Gráfico 10. Participantes no <i>workshop</i> de Pintura Faciais_____	72

Lista de Siglas

Sigla	Significado
DESAM	Direção de Serviços de Educação Artística e Multimédia
DRT	Direção Regional do Turismo
DSAT	Direção de Serviços de Animação Turística
DSEAT	Direção de Serviços de Empreendimentos e Atividades Turísticas
DSPT	Direção de Serviços de Promoção Turística
DTM	Delegação de Turismo da Madeira
EPHTM	Escola Profissional de Hotelaria e Turismo da Madeira
IVBAM	Instituto do Vinho, do Bordado, e do Artesanato da Madeira
RAM	Região Autónoma da Madeira
SPN	Secretariado de Propaganda Nacional

Introdução

No âmbito da conclusão do Mestrado em Gestão Cultural, de entre as diversas entidades nas quais seria possível a concretização de um estágio, selecionou-se a Direção Regional de Turismo (DRT) do Governo Regional da Madeira. A esta entidade compete desde 1979, a organização da Festa da Flor, um cartaz turístico que nos permitiria colocar em prática alguns conhecimentos teóricos adquiridos ao longo do meu percurso académico.

O presente relatório descreve e contextualiza as atividades realizadas na Direção Regional do Turismo, entre os meses de outubro de 2015 e junho de 2016, perfazendo um total de 640 horas de estágio, com particular incidência nas iniciativas desenvolvidas ao longo da Festa da Flor abril de 2016, durante a qual se proporcionaram experiências ricas e diversificadas público participante. A importância da Festa da Flor para o sector turístico da Região levou-nos a uma reflexão sobre o percurso evolutivo deste segmento, contextualizando ainda a emergência deste cartaz do ponto de vista social e institucional.

Ponderar-se-ão ainda os aspetos fundamentais na organização de eventos com sucesso, que contribuam para aumentar o fluxo turístico de uma determinada região.

O presente relatório está organizado em duas partes distintas, sendo estas: enquadramento teórico e desenvolvimento prático.

A primeira parte compreende quatro capítulos de carácter teórico que têm como finalidade descrever e caracterizar o fenómeno turístico e a organização de eventos, numa perspetiva evolutiva, destacando a importância que este sector apresenta, na sociedade atual, para milhões de indivíduos. Em seguida é apresentado um conceito de turismo que servirá para melhor compreender a parte teórica que este sector apresenta, sendo que este é um dos mais importantes sectores do Arquipélago da Madeira. A complexidade do sector leva-nos à apresentação dos tipos de turismo que existem e suas classificações, importando igualmente caracterizar o conceito de destino turístico, assim como a sua imagem e o seu ciclo de vida, uma vez que sem a sua existência não seria possível realizar a ação turística. De facto, o destino turístico reveste-se de grande importância, pois pretende, através da divulgação das suas características únicas e atrativas, apelar à visita do turista, contribuindo, assim, para o crescimento económico de uma determinada região.

Além destes aspetos, serão ainda mencionados os antecedentes de entidades turísticas da Região Autónoma da Madeira (RAM), demonstrando a importância que o sector turístico apresenta para a região.

Por fim, será apresentada uma referência ao percurso evolutivo da organização de eventos, neste sentido, será realizada uma breve caracterização dos mesmos, destacando a sua tipologia e as suas diversas finalidades. De facto, a organização de eventos mundialmente conhecidos constitui um elemento fundamental para que seja possível promover o desenvolvimento social, económico e político de uma região ou até de um país.

A segunda parte do relatório é composta por três capítulos. No primeiro deles, apresenta-se a evolução histórica da Direção Regional do Turismo (DRT) - entidade onde foi realizado o estágio. Por sua vez, o segundo capítulo procede a um enquadramento histórico da Festa da Flor através da recolha de informação de periódicos e obras que tratassem do evento e da entidade governamental em questão, e o terceiro capítulo refere-se à prática desenvolvida, destacando as iniciativas que ocorreram ao longo das comemorações da Festa da Flor 2016. Descrevem-se os *workshops* realizados, planeados com o intuito de envolver o máximo público possível, tendo-se, para o efeito, recorrido a temáticas e estratégias diversificadas. Deste modo, pretendia-se, não só apelar à participação dos turistas, mas também à da população madeirense.

Para finalizar, o relatório contém ainda uma reflexão alusiva à prática desenvolvida na DRT, refletindo sobre as atividades realizadas, de modo a melhorá-las progressivamente.

PARTE I- ENQUADRAMENTO TEÓRICO E METODOLÓGICO

CAPÍTULO I – Turismo: Um Fenómeno Mundial

No decorrer do presente capítulo serão abordados alguns aspetos fundamentais relativamente ao turismo, uma vez que esta atividade se encontra em constante crescimento na nossa sociedade. Apresentar-se-á, em primeiro lugar a uma breve evolução da ação turística, destacando acontecimentos fulcrais para que esta seja, cada vez mais, algo relevante para a população mundial. De seguida, serão enunciadas algumas definições desenvolvidas por diversos autores e essenciais para compreender o conceito de turismo, em diferentes perspetivas.

Por fim, para concluir o capítulo, será realizado um paralelismo entre a globalização e o turismo, de forma a verificar quais as influências que a mundialização apresenta no sector em questão.

1.1. Caracterização do Conceito de Turismo

O conceito de turismo tem sido cada vez mais utilizado ao longo dos anos. Deste modo, devido à importância que este ato representa para grande parte da população mundial atualmente, torna-se indispensável definir o seu conceito. É ainda importante referir o facto de que existem diversas definições para o conceito de turismo, o que demonstra a sua complexidade. Assim sendo torna-se essencial apresentar diferentes pontos de vista relativos ao mesmo.

Com efeito, Vieira (2006) afirma que os primeiros autores que apresentaram uma definição de turismo, utilizada pela *Association Internationale des Experts Cientifiques du Tourisme*, foram Hunziker e Krapf, para os quais:

o turismo é um conjunto das relações e fenómenos originados pela deslocação e permanência de pessoas fora do seu local habitual de residência, desde que tais deslocações e permanência não sejam utilizadas para o exercício de uma actividade lucrativa principal, permanente ou temporária (Instituto Politécnico de Viseu (IPV), 2005 citado por Vieira, 2006, p.18).

O mesmo autor destaca ainda a definição apresentada pela Organização Mundial de Turismo (OMT) em 1991, a qual defende que o turismo “compreende as atividades desenvolvidas por pessoas ao longo de viagens e estadias em locais situados fora do seu enquadramento habitual por um período consecutivo que não ultrapasse um ano, para fins recreativos, de negócios e outros” (p. 18). No entanto, Vieira (2006) refere que esta definição

não satisfaz todos os estudiosos da área, pois ignora aspetos, como as atividades que são realizadas ao longo da viagem.

Por sua vez, Brito (2003), citando a Organização Mundial do Turismo e Comissão de Estatística das Nações Unidas (1993) afirma que, “O turismo compreende as atividades praticadas pelos indivíduos durante as suas viagens e permanências em locais situados fora do seu ambiente habitual, por um período contínuo que não ultrapassasse um ano, por motivos de lazer, negócios e outros” (p.10).

Tendo isto em conta, é essencial elucidar acerca do surgimento dos conceitos de turismo e de turista, os quais estabelecem uma relação interdependente entre si.

Com efeito, no que respeita ao conceito de turismo, devido ao facto de este representar um “fenómeno complexo e diversificado” (Marujo 2008, p.19), é classificado tendo em conta determinados aspetos, como os impactos que apresenta; o seu carácter emissor ou recetivo, a(s) nacionalidade(s) dos visitantes; a quantidade de turistas; as suas finalidades e motivações; o género de alojamento e transporte, entre outros critérios. Assim, considerando os aspetos supracitados, é possível referir que o “turismo abrange componentes sociais, culturais, políticos, ecológicos, psicológicos, tecnológicos, económicos, sociológicos e, por isso, pressupõe um tratamento não-parcial” (Marujo 2008, p.20). De facto, de acordo com Paiva (2000, citado por Marujo 2008), “o turismo é um fenómeno multidimensional, e qualquer intervenção no sentido de analisá-lo ou de incrementá-lo deverá ocorrer de maneira globalizante” (p.20).

Foster (1974, citado por Marujo 2008), destaca que o turismo emerge como um fenómeno dos dias de hoje, circunscrito por uma variedade de aspetos também atuais, nomeadamente os tempos livres, os salários, os meios de transporte e a mentalidade da população, os quais foram imprescindíveis para que o turismo pudesse evoluir. Neste sentido, Centeno (2003, citado por Marujo 2008) refere que

(...) o turismo é uma actividade que se repercute e se manifesta em diferentes âmbitos e fenómenos relacionados com o meio, a cultura de comunidades humanas, usos e costumes, fenómenos económicos, antropológicos, sociológicos, etc; essa multiplicidade de fenómenos deriva da essência do que é comum a todos eles. Essa essência reside em três aspectos: tempo livre, recursos económicos e necessidade de recreação (p.20).

Se não existissem os três aspetos referidos anteriormente, também não existia o turismo, nem a diversidade de fenómenos que surgiram a partir deste. É de referir o facto de que não existe um consenso no que diz respeito ao conceito turismo, originando, desta forma debates sobre a sua definição. Como consequência da presente situação, Marujo (2008) refere que

surgiram diversas definições do conceito de turismo, sendo que não existe nenhuma definição totalmente correta ou incorreta para turismo, pois todas desempenham um papel fundamental para que seja possível ampliar o conhecimento alusivo a área em questão.

De facto, existem muitos autores que procuram definir realmente o turismo. Porém, esta tarefa é dificultada pela enorme complexidade e abrangência que este fenómeno apresenta. Przeclawsky (1993, citado por Marujo 2008) destaca que não existe uma definição de turismo que reúne o consenso dos diversos autores que estudam esta temática, mas sim uma investigação que pretende responder em que é que consiste o turismo.

Nesta linha de pensamento, Dias (2005), citando Schattenhofen (1991), enuncia que o turismo, como conceito, admite todos os processos que ocorrem a nível interpessoal, social e económico, e que são demonstrados na quantidade, duração e retorno do turista.

Por sua vez, Glucksmann (1929, citado por Dias, 2005), afirma que o turismo corresponde a uma “superação de espaço por pessoas que afluem a um lugar onde não possuem lugar fixo de residência” (p. 13).

Já Schwink (1930) destaca que a palavra turismo representa a movimentação que é feita pelas pessoas que abandonam por curto período de tempo as suas residências por qualquer motivo, enquanto que na perspectiva de Dias (2005), o turismo é a teoria e a experiência de viajar, que é realizado pelo prazer da viagem como ato.

Por outro lado, relativamente à abrangência, o mesmo autor afirma que, como supracitado, o turismo entra no campo de estudo de diversas ciências sociais. Assim sendo, na perspectiva de Burns (2003, citado por Marujo 2008) “não possuímos uma definição consensual para o turismo, em parte, porque diferentes interesses estão envolvidos com aspetos diversos da atividade turística” (Marujo 2008, p.21).

Andrade (2002, citado por Marujo 2008) reforça a ideia de que a abrangência do fenómeno turístico deve considerar diversos aspetos, sendo eles: os turistas, os residentes; as interações que acontecem na sociedade que recebe os turistas e os fenómenos criados sob a perspectiva nacional e internacional. Deste modo, o fenómeno turístico surge devido a um conjunto de atividades heterogéneas e, assim, deve ser alvo de estudo e análise “de acordo com as exigências e as propriedades dos métodos, dos sistemas e dos critérios específicos de um complexo teórico-técnico decorrente de significativo número de ciências e técnicas de domínio social e de qualificações comprovadas” (Andrade 2002, citado por Marujo 2008, p.21).

Wahab (1992, citado por Marujo 2008) afirma que “o homem, o espaço e o tempo constituem os três pré-requisitos para qualquer reflexão equilibrada sobre o fenómeno turístico” (p.21). Neste sentido, o fenómeno turístico é constituído por três aspetos: o homem

(indivíduo que faz o turismo), o espaço (local onde ocorre o turismo) e o tempo (intervalo de tempo compreendido entre a viagem e a estadia do turista no seu destino). Assim, para que seja possível abordar teoricamente o fenómeno turístico, torna-se imprescindível a presença dos três elementos referidos anteriormente.

Por sua vez, Burns (1999) enunciou que para estudar o fenómeno turístico devem ser tidos em conta três fatores, sendo estes: as finalidades e/ou razões da visita, o período de tempo durante o qual esta ocorre e, por fim, a elucidação de cenários que podem, ou não, ser encarados como um acto de turismo. Os mesmos autores apresentam ainda uma definição de turismo, considerando que este fenómeno “é uma atividade que tem lugar sempre que as pessoas atravessam uma fronteira qualquer, seja ela por lazer ou negócio, cujo estado dura pelo menos 24 horas” (p.21).

Existem ainda diversas outras definições para o conceito de turismo, elucidando acerca de diferentes perspetivas de diversos autores sobre este fenómeno. Nesta linha de pensamento, tal como se encontra supracitado, é possível afirmar que o turismo é uma área extremamente complexa. No entanto, apesar de existir alguma confusão no que concerne tanto à sua definição, tanto ao que este representa e significa, existe um consenso no que alude à sua constituição.

Com efeito, de acordo com Burns (2002, citado por Marujo 2008), o turismo é composto por quatro fatores: processo de viagens; intermediários no turismo; influência associada ao destino e, por fim, a diversidade de impactos.

De modo a que seja possível compreender e conhecer o turismo, o mesmo autor propõe ainda o recurso a uma abordagem sistémica para este fenómeno. Segundo Burns (2002, citado por Marujo 2008), a vantagem de uma abordagem sistémica está no facto de o turismo não ser automaticamente percebido como um fenómeno isolado dos seus ambientes político, natural, económico ou social (p.24).

Marujo (2008) destaca que o turismo se tem distanciado de uma forma gradual das definições que foram surgindo a partir do fim da década de 1970. Assim, citando Castelli (2000), a autora afirma que “a compreensão do fenómeno turístico atual deverá passar por uma análise sobre o significado das viagens no decorrer da história. Estas foram quase sempre, movidas por interesses económicos, políticos e militares” (p.24).

De facto, este género de viagens continua a ser responsável por um grande movimento de pessoas. Porém, para além das motivações referidas anteriormente, existem ainda outras que conduzem ao ato turístico, nomeadamente a curiosidade, a saúde, a cultura e o descanso.

Nos dias atuais, o turismo caracteriza-se essencialmente por ser “um fenómeno de massa, que deve de ser compreendido a partir da história da humanidade” (Dantas, 1999, citado por

Marujo, 2008. p. 24). Neste seguimento de ideias, Moesch (2002, citado por Marujo, 2008) destaca que é imprescindível existir um “saber-fazer” na área turística. Tal deve-se ao facto de que, segundo a mesma autora, o turismo ocorre também em diferentes áreas, nomeadamente a económica, a tecnológica e a comunicacional. Assim, torna-se possível afirmar “que as funções que o turismo exerce sobre as diversas dimensões da sociedade implicam uma investigação interdisciplinar que será compreendida de acordo com cada disciplina” (Marujo 2008, p. 25).

Considerando os aspetos referidos anteriormente, Marujo (2008), cita diversos autores na tentativa de demonstrar que o turismo deve ser encarado como um fenómeno que ocorre em diversas dimensões. Com efeito, o turismo é um fenómeno económico na medida em que coloca como um ponto de referência para o processo de análise das políticas turísticas em vigor, auxiliando assim na quantificação dos efeitos causados pelos visitantes num determinado local (Ascanio, 1992); é um fenómeno sociológico, visto que se interessa pelas interações entre os visitantes e a população local (Jafari & Ritchie, 1981); é um fenómeno psicológico, pois utiliza de forma exaustiva, teorias psicossociais de perceção, intuição e de personalidade (Pearce & Stringer, 1991); é um fenómeno geográfico uma vez que existe uma preocupação alusiva à expressão espacial das relações e as consequências resultantes das viagens que ocorrem durante um curto período de tempo, nomeadamente o fluxo turístico e os efeitos que estes causam (Pearce, 1988); é um fenómeno antropológico pois interessa-se pelas interações interpessoais (Jafari & Ritchie, 1981). Deste modo, é possível concluir que

“a expansão do fenómeno turístico está ligado ao progresso económico, as facilidades de comunicação e ao desenvolvimento dos transportes, dando um posicionamento nova a actividade, que passou a ser objecto de muitos investigadores. O turismo será sempre visto como um fenómeno interdisciplinar, sendo estudado a partir de diferentes perspectivas” (Marujo 2008, p.25)

Ainda relativamente à constituição do turismo, Dias (2005) salienta que este representa um misto complexo de elementos psicológicos e concretos, dizendo estes últimos respeito aos aspetos físicos que envolvem o turismo, nomeadamente os transportes, as unidades hoteleiras e as atividades de divertimento. Por sua vez, no que diz respeito aos elementos psicológicos, estes referem-se ao sentimento de desejo, de expectativa, de motivação, entre muitos outros aspetos que levam a que um indivíduo sinta necessidade de realmente praticar turismo.

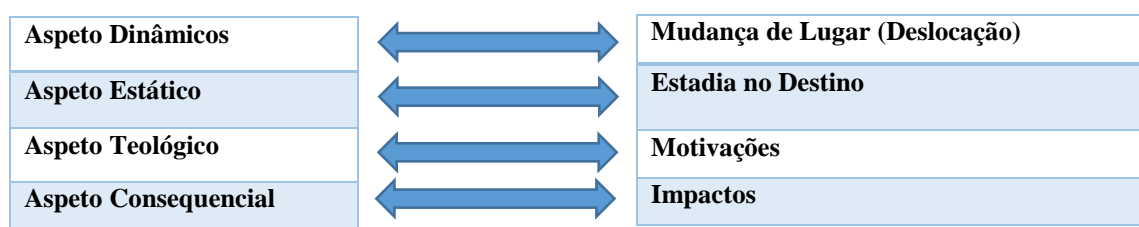
Ao analisar o conceito de turismo de um modo mais generalizado, na perspectiva de Santos (2011), torna-se possível verificar que o turismo apresenta duas vertentes distintas e que se complementam: a vertente quantitativa, estatística e jurídica e a vertente das ciências sociais.

A primeira aborda a área contabilística e económica do turismo, sendo que funciona como um modo de controle do sector através da apresentação de relatórios frequentes alusivos ao fluxo turístico e aos rendimentos do mesmo.

Já segunda vertente encara o turismo como um fenómeno sociocultural e não como algo meramente estatístico, devido à complexidade que este apresenta.

Santana e Agustin (2003, citados por Santos, 2011) perspetivam ainda o turismo como um fenómeno que pode ser definido pela presença de diversos aspetos, tal como é possível verificar na figura seguinte:

Figura 1: *Aspetos que definem o turismo*



Fonte: Santana e Agustin, 2003, citado por Santos, 2011, *Os Impactos do Turismo Religioso, O Caso da Semana Santa em Braga*, p. 20.

Tal como é indicado pela figura anterior, o fenómeno turístico pode ser caracterizado tendo em conta a deslocação realizada pelo turista, a sua estadia, as motivações que o levaram a realizar uma determinada viagem e, por fim, os impactos que este produz nos locais visitados.

No que diz respeito ao conceito de turista, Smith (2004) afirma que um dos primeiros contributos para a sua elucidação ocorreu em 1937, altura em que a Comissão de Peritos em Estatística da Liga das Nações definiu como *turista internacional* aquele que viajasse para um país que não fosse o seu, excedendo o período de 24 horas.

Por seu lado, Norwal (1936) definiu como turista o indivíduo que entra numa região estrangeira com o objetivo de a conhecer. Posteriormente, de acordo com Dias (2005), em 1937, a Liga das Nações declarou que um indivíduo era considerado turista caso efetuasse uma viagem, por razões de prazer, de saúde, ou até mesmo particulares.

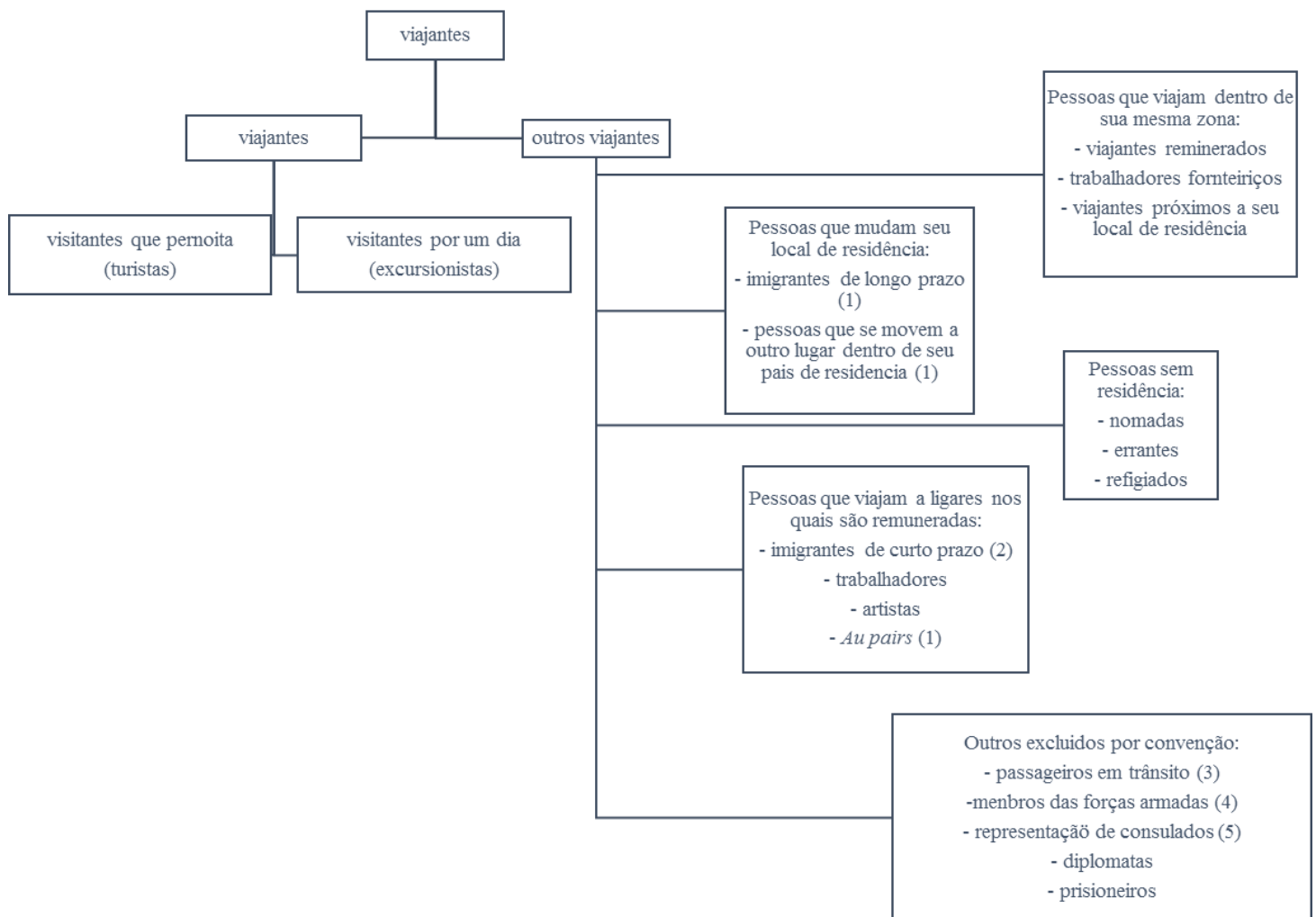
A presente entidade decidiu ainda que da categoria de turista seriam excluídos aqueles indivíduos que chegassem ao local de viagem com o propósito de exercer funções nessa região, ou que visassem fazer daquela localidade a sua residência permanente. Estudantes e jovens que

estivessem em qualquer tipo de programa de intercâmbio escolar ou universitário ficariam igualmente excluídos da categoria.

Nesta linha de pensamento, alguns autores defendem que quando se fala de *turista internacional*, este conceito refere-se paralelamente às atividades que o turista realiza quando se encontra em viagem.

Um indivíduo poderá apresentar diversos motivos para viajar, Dias (2005) citando a OMT, apresenta um diagrama que categoriza os diferentes tipos de viajantes, tal como se pode verificar de seguida:

Figura 2: Diagrama do viajante



1. Com permanência maior de 12 meses.
2. Com permanência menor do que 12 meses.
3. Quando ingressam legalmente.
4. Quando em missão militar (aqui se incluem empregados domésticos que os acompanham)
5. Aqui são incluídos seus empregados domésticos e dependentes.

6. Incluídas as pessoas que os escoltam.

Fonte: OMT, citado por Dias, 2005, *Introdução ao Turismo*, p. 20.

Considerando os aspetos referidos anteriormente acerca do turismo e do turista, Andrade (2002, citado por Marujo, 2008) defende que a complexidade e abrangência do fenómeno turístico fazem com que o turista seja considerado “hóspede pelo hoteleiro, viajante pelo transportador, forasteiro para os policiais, freguês pelos comerciantes e cliente pelos agentes de turismo e viagens” (Marujo, 2008, p.21).

Em modo de conclusão, é possível destacar o facto de que o turismo é um fenómeno extremamente complexo e abrangente. Deste modo, para que, seja possível entender o seu verdadeiro significado, torna-se essencial conhecer as diferentes perspetivas apresentadas por diversos autores.

É ainda de referir que o turismo e o turista são dois elementos indissociáveis e interdependentes, tendo ambos sofrido evoluções relativamente à sua perceção ao longo dos tempos.

1.2. Turismo: Percurso Evolutivo

O turismo movimenta, atualmente, milhões de pessoas. Para que tal seja possível, o sector foi alvo de diversas alterações ao longo dos tempos, adaptando-se às necessidades que a sociedade ia apresentando.

Foster (1992) salienta que, na perspetiva da sociedade atual, é o turismo que possibilita que nos movimentemos de uma região para outra, seja este ato realizado com o propósito de lazer, seja com o propósito de realizar negócios, podendo prolongar-se por dias, semanas, ou meses, num determinado local exterior à localização da habitação de um determinado indivíduo. O vocábulo em questão encontra-se ainda associado às atividades realizadas aquando da chegada a esses locais, assim como ao longo de toda a estada.

De facto, para um turista, o sector do turismo e a sua indústria podem ser descritos como a “máquina dos sonhos” (Foster, 1992, p. 17), pela possibilidade de realização, por breves momentos, de um desejo, sonho ou fantasia de um determinado indivíduo. De certo modo, o turismo permite prodigalizar momentos de deleite, de prazer e de realização que outras áreas não possibilitam.

Relativamente ao primeiro registo da utilização do termo “turismo”, não existe uma opinião uníssona acerca da data em que este surge, mas sim em relação ao século em que a mesma desponta, segundo Albuquerque (2004), diversos autores defendem que a palavra em questão surgiu enquanto conceito no século XVII, mais precisamente na Inglaterra, referindo-se apenas a um determinado género de viagem. Os romanos foram os pioneiros deste ato de viajar por prazer. Albuquerque (2004) afirma que tal é comprovado através da recolha de informações provenientes de gravuras e pinturas que sobreviveram ao longo do tempo, e representam os romanos em momentos destinados a atividades lúdicas, ou então em atividades que envolvessem o culto do corpo e da mente (Albuquerque, 2004).

Posteriormente, em plena Idade Média, a população apenas viajava em situações de necessidade extrema. Neste sentido, Albuquerque (2004) destaca que tal apenas ocorria devido a assuntos oficiais do rei ou do clero, uma vez que o ato de viajar era considerado perigoso.

A mesma autora enuncia que, numa fase posterior, uma vez que as viagens começaram a ser efetuadas com mais regularidade devido ao início da época das cruzadas, este ato começou a apresentar mais segurança para aqueles que o efetuavam. Deste modo, as deslocações pela Europa foram alvo de um aumento gradual, contando com as peregrinações de militares, assim como com as deslocações dos comerciantes e com a troca de docentes e alunos entre instituições educativas da Europa.

Segundo Foster (1992), o lexema turismo foi utilizado pela primeira vez em 1620 por Thomas Mun, numa entrada de um caderno de registo, o qual, mais tarde, foi publicado sob o nome *England's Treasure by Foreign Trade*. O caderno em questão representava na altura o único documento avaliativo dos serviços alfandegários, e contabilizava todas as entradas e saídas de mercadoria e bens pessoais, não apresentando, porém, um registo do número de indivíduos que entravam e saíam de um determinado país devido à falta de documentos comprovativos relativos ao pagamento das viagens.

Assim sendo, Vieira (2006) destaca que é possível verificar que a evolução do sector turístico não passou despercebida, uma vez que, em 1793, foi editado o “Guide d’Espagne et Portugal”, o qual indicava e aconselhava estabelecimentos hoteleiros e comerciais aos visitantes destes países. É ainda importante referir que a edição do referido guia, juntamente com outros aspetos, provocou um aumento da frequência de viajantes provenientes do continente europeu registando-se um crescimento de todos os estabelecimentos de préstimo de serviços, nomeadamente dos serviços de restauração e de hotelaria. Neste sentido, Vieira (2006) refere que se notou um aumento da necessidade de diversificar e modificar os meios de

transporte disponíveis, de forma a que o ato de viajar se tornasse mais fácil e acessível para todos os indivíduos que o pretendessem realizar.

Williams (2004) sublinha que os primeiros estudos alusivos ao turismo datam de 1910, altura em que Shullard apresentava uma perspetiva economicista sobre o turismo, destacando a sua potencialidade internacional. Posteriormente, foram surgindo diversas definições do termo turismo elaboradas por diferentes autores, apresentando todas a mesma visão economicista.

Vieira (2006) destaca que com a evolução do sector turístico, no século XX, se tornou importante a criação de uma entidade que o tutelasse. Assim sendo, ao longo do século em questão, os países europeus, e não só, criaram entidades governamentais com a finalidade de organizar o sector de uma forma mais eficiente e que tornasse possível atender às necessidades e interesses dos seus visitantes. O país pioneiro da presente criação foi a Áustria, seguida pela França em 1910, logo em seguida Portugal em 1911, a Repartição de Turismo de Portugal.

O *Outline of the General Teaching of Tourism* publicado em 1942 por Walter Hunziker e Kurt Krapf que marcaria um ponto de viragem para o turismo, uma vez que “paralelamente à importância da perspetiva económica do fenómeno, (...) apresentavam já um aspeto social e humano do turismo” (Marujo 2008, p.21). Deste modo, a partir do presente momento iniciaram-se diversos estudos alusivos à abrangência e complexidade do turismo, considerando-o alguns autores como uma indústria, outros, como um fenómeno, ou então como uma atividade. Por sua vez, Jafari (2000) considerava o turismo um acontecimento sociocultural, e visto como um negócio.

No que diz respeito à oferta turística, em 1977, como estratégia para apelar aos visitantes foram criados os cupões. Vieira (2006) afirma que a capacidade de atracção relativamente ao estabelecimento que os oferecia, pois, em determinadas situações, os cupões era utilizada com o objetivo de amenizar os gastos nas viagens realizadas. Tendo isto em conta, é de referir que em 1981, surgem os chamados *Traveler`s Checks*, responsáveis por tornar mais seguro e prática a viagem do individuo, tendo sido possível verificar um crescimento das viagens efetuadas neste período. Assim, torna-se possível constatar que o turismo já apresenta o estatuto de indústria há algum tempo, a qual, por sua vez, utiliza principalmente os recursos ostentados pelos locais a visitar, sejam estes desenvolvidos artificialmente, ou então que já se encontram disponíveis para serem utilizados com o propósito de servir a população. Estes últimos serviram como suporte para o turismo, podendo ser alvo de alterações devido ao estabelecimento de interações constantes entre os locais e a população que os visita (Foster, 1992).

Relativamente à evolução do panorama turístico na sociedade, Foster (1992) enuncia que após a Segunda Grande Guerra Mundial, este apresentou outros contornos, na medida em que anteriormente o vocábulo *viajar* nunca era utilizado com muita frequência. Tal deve-se ao facto de que a presente palavra era apenas utilizada por indivíduos com um estatuto social elevado, como aristocratas ou políticos, ou, por vezes, era mesmo utilizada por indivíduos pertencentes a classes sociais mais baixas, mas em determinadas situações, quando se deslocavam para locais com a finalidade de trabalhar.

Atualmente, *viajar* tornou-se algo extremamente comum e banal, para toda a população independentemente do seu estatuto social, uma vez que a modernização e as melhorias efetuadas nas condições do ato de viajar, devido aos constantes avanços associados a este fenómeno tornaram propensa a utilização da palavra em questão como a conhecemos nos dias atuais.

Segundo o *World Travel & Tourism Council* (2014), o sector turístico, no presente ano, continuava a contribuir para a economia mundial em cerca de 10% do PIB e em volta dos 3% para a criação de novos postos de emprego. É possível referir que mais de 1000.000.000 de indivíduos constroem o *corpus* de turistas que, em 2014, recorrendo a diversos meios de transporte, com especial incidência no avião, viajaram para países que não representavam o seu país de habitação.

Em suma, é possível concluir que o turismo sofreu diversas alterações ao longo dos tempos, passando de uma ação realizada por apenas alguns indivíduos para uma ação concretizada por milhões de pessoas por todo o mundo. Deste modo, o turismo representa, atualmente, um ato imprescindível para a grande maioria da população mundial.

1.2.1. Tipos de Turismo

Atendendo à complexidade do conceito de turismo abordado anteriormente, torna-se possível afirmar que existem diversos tipos de turismo atendendo a distintos fatores. Com efeito, segundo Vieira (2006), existem inúmeros formatos de classificação das várias formas de turismo, sendo possível ordená-las consoante a duração e natureza da viagem, e impactos das visitas.

Deste modo, Vieira (2006) afirma que para que os diversos tipos de turismo sejam definidos e categorizados, é necessário compreender que a presente definição depende dos motivos e das intenções dos viajantes. Ou seja, depende dos locais que são selecionados para fazer turismo, seja essa uma escolha feita com o intuito de aprender a cultura ou simplesmente

descansar, e das atividades realizadas mais frequentemente ao longo dessa viagem. É ainda essencial considerar o facto de que existem várias personalidades de viajantes e que essas mesmas personalidades recebem os mais variados encorajamentos e impressões dos locais visitados.

Nesta linha de pensamento, Ignarra (2007) refere que, de entre os diversos tipos de turismo, existe um que se encontra numa fase de crescimento constante: Veranismo. Com efeito, este corresponde a locais que, em determinados períodos do ano, recebem um grande número de turistas devido ao clima ameno que se faz sentir. Deste modo, o Veranismo ocorre em regiões que apresentam climas tropicais e que se encontram mais próximas da zona equatorial do planeta, de forma a que os turistas possam usufruir das diversas praias que estas zonas oferecem. O mesmo autor destaca ainda que, de um modo geral, este fenómeno é caracterizado pela duração prolongada da estadia e por se verificar uma maior afluência de turistas no período de verão. É ainda de mencionar o facto de que os indivíduos que realizam este género de turismo apresentam sempre as mesmas preferências no que alude à seleção de um destino.

Segundo Ignarra (2007), o turismo pode ser classificado segundo a extensão da viagem: local, quando esta ocorre em regiões vizinhas; regional, quando ocorre em regiões que se encontram num raio de 200 ou de 300 km de afastamento do local de residência do viajante; doméstico, caso a viagem ocorra no interior da região de residência do viajante e, por último, internacional, caso se verifique uma saída para fora da região ou país de residência do viajante.

A procura pelo turismo, nomeadamente pelo turismo cultural tem crescido de forma exponencial nos últimos anos. Assim sendo, torna-se fundamental apresentar uma breve caracterização do mesmo. Com efeito, de acordo com Santos (2011), o turismo cultural apresenta como fundamento e propósito a procura do “elo entre o passado, o presente e o futuro” (p. 9), a procura por uma herança deixada pelo tempo e pelas pessoas que por aquele lugar passaram. O mesmo autor afirma ainda que este tipo de turismo simplifica a revalorização dos velhos costumes, procurando com isto reavivar e redescobrir o património cultural, podendo este constituir algo palpável, ou não.

Santos (2011), citando a Internacional Council on Monuments and Sites (ICOMOS) (1979) define turismo cultural como a realização de uma viagem para qualquer localidade ou país, desde que esta apresente o intuito de experienciar o máximo possível da sua cultura. Como exemplo de elementos culturais de um determinado local temos as tradições, a gastronomia e o património disponível.

Por sua vez, a Organização Mundial do Turismo (OMT) (1985) declara que o turismo cultural compreende todas as deslocamentos realizadas por indivíduos que pretendem satisfazer a necessidade de aumentar e/ou diversificar o seu conhecimento cultural, assim como as suas práticas fora do seu âmbito comum.

É de realçar o facto de que, de acordo com Richards (1996, citado por Santos, 2011), o surgimento deste género de turismo é responsável por apresentar uma alternativa ao turismo de massas, o qual se caracteriza pela visita a lugares paradisíacos. O mesmo autor destaca que devido a este surgimento tornou-se possível verificar um aumento do nível de concorrência entre os dois tipos de turismo em questão. De facto, o turismo cultural foi alvo de uma grande evolução ao longo dos anos, na medida em que foram desenvolvidas novas ofertas culturais, apresentando um cuidado de melhorar também aquelas que já existiam. Assim, é importante referir que o turismo cultural tem vindo a desenvolver-se desde o fim dos anos setenta, pois sentiu necessidade de se adaptar ao mercado de forma a que fosse possível concorrer com as restantes alternativas disponíveis (Richards, 1996, citado por Santos, 2011).

Considerando os aspetos supracitados, Santos (2011) enuncia que foi possível denotar um grande aumento do turismo cultural na nossa sociedade, o que, por consequência, conduziu a um aumento significativo de estudos e investigações desenvolvidas relativamente ao presente tema.

1.2.2. O Destino Turístico

No campo turístico, o vocábulo “destino” é utilizado por diversos autores de várias formas. Com efeito, “o destino pode ser visto como uma narrativa, como uma atracção, como uma unidade geográfica, como um objeto de marketing ou como um lugar onde o turismo acontece” (Marujo 2008, p.44).

Marujo (2008), citando a Organização Mundial de Turismo (1995), enuncia que um destino turístico pode ser encarado como um local significativo para o turista, apresentando como objetivo visitar o local em questão ao longo das suas viagens. A presente perspetiva, segundo Fabeiro (s.d., citado por Marujo, 2008) apresenta três visões distintas alusivas ao destino, sendo estas: a perspetiva geográfica (espaço separado do local onde o turista vive); a perspetiva económica (local onde o turista passa um maior período de tempo e, assim, onde efetiva um maior gasto económico) e a perspetiva psicográfica (o destino que apresenta a principal razão da viagem). Deste modo, a autora em questão “considera que os destinos fazem

referência a um lugar geográfico com elementos singulares que motivam o deslocamento do turista para visitá-lo” (Fabeiro, s.d, citado por Marujo 2008. P.44).

Por sua vez, para Alcañiz, Aulet e Simó (2000, citados por Marujo 2008, p.44), “os destinos são uma combinação de produtos turísticos que procuram oferecer uma experiência integrada aos turistas” (Marujo 2008, p.44).

No que diz respeito às especificidades dos destinos, Cooper et al (2008) destacam que apesar do facto de existirem diversos destinos, há determinadas características que são partilhadas pela grande maioria. Assim sendo, é possível referir que os destinos são experiências culturais; são inseparáveis do acto turístico (o turismo é consumido no local onde é produzido) e são utilizados por diversos grupos, e não apenas por turistas. Os mesmos autores referem ainda que devido à alteração e ao rápido crescimento do sector turístico, a procura de destinos excede a sua oferta, o que é responsável por pressionar estes mesmos destinos.

Deste modo, torna-se necessário proceder à oferta de novos e diferentes destinos, tendo em conta que para que estes tenham sucesso é preciso conhecer e considerar os gostos, interesses e motivações dos turistas.

Para demonstrar a relação existente entre destino e turista Marujo (2008), refere que “um destino une todos os aspetos do turismo, ou seja, todos os aspetos da procura e da oferta. Logo, os destinos turísticos são a razão de ser do turismo, já que satisfazem a necessidade de viajar” (p.45). De facto, o destino representa o facto com maior relevância para a indústria turística, uma vez que não se preocupa apenas em apresentar um foco para a realização de turismo, mas também em representar elementos atrativos para o turista (Cooper et al., 2008).

Os mesmos autores destacam ainda que são os elementos atrativos presentes num determinado destino (eventos, recursos naturais, etc.) que motivam o turista a visitar esse local. Deste modo, os autores expressam a importância dos serviços turísticos para divulgarem os destinos.

Em suma, é importante destacar o facto de que o destino turístico se reveste de extrema importância, pois apresenta como finalidade apelar ao turista, incentivando-o a visitar um determinado local. Assim sendo, torna-se imprescindível que os destinos turísticos apresentem especificidades únicas e diversificadas, de modo a satisfazer as necessidades e os gostos dos turistas que os visitam.

1.2.2.1 O Ciclo de Vida do Destino Turístico

Marujo (2008) destaca que o turismo experimenta uma conduta cíclica. De facto, “um destino turístico tem um ciclo de vida que vai desde o seu descobrimento enquanto local turístico até ao seu declínio” (Ignarra 2001, citado por Marujo, 2008, p.45). Nesta linha de pensamento, existem alguns autores que consideram que o ciclo de vida de um determinado destino apresenta quatro fases: introdução, crescimento, maturação e declínio. Por sua vez, existem outros autores que defendem que o ciclo engloba cinco fases: desenvolvimento, introdução, crescimento, maturação e declínio. Butler (1980, citado por Marujo, 2008) reformou este ciclo de vida, enunciando a existência de seis fases ao longo do mesmo. Estas fases são as seguintes: exploração, envolvimento; desenvolvimento, consolidação, estagnação, declínio e rejuvenescimento. No que diz respeito à exploração, esta é uma etapa em que os destinos turísticos acolhem os turistas de uma forma espontânea. Existe uma descoberta do destino pelos visitantes, os quais apresentam um espírito aventureiro. A produção local consegue atender às necessidades, tanto da população como dos seus visitantes, e não existe perda dos recursos económicos. “Esta etapa, que dá origem a mudanças de ordem política, social e económica, provoca a emergência de um novo produto” (p.46).

Por sua vez, a fase do desenvolvimento é caracterizada pelo facto de que a população local reconhece que o turismo pode apresentar diversas vantagens e, portanto, tenta “aproveitar as iniciativas locais para a constituição de instalações e acomodações. Dá-se, deste modo, o início de um processo de envolvimento da comunidade com os visitantes” (Marujo, 2008, p.46). Apesar disto, devido aos poucos recursos sociais e financeiros disponíveis, o desenvolvimento acaba por ocorrer de uma forma lenta. A principal especificidade dessa fase consiste em que existe um crescimento do número de turistas, verificando-se, portanto, uma substituição dos aventureiros pelos exploradores. É ainda de referir que a interação entre a população local e os turistas, embora um pouco mais formalizada, continua a ser pessoal e a intensidade de fluxo turístico e a sua taxa de crescimento são ainda manobráveis (Marujo, 2008).

Marujo (2008) destaca que relativamente ao desenvolvimento esta representa a etapa em que um determinado local surge, de facto, como destino turístico. Caracteriza-se esta fase por se encontrar associada a um período em que se verifica um aumento, tanto de procura como de oferta. Neste sentido, “surtem investimentos externos que procuram estimular ainda mais a procura, e há um aumento significativo do número de turistas” (Marujo, 2008, p.46). Por outro

lado, a população local acaba por perder algum controlo sobre o desenvolvimento, visto que a oferta aumenta e começa a apresentar uma maior variedade, o que provoca alterações nas especificidades de um determinado destino turístico. Ainda nessa fase, “o controle da oferta passa, de uma forma progressiva, da iniciativa local para os agentes externos” (Marujo, 2008, p.46) e o turismo começa a contar com os operadores turísticos, os quais são indispensáveis no processo de divulgação dos destinos e na sua acessibilidade.

No que toca à fase de consolidação, Marujo (2008) refere que esta acontece no seguimento de um período de grande aumento turístico. Tal deve-se ao facto de o destino começar a ser encarado como um produto, sendo divulgado pela ação dos promotores de turismo nos mais diversos contextos. De facto, visto que ocorre um grande desenvolvimento dos destinos, adaptando-os às diversas necessidades e interesses dos visitantes, este produto origina o turismo de massas. Deste modo, devido ao presente crescimento turístico que se verifica num determinado destino, este sector apresenta extrema importância para a economia local, uma vez que é responsável pela criação de postos de trabalho.

Por sua vez, a estagnação representa a fase mais frágil, pois surge um sentimento de dúvida relativamente ao futuro do destino turístico. Ao longo deste período, a quantidade de turistas atinge o seu auge e “o limite da capacidade de carga (número máximo de turistas) do destino pode ter sido ultrapassado, o que poderá provocar problemas sociais, económicos e ambientais” (Marujo, 2008, p.47). Nesta fase é ainda possível verificar a existência de um maior distanciamento entre os residentes e os visitantes, e de uma dificuldade em continuar a aliciar novos turistas.

Por fim, no que se refere à fase do declínio/rejuvenescimento, ela representa o fim da sucessão dos tipos de turista referidos anteriormente (aventureiro, explorador e turista de massas), o que significa que os visitantes já não têm interesse em visitar um determinado destino turístico. Neste sentido, é possível imaginar diversos cenários: o aumento do declínio ou o rejuvenescimento. Relativamente ao primeiro, “o destino não teve êxito em mudar a sua imagem o que faz com que o número de turistas decresça e com que os investidores se desloquem para outras localidades” (Marujo, 2008, p.47). A população residente é capaz de compreender e de aceitar que tanto a sua cultura como o seu meio ambiente sofreram modificações irreversíveis e que, poderá ser demasiado tarde para reverter a presente situação. Por outro lado, em algumas situações é possível rejuvenescer o destino. Desta forma, antes que os danos sofridos por um destino se tornem irreversíveis, é imprescindível proceder à realização de diversas ações previamente planificadas para que este possa experimentar um processo de rejuvenescimento. Marujo (2008) destaca ainda que

nesta etapa, sobretudo no processo de rejuvenescimento que engloba o desenvolvimento de novos produtos e recuperação dos já existentes, os meios de comunicação desempenham um papel crucial na divulgação dos mesmos. É, muitas vezes, através dos meios de comunicação que esses novos produtos ou a recuperação dos já existentes são dados a conhecer a potenciais turistas (Marujo, 2008, p.47).

De acordo com Dias (2003, citado por Marujo, 2008), cada etapa é associada a um determinado impacto económico, ecológico e sociocultural, e nem todos os destinos turísticos experimentam todas as fases enunciadas. É ainda de referir que a sua duração não apresenta um carácter fixo, uma vez que esta varia em função da influência de diversos elementos, nomeadamente as estratégias utilizadas e as características de um determinado produto.

Em jeito de conclusão, é possível referir que os destinos turísticos constituem uma peça fundamental para que a ação turística ocorra, na medida em que são responsáveis por atrair os turistas em função das características e benefícios que apresentam. É necessário ter em conta o facto de que os destinos não apresentam um carácter fixo e que, deste modo, experienciam diversas fases ao longo do seu ciclo de vida, necessitando, num determinado momento, de se adaptar às circunstâncias e de alterar a sua imagem de modo a permanecer um destino turístico.

1.2.2.2. A Imagem do Destino Turístico

Devido ao desenvolvimento de sector turístico no mercado global e das tecnologias de informação e comunicação, o turismo assume um carácter cada vez mais competitivo para os locais onde ocorre. Como desenvolvimento de novos destinos turístico, surge, atualmente, um novo desafio para as organizações promotoras: sobreviver num “mercado mais complexo, mais competitivo que exige uma estratégia eficaz para conseguir um posicionamento adequado no mercado” (Marujo, 2008, p.48). De acordo com Calantone, Benetto, Hakam y Bojanic (1989, citados por Marujo, 2008), o principal facto para alcançar este posicionamento consiste em tornar um destino único e atrativo. De facto, para que um destino turístico apresente sucesso, torna-se imprescindível que este disponha de alguns elementos, nomeadamente as atrações e a sua localização. No entanto, existe um elemento que, muitas vezes, representa um aspeto primordial para que o turista se desloque para um determinado destino: a imagem do próprio destino.

De facto, “ela [a imagem], de certa maneira, forma a base das expectativas dos turistas. Num mundo em que quase tudo é representado através das imagens, torna-se quase impossível o ser humano viver sem a produção delas” (Marujo, 2008, p.48).

Marujo (2008) cita Woodside e Lysonski (1989) e Um e Cropmton (1990), explanando os modelos desenvolvidos para a seleção de um determinado destino turístico. Para o modelo de Woodside e Lysonski (1989), torna-se imprescindível a existência de dados informativos alusivos aos variados destinos, de modo a que o turista os conheça. Posteriormente, do grupo de destinos apresentados, o viajante demonstrará preferência por algum destes. Neste processo, as especificidades pessoais do turista (estilo, gostos, interesses, entre outros aspetos) e as variáveis de marketing (preço, publicidade, etc.) apresentam influência sobre a decisão do turista. As presentes variáveis demonstram ainda a importância da imagem dos destinos turísticos, uma vez que “sem ela não é possível o potencial turista selecionar um destino para visitar” (Marujo, 2008, p.48).

Por sua vez, o modelo desenvolvido por Um e Crompton (1990) enfatiza que “o facto de um potencial consumidor ter acesso a um conjunto de destinos conhecidos já é um bom ponto de partida para o seu processo de escolha” (Marujo, 2008, p. 48). Numa fase posterior, a influência de fatores externos e internos, os quais são responsáveis por uma diminuição progressiva dos destinos, tornando a opção final mais simples. Por outras palavras, o combinado inicial de destinos que o turista conhece é influenciado por fatores externos, enquanto o processo de diminuição dos destinos presentes no conjunto inicial é influenciado pelos fatores internos. Com efeito, de acordo com Um e Crompton (1990, citados por Marujo, 2008), os fatores externos “consistem na soma das interações sociais e comunicações de marketing às quais o potencial viajante está exposto” (Marujo, 2008, p. 48). Por outro lado, os fatores internos, consistem nas motivações, interesses, valores e atitudes do turista. À semelhança do modelo explanado anteriormente, este também demonstra a importância da imagem de um determinado destino turístico, destacando que esta representa um elemento essencial no processo de selecção do mesmo.

Um e Crompton (1991, citados por Marujo, 2008) referem ainda que a imagem de um determinado destino advém de atitudes relativamente às atrações turísticas do lugar conhecido pelo turista. De acordo com os mesmos autores, “os turistas potenciais têm um conhecimento limitado das características sobre um destino turístico que nunca visitaram antes” (Marujo, 2008, p. 49), razão pela qual a imagem de um determinado destino turístico constitui um elemento crucial no processo de seleção do destino.

Considerando os aspetos referidos anteriormente alusivos à imagem de um destino turístico, torna-se fundamental definir o seu conceito. Com efeito, Marujo (2008) afirma que apesar de haver inúmeros estudos relativos a este aspeto, o conceito em questão origina sempre

debate, e perspectivas diversas sempre se propõem. Neste sentido, Marujo (2008) cita diversos autores apresentando, desta forma, diferentes conceitos da imagem de um destino turístico.

Deste modo, na perspectiva de Crompton (1979), a imagem de um destino turístico consiste na “soma de todas as convicções, expectativas, ideias, sentimentos e impressões que um indivíduo tem[*sic*] acerca de um lugar” (Marujo, 2008, p. 49). Por sua vez, de acordo com Milman e Pizam (1995), “a imagem de um destino pode ser referida como a impressão visual ou mental de um lugar, um produto ou uma experiência usufruída pelo público geral” (Marujo, 2008, p. 49). Já para Mackay e Fesenmaier (1997) e para Gartner (1993), a imagem de um destino turístico consiste na impressão que o turista tem acerca das atividades e atrações turísticas presentes num determinado local.

Apesar de serem todos distintos, é possível verificar que em todos os conceitos apresentados existem três abordagens presentes no processo de caracterização da imagem de um destino: perspectiva perceptual (valorização das características atrativas de um destino); perspectiva afetiva (sentimentos que advêm do destino); e perspectiva global (baseia-se na recolha de informação de um indivíduo sobre um determinado local) (Paiacio, Santana & Gil, citados por Marujo, 2008).

Considerando os aspetos referidos anteriormente, é possível mencionar que, de uma maneira geral, a maioria dos autores considera que o conceito de imagem de um determinado destino turístico consiste numa perceção global. Apesar deste facto, surgem algumas diferenças quando é pretendido determinar os elementos que influenciam a presente perceção. Nesta linha de pensamento, enquanto que para Crompton (1979, citado por Marujo, 2008) a imagem de um destino apresenta apenas aspetos cognitivos, McCleary (1999, citado por Marujo, 2008) refere que esta é constituída por componentes cognitivos, afetivos e globais. Estas componentes são essenciais para

Compreender melhor como as pessoas valorizam os destinos turísticos, pois enquanto a componente cognitiva reflete o conhecimento que os indivíduos têm das características do destino, o componente afectivo constitui a resposta emocional que os indivíduos expressam do destino (Marujo, 2008, p. 50).

Milman e Pizam (2000) elaboraram um modelo cognitivo que defende que a imagem de um determinado destino turístico é composta por três elementos, sendo eles: o produto (qualidade, custo, etc.); o comportamento e atitudes demonstradas pelos residentes e o ambiente (tempo, condições, etc.).

De um modo geral, é possível aferir que a opção de visitar um determinado destino se encontra dependente da imagem que o turista apresenta do destino em questão. Devido a este

aspecto existe uma enorme preocupação das entidades promotoras em apresentar e divulgar uma imagem positiva dos destinos turísticos que pretendem promover. Neste sentido, “para convencer o consumidor das qualidades de um destino turístico, há necessidade de uma estratégia de comunicação que transmita ao mesmo uma imagem do destino a ser fruído” (Marujo, 2008, p. 50).

Em jeito de conclusão, é possível referir que “o espaço turístico é uma imagem construída pelos meios de comunicação e pelas representações daqueles que pretendem viajar” (Marujo, 2008, p. 51). Ou seja, um indivíduo que pretende viajar produz uma imagem mental e/ou visual alusiva a um determinado destino turístico tendo como base os meios de comunicação e as informações provenientes de outros indivíduos. Deste modo, torna-se visível a importância da divulgação dos destinos turísticos, pois apenas deste modo é que estes poderão contar com números elevados de visitantes.

1.2.3. Mundialização e Turismo

Atualmente vivemos num mundo globalizado, sendo este caracterizado por Marujo (2008, p. 15) como uma época em constante e rápida mutação, o que provoca alterações no consumismo, na forma de pensar e nos vários serviços que se associam a estas modificações. O presente fenómeno de globalização ocorreu devido a diversas inovações no campo das comunicações e da informática. Nesta linha de pensamento, a conceção e dispersão das tecnologias que foram surgindo ao longo dos tempos, possibilitaram encurtar, não só o tempo, mas também a distância entre diversos locais. As novas tecnologias possibilitaram e aceleraram “o movimento de pessoas, a circulação e consumo de bens, informações e conhecimento à volta do mundo” (Marujo 2008, p.15-16).

O avanço tecnológico apresentado pelos meios de comunicação, tornou-se possível “a intensificação da interação entre as nações e a disseminação de informação” (Marujo 2008, p.16). Por sua vez, relativamente ao campo económico, “existe uma transformação qualitativa e quantitativa das relações” (Marujo 2008, p.16).

De facto, o mundo tornou-se, simultaneamente, “grande e pequeno, articulado e multiplicado, homogéneo e plural” (Marujo 2008, p.16). Deste modo, é possível afirmar que a mundialização consiste num fenómeno sem retorno e que envolve todos os indivíduos do nosso planeta. O campo turístico e visto que este é responsável por comprimir e unir diversos locais

presente no mundo. Neste sentido, “devemos considerar o turismo como um fenómeno irreversível, que liga as mais distantes partes do globo e aumenta a consciência dos povos sobre o lugar ocupado pelas suas sociedades no mundo e a ligação que possuem umas com as outras” (Dias, 2003, citado por Marujo, 2008. p.17).

Segundo Moletta e Garcia (2001, citados por Marujo, 2008), existem dois fenómenos que se complementam e se relacionam entre si: a globalização e a revolução das tecnologias de informação e comunicação. Os mesmos autores referem ainda que “a globalização, através da difusão de ideias e visões sobre o mundo, a cultura, a educação e as diferentes formas de viver dos diferentes povos do mundo, chega a inúmeros lugares ao mesmo tempo, através das tecnologias da informação” (p.17).

Deste modo, os dados informativos alusivos ao campo turístico disseminados através dos meios de comunicação eletrónicos originam “uma representação global de locais e de culturas e incentivam o desejo de visitá-los” (Marujo 2008, p.17). Assim, o turismo é influenciado pelo fenómeno da globalização ao mesmo tempo que “contribui para a sua expansão e consolidação, facilitando a comunicação e aumentando o intercâmbio de ideias por todo o mundo” (Marujo 2008, p.18). Deste modo, é possível referir que

(...) o turismo contribui para o desenvolvimento de uma consciência global e, assim, pode-se afirmar que o turismo é um fenómeno universal que liga todas as partes do sistema global, que aumenta a compreensão dos indivíduos de pertencerem a um determinado local, pois a presença de outro (visitante) e as suas diferenças, faz com que haja um fortalecimento da identidade cultural (Marujo, 2008, p.18).

Segundo Dias (2003), de acordo com uma perspetiva cultural, a globalização apresenta dois panoramas inversos. O primeiro panorama, mais difundido, considera a globalização como um fenómeno que provoca a homogeneização cultural. No presente panorama, as diversas culturas são influenciadas por uma variedade de produtos culturais disponíveis ao longo do globo, nomeadamente produtos ligados à alimentação e ao vestuário. Assim, ao estabelecer uma ligação entre a perspetiva apresentada e o turismo, torna-se visível que o panorama em questão pode constituir uma ameaça às especificidades de uma determinada cultura, nomeadamente aos seus costumes. O mesmo autor refere ainda que o turismo não só influencia como também é influenciado pelo “efeito de demonstração promovido pelos turistas que difundem hábitos, ideias e costumes” (Marujo 2008, p.18), assim como pelo desenvolvimento experienciado pelo turismo proporcionado pelas ferramentas de difusão existentes, como por exemplo os meios de comunicação.

Por sua vez, o segundo panorama apresentado por Dias (2003) consiste na fragmentação cultural e nos conflitos interculturais.

Com a presença da mundialização, o turismo não pode ser considerado apenas numa perspetiva nacional. “O consumo turístico acontece numa perspetiva global e, por isso, o planeamento estratégico de um destino turístico num determinado país dever ser local, mas pensado globalmente” (Marujo 2008, pp.18-19). Tal significa que, no campo turístico, devem ser considerados determinados aspetos, nomeadamente a qualidade dos atendimentos, a satisfação do turista e a variedade de pontos de atracção.

Em modo de conclusão, é ainda importante referir que a mundialização é responsável por favorecer a ocorrência de diversas atividades. Porém, torna-se imprescindível “estar atento à globalização para que não se assista a uma perda das características culturais dos produtos turísticos” (Marujo 2008, p.19). Neste sentido, a globalização não deve promover a perda da identidade cultural das diversas sociedades presentes no nosso planeta, mas sim proporcionar momentos de descoberta de novos locais e de novas culturas.

CAPÍTULO II – Antecedentes de Entidades Turísticas na Região Autónoma da Madeira

No decurso do presente capítulo será realizada uma breve panorâmica das entidades turísticas presentes na ilha da Madeira, desde a Comissão de Turismo, fundada no ano de 1930, até a caracterização da Secretaria de Propaganda Nacional, fundada em 1940.

Neste capítulo é possível verificar que o Arquipélago da Madeira apresenta uma posição turística de destaque desde 1924. As inúmeras especificidades, nomeadamente a sua beleza, a sua serenidade e a sua receção ao turista, a região foi marcando posição no turismo mundial de forma gradual e a beleza do Arquipélago, a sua serenidade, a cultura e receção ao turista, são responsáveis desde 1924 por um lugar de destaque no sector turístico. Foi necessário desde então que sucessivas entidades viessem assumir os destinos do turismo da região.

2.1. Comissão de Turismo

A Comissão de Turismo, fundada em 1930, revestia-se de grande importância na comunidade madeirense, uma vez que iria desempenhar um papel fundamental para que o sector apresentasse uma determinada organização e estruturação de forma que fosse possível atingir os objetivos delineados por essa mesma organização aquando da sua data de origem.

Registos provenientes do ano de 1924 comprovam que já existia muita atividade turística na ilha da Madeira. Por conseguinte, o próximo passo consistiu na procura por indivíduos minimamente qualificados para efetuar determinados serviços associados ao turismo, nomeadamente guias-intérpretes (Silva, 1985).

Segundo Silva (1985), com o enorme fluxo turístico que se fazia sentir no ano de 1930, o qual era constituído na sua grande maioria por indivíduos com um elevado estatuto social, iniciou-se um período de mudança no paradigma turístico da região, coincidente com a crescente depressão económica mundial que culminou no enorme confronto da Segunda Guerra Mundial. A fundação da Comissão de Turismo em 1930 vinha sustentar o estudo das medidas tomadas na região que seriam necessárias para que fosse possível desenvolver a propaganda turística da região.

Silva refere que na primeira reunião oficial desta organização ocorreu a 10 de novembro desse mesmo ano, a qual contou com a participação de duas comissões: a comissão da Junta Geral do Distrito e a comissão da Câmara Municipal do Funchal, ambas nomeadas pelo

Governador Civil e Militar, Coronel Jaime Maria de Freitas, com o objetivo de elaborar um estudo para que se conhecesse que medidas tomar de modo a que o desenvolvimento e a propaganda do turismo regional fossem capazes de prosperar.

Silva (1985) destaca ainda que ficava por definir uma outra entidade que assegurasse a dinamização das festividades madeirenses na cidade do Funchal, a qual representava o núcleo da comunidade madeirense. Esperava-se que tal entidade apresentasse como missão aumentar ainda mais o fluxo turístico para a região, tendo surgido, assim a Comissão de Festas da Cidade em 1932.

2.2. Comissão de Festas da Cidade

A “Comissão de Festas da Cidade”, criada em 1932, tinha atribuições na organização, de modo a que fosse possível amplificar ainda mais o prisma turístico da região, assim como desenvolver projetos em conjunto com outras organizações envolvidas no mesmo sector (Silva, 1985).

A entidade tinha a sua área de atuação centrada na capital madeirense. Deste modo, tornou-se verificável um fraco aproveitamento do restante território assim como a escassa existência de informações sobre o restante arquipélago. Para colmatar estas falhas foi criada uma entidade que pudesse desenvolver e tratar a informação sobre os locais turísticos, nomeadamente os espaços comerciais e as unidades hoteleiras, entre outros aspetos.

2.3. Agência Oficial de Turismo

Numa fase posterior, em 1934, a Junta Geral do Distrito do Funchal formou o Corpo Auxiliar de Polícia de Trânsito, de Turismo e de Guardas-noturnos. Este “corpo”, ainda no neste ano, fundou a Agência Oficial de Turismo, a qual seria a antecessora da Delegação de Turismo da Madeira. A Agência Oficial de Turismo disponibilizava apoio gratuito informativo sobre hotéis, pontos de interesse da região e excursões, tendo, inclusive, chegado a receber reclamações sobre os mesmos, e vindo a atuar neste campo. Por fim, a entidade era ainda responsável por afixar, na sua sede, publicações hoteleiras, de casas de vinhos, de bordados e de outros estabelecimentos comerciais da região (Silva, 1985).

Desta forma, com uma entidade organizadora no sector turístico do Arquipélago da Madeira, com outra responsável por dinamizar as festas madeirenses e com uma terceira que

se debruçava sobre a parte informativa deste sector, Silva (1985) afirma que o próximo passo a concretizar seria o desprender destas novas instituições do poder centralizado. Surgiria, assim, a Delegação de Turismo da Madeira, que pretende, em parte, descentralizar o poder decisivo no sector do turismo do governo central para o governo regional vigente.

2.4. Delegação de Turismo da Madeira

De acordo com Barros (2011), em pleno contexto de crise económica mundial, nos anos 40, o turístico na Madeira é alvo de uma completa reforma, a qual foi vista como a realização de um esforço de modernização e reestruturação e, deste modo, a 5 de setembro de 1936 foi fundada a Delegação de Turismo da Madeira, que se encontrava sob tutela do Ministério do Interior em conformidade com o Decreto-Lei 20680. O mesmo autor afirma que a organização supracitada era constituída por um presidente, Dr. João Abel de Freitas, um secretário e um tesoureiro, tendo-se este grupo reunido para a reunião inaugural a 11 de março de 1937, mais precisamente no primeiro piso do Grand Café Golden Gate na avenida Arriaga, na cidade do Funchal. Esta entidade operou no local em questão ao longo de 10 anos.

Para Barros (2001), a fundação deste organismo representou um passo essencial na descentralização por parte do Estado, o que significou que a ilha da Madeira passou a ser vista como uma estância de turismo. Com isto, a política turística local começou a ser responsabilidade da entidade em questão, embora ainda dependente do Conselho de Turismo e Ministério do Interior.

Segundo Barros (2001), devido ao facto de ter sido retirado parte do poder decisivo ao governo central, mais concretamente ao Conselho de Turismo e ao Ministério do Interior, o Arquipélago da Madeira passou a usufruir de uma posição de estância de turismo. O presente autor destaca ainda que, não obstante da autonomia conquistada pela Delegação de Turismo da Madeira, ela ainda continuava dependente do governo central.

Após esta ténue descentralização, o Conselho de Turismo e o Ministério do Interior foram palco de algumas alterações ao nível da sua organização. Por conseguinte, o governo central do sector do turismo foi dissolvido e fundou-se uma outra entidade administradora do mesmo sector em Portugal - o Secretariado de Propaganda Nacional (Barros, 2011).

2.5. A modernização

Segundo Silva (1985), após o ano de 1936, com a sombra da Segunda Grande Guerra Mundial, todas as tentativas transatlânticas eram dificultadas. Estas tentativas eram fundamentais para a região pois quase todas as travessias em questão apresentavam uma paragem regular no Funchal. Tal apresentava um papel essencial para o turismo, na medida em que possibilitava proceder à sua organização de forma a produzir trabalhos de preparação para receber os turistas.

Marujo (2013) destaca que em 1964 a inauguração do aeroporto de Santa Catarina pelo Presidente da República na época, Almirante Américo Tomás, apresentou uma mudança de paradigma no turismo.

Com este grande passo, inicia-se uma nova época para o turismo madeirense. O turismo poderia, deste modo, apresentar um carácter mais modernizado, uma vez que a ligação da Madeira com o exterior já não seria feita somente através da via marítima, sendo que a partir desse momento esta ligação também poderia ser realizada através de voos domésticos e internacionais, contando ainda com a possibilidade da aterragem de “charters”.

Com este novo período, o fluxo turístico apresentou um crescimento avultado e, por conseguinte, surgiram novas infraestruturas hoteleiras, sendo que o índice de ocupação das mesmas quase triplicou nos anos seguintes. É ainda possível afirmar que este resultado se encontra também associado ao contínuo processo de desenvolvimento que vinha sendo promovido desde 1924 na ilha da Madeira. (Silva, 1985)

Uma vez terminado um período conturbado para a humanidade, posteriormente iniciaria-se um outro para Portugal e seus territórios: a guerra do Ultramar e a revolução que este confronto instigou no país, a qual foi responsável por provocar uma mudança no paradigma Turístico Madeirense.

Com efeito, de acordo com Baptista (2005), em 1974, após o 25 de Abril e com o país sob um governo provisório, o turismo passou a fazer parte integrante da Secretaria de Estado do Comércio externo e Turismo, a qual se encontrava sob dependência do Ministério da Coordenação Económica. O mesmo autor destaca ainda que em 1976 foi fundado o Ministério do Comércio e Turismo, o qual já contava com a sua Secretaria de Estado de Turismo, onde se integra a DTM (Delegação de Turismo da Madeira). Esta, por sua vez, procurou evidenciar e defender os costumes e tradições regionais. Ainda neste mesmo ano, Baptista (2005) destaca que a Madeira passou a apresentar órgãos autónomos, sendo que, deste modo, ocorreu uma

separação do organismo central de governo. Como consequência deste aspeto, a ilha da Madeira começou a ser designada por Região Autónoma da Madeira (RAM).

Nesta linha de pensamento, Baptista (2005) ressalva que a 8 de setembro de 1978, em consonância com o Decreto-lei nº 281/78, o organismo central transferiu as proficiências de gestão turística para a RAM, passando a DTM a estar sob a alçada da Secretaria Regional da Economia. Contudo, em 1979, a DTM cessou toda a sua atividade organizacional, sucedendo-lhe a Direção Regional de Turismo (DRT) que, atualmente, apresenta as funções de mobilizar todas as iniciativas turísticas desenvolvidas na região.

Tendo já abordado as entidades que surgiram ao longo dos tempos na RAM, que tornaram possível a evolução contínua do sector turístico, gerindo da melhor forma e oferecendo o que de melhor temos na região, em termos de cultura, natureza, entre outros, passaremos para o seguinte ponto a tratar, a organização de eventos.

Em seguida passaremos para as ferramentas que foram utilizadas para que fosse possível essa evolução, falamos da organização de eventos, instrumentos teóricos que as entidades anteriormente referidas se serviram para tornar mais chamativo o destino Madeira.

CAPÍTULO III - Organização de Eventos

Ao longo do presente capítulo serão referidos alguns elementos alusivos à organização de eventos, uma vez que a prática do estágio se baseou, efetivamente, neste aspeto, procurando sempre apelar a diferentes públicos e proporcionar momentos de prazer, animação e satisfação aos indivíduos que participassem nos eventos organizados.

Deste modo, inicialmente será realizada uma breve referência evolutiva da organização de eventos, destacando alguns marcos históricos da temática em questão. Posteriormente, segue-se a definição e classificação dos eventos existentes.

Neste sentido, para terminar o presente capítulo, serão referidos e caracterizados os diferentes tipos de eventos, assim como as suas finalidades.

3.1. Evolução da Organização de Eventos

Ao longo dos tempos sentiu-se sempre necessidade de organizar confraternizações entre indivíduos. Inicialmente, estas confraternizações visavam celebrar fenómenos naturais, nomeadamente a mudança de estações do ano. Numa fase posterior, as razões que conduziam

à organização e participação nas confraternizações “foram variando, desde os festejos de determinados fenómenos ou ocasiões especiais da sociedade, à experimentação (...), convívio social, intercâmbio de conhecimento e satisfação das necessidades intelectuais” (Isidoro et al., 2013, p.15).

Quando a organização de um determinado evento é bem-sucedida, a mesma é responsável por apresentar um grande impacto na sociedade, a planeamento e gestão de eventos “passou a ser da responsabilidade de profissionais com formação, criativos e com competências ao nível da gestão e coordenação de meios humanos, materiais e financeiros” (Isidoro et al., 2013, p.16). Cardoso (2013) enuncia que os eventos têm repercussões a diversos níveis, nomeadamente o político, o social, o económico e o cultural. Tal deve-se ao facto de que, desde que se deu início à concretização de eventos, estes têm sido organizados com alguma frequência e têm apresentando uma crescente reputação por parte da população. De facto, estes são denominados de *mercadoria turística* (Cardoso 2013), uma vez que uma das finalidades da organização de eventos consiste em apelar à visita do turista.

De acordo com o mesmo autor, existe um elo de ligação entre o turismo e os eventos organizados, na medida em que estes afetam fortemente o sector económico de uma determinada região, gerando, conseqüentemente, um forte aumento socioeconómico com benefícios para ambas as partes envolvidas. Tendo isto em conta, com a realização de diversos eventos, as autoridades políticas pretendem promover ideais artísticos, económicos, sociais e políticos, de modo a que estes possam contribuir ativamente no processo de promoção e difusão de uma determinada região.

De acordo com Coutinho e Coutinho (2007), o sector responsável pela realização e promoção de eventos tem sido apontado como aquele que apresenta um maior nível de benefícios para uma determinada região, sejam estes sociais, económicos e políticos. Destacam ainda os autores que deve ser concedida uma oportunidade de crescimento ao sector em questão, investindo fortemente no mesmo. No entanto, apesar deste aspeto, os eventos não podem ser encarados apenas como algo responsável por beneficiar económica e politicamente uma determinada região. De facto, os autores ressaltam que os eventos devem ser entendidos como algo que, em primeiro lugar, irá ser responsável por beneficiar a cultura do local em que se realiza.

Segundo Isidoro et al. (2013), com o passar dos anos, os eventos foram apresentando uma relevância cada vez maior na nossa sociedade tornando-se apelativos e aumentando o nível de envolvimento dos participantes nas atividades propostas, procurando envolvê-los de uma forma mais ativa e criativa. Neste sentido, os mesmos autores destacam que

“Independentemente da tipologia dos eventos, é notório que tanto a nível empresarial, como a comercial os eventos são cada vez mais arrojados e voltados para o público-alvo” (p.16). Esta inquietação é refletida na utilização frequente do termo “experience marketing”, o qual expressa a necessidade de “proporcionar novas experiências e sensações” (Isidoro et al., 2013, p.16).

Assim, no que se refere à organização dos eventos, Wragg (1989, citado por Cardoso 2013) coloca algumas questões referentes a esta temática de forma a que a mesma apresente resultados positivos, sendo estas: “O evento de facto atingirá uma audiência específica? É apropriado? Quais os Custos? Como ser promovido pelos organizadores? Quais são as exigências da organização? Elas podem ser justificadas?” (p. 14).

Em jeito de conclusão, torna-se importante referir que a evolução dos eventos foi tão grande que, em diversas situações, estes apresentam um impacto significativo não só na economia local, como também na nacional. Muitos eventos são, inclusive, essenciais para que seja possível promover o desenvolvimento social e económico de um determinado país.

3.2. Caracterização dos Eventos

Considerando os aspetos supracitados alusivos à organização de eventos, é possível compreender a importância que esta atividade apresenta para o sector económico, político e social de um determinado país. Deste modo, torna-se imprescindível proceder à definição do seu conceito. Com efeito, para Ignarra (2007), o conceito ou definição de eventos pode constituir algo extremamente amplo. Por sua vez, no que diz respeito ao seu significado, este pode exprimir um acontecimento, uma eventualidade, e, em alguns casos, pode representar algo memorável ou triunfal. Relativamente ao conceito de evento propriamente dita, Ignarra (2007) destaca que um evento “é qualquer acontecimento que foge à rotina, sempre programado para reunir um grupo de pessoas” (p. 25).

Nesta linha de pensamento, Cardoso (2013) afirma que os eventos consistem em “ocorrências que são planeadas e que transmitem mensagens a públicos-alvo” (p. 12). Na perspetiva da autora em questão, um evento parte sempre de uma iniciativa pessoal que, numa fase posterior e após ter sido alvo de uma avaliação, é organizado um grupo com o objetivo de desenvolver alternativas e estratégias para que seja possível concretizar a iniciativa em questão. Cardoso (2013) considera também que os eventos apresentam um cariz de comunicação não pessoal, na medida em que é possível verificar uma ação direta no comprador. A autora destaca ainda que os eventos podem também apresentar um formato adotado pelo sector de marketing,

com a finalidade de conseguir alcançar uma maior quantidade de publicidade e de lucros. Como exemplo destes eventos temos, as feiras e os eventos artísticos e desportivos.

Por outro lado, relativamente à caracterização dos eventos, Isidoro et al. (2013) enunciam que estes são classificados através da análise de diversos aspetos, como a sua finalidade, a frequência com que ocorrem e o nível de envolvimento dos participantes. Com efeito, considerando a sua aplicação, os eventos podem ser caracterizados por eventos institucionais (pretendem a manutenção ou o aperfeiçoamento da imagem de uma determinada empresa) ou por eventos promocionais (pretendem aumentar o nível de vendas de determinado produto ou serviço).

No que se refere à periodicidade, os eventos podem ser esporádicos (ocorrem de forma pontual); de oportunidade (“realizam no âmbito de oportunidade externa ao mercado onde atua a empresa/ organização” (Isidoro et al., 2013, p.22)); periódicos (apresentam uma determinada periodicidade).

Por fim, em relação ao nível de envolvimento dos participantes, os eventos podem ser classificados como apresentando um nível de participação total quando são organizados pelas próprias empresas, ou então um nível de participação parcial quando é apenas patrocinado ou apoiado por uma empresa, tendo sido organizados por outras entidades (Isidoro et al., 2013).

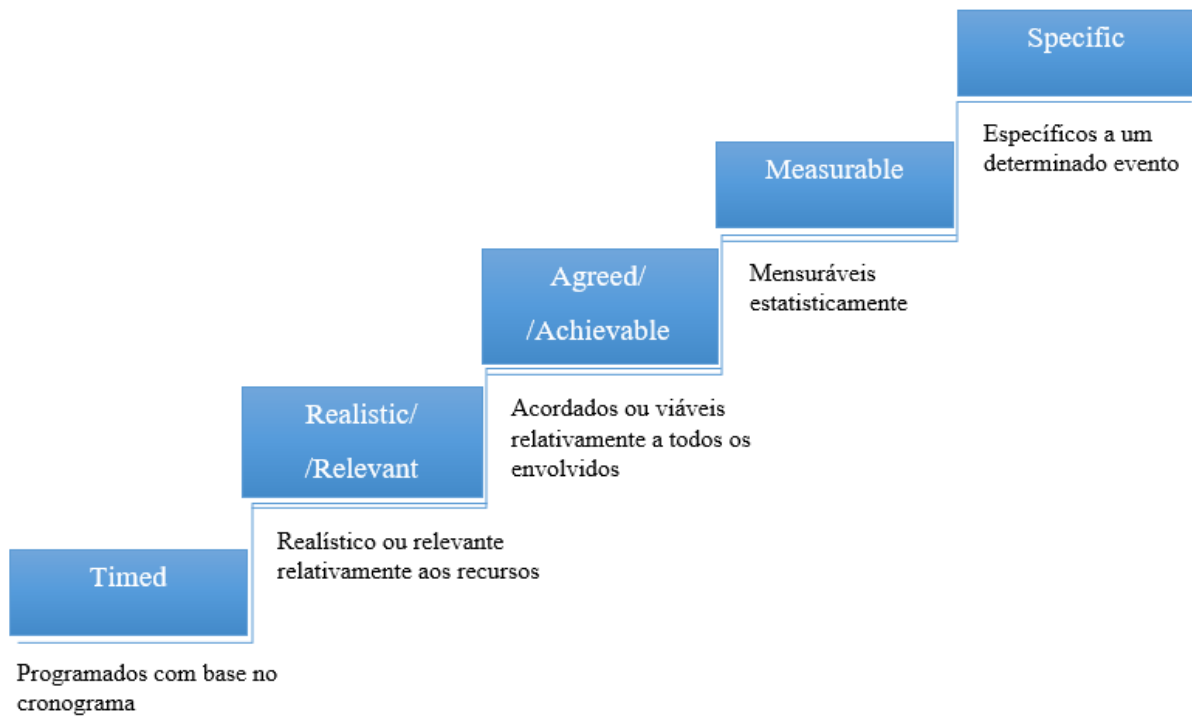
Em jeito de conclusão, é importante destacar que é essencial planificar a organização de um evento considerando as finalidades que se pretendem atingir e o público-alvo a que este se dirige, pois apenas deste modo é que o evento apresentará sucesso.

3.2.1. Finalidades dos Eventos

Relativamente aos objetivos de um determinado evento, é possível afirmar que existem diversas finalidades que podem levar à organização do mesmo. Assim sendo, “os objetivos de um evento devem ser diretos e simples, evitando más interpretações da mensagem transmitida” (Isidoro et al., 2013, p.16).

Neste sentido, para definir os objetivos de um evento torna-se necessário passar por diversas fases. Com efeito, uma vez terminado o reconhecimento da intenção do evento, é essencial que os objetivos “sejam percecionados e acordados por todos os envolvidos, devendo cada parte assumir um compromisso de responsabilidade para a concretização dos mesmos” (Isidoro et al., 2013, p.16). De acordo com os autores em questão, a organização de um evento deve ser apoiada em objetivos inteligentes (SMART), tal como é possível verificar na figura seguinte.

Figura 3: Objetivos SMART



Fonte: Isidoro et al., 2013, *Manual de Organização e Gestão de Eventos*, p. 17.

Deste modo, para que seja possível proceder à organização de um evento, torna-se imprescindível definir quais os seus objetivos principais numa fase inicial, de modo a que a organização de um determinado evento vá ao encontro das finalidades que se pretendem alcançar (specific). Para além deste aspeto, é ainda importante considerar os restantes objetivos SMART apresentados, de forma a averiguar se a organização de um determinado evento é, ou não, algo exequível.

3.2.2. Tipos de Eventos

Relativamente à tipologia dos eventos, é importante referir que estes, assim como as atividades desenvolvidas nos mesmos, são cada vez mais diversificados. Deste modo, “a tipologia dos eventos define-se tendo em conta a natureza das atividades que promovem” (Isidoro et al., 2013, p.17). É ainda de destacar que, devido ao facto de ser possível realizar várias atividades num único evento, este pode apresentar diversas tipologias. Nesta linha de pensamento, a figura seguinte indica e descreve alguns eventos que ocorrem com menor frequência:

Figura 4: *Tipologia de eventos*

Eventos	Objetivos e Características
Eventos Culturais	<p>Servem para impressionar clientes e parceiros;</p> <p>Podem ser organizados pela empresa ou podem ser utilizados eventos que estão em cartaz e a empresa organiza a participação;</p> <p>Trazem benefícios para a imagem da empresa;</p> <p>Podem ser usados para transmitir a preocupação da empresa, para o bem-estar e qualidade de vida dos convidados;</p> <p>São eventos interativos e personalizados, principalmente se forem organizados pela empresa.</p>

Fonte: Adaptado de: Isidoro et al., 2013, *Manual de Organização e Gestão de Eventos*, p. 18.

Por sua vez, Cardoso (2013), citando Getz, afirma que no que se refere ao processo de planeamento de eventos, podem ser consideradas oito categorias, as quais se diferenciam essencialmente na finalidade dos eventos que se pretendem realizar. Deste modo, a figura apresentada de seguida contém os diversos tipos de eventos que podem ser realizados, assim como exemplos dos mesmos:

Figura 5: *Tipologia de eventos de Getz*

<p>Eventos Culturais:</p> <p>Carnaval</p> <p>Festivais</p> <p>Comemorações</p> <p>Eventos de cariz religioso</p>	<p>Eventos Académicos:</p> <p>Conferências</p> <p>Seminários</p> <p>Ações de Formação</p>	<p>Eventos Privativos:</p> <p>Casamentos</p> <p>Festas</p> <p>Reuniões</p>
<p>Eventos Políticos:</p> <p>Cimeiras</p> <p>Ocasões Especiais</p> <p>Visitas de VIP`s</p>	<p>Eventos de Negócios:</p> <p>Reuniões</p> <p>Convenções</p> <p>Feiras</p> <p>Exposições</p>	<p>Eventos Artísticos e de Recreação:</p> <p>Concertos</p> <p>Cerimónias de entrega de prémios</p>

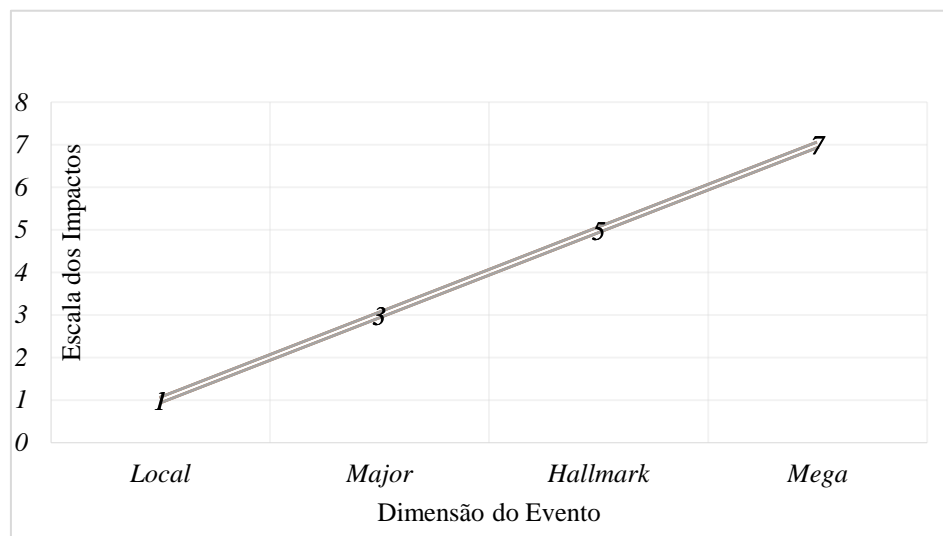
Fonte: Getz, 2008, citado por Cardoso, 2013, *A Importância da Organização dos Eventos no Turismo*, p. 15.

Relativamente à magnitude de um determinado evento, este é caracterizado tendo em conta a sua área de abrangência. Deste modo, estes podem ser locais (não apresentam impacto fora do local onde ocorrem); regionais ou *Major* (são difundidos regionalmente e contam com a participação dos indivíduos que vivem na região onde estes ocorrem); nacionais ou *hallmark* (apresentam impacto fora da área onde ocorrem e contam, frequentemente com a intervenção dos meios de comunicação social e internacionais em geral, tanto no país onde ocorrem, como fora deste). São megaeventos e “reúnem participantes de todos os continentes, resultando daí o interesse por parte dos meios de comunicação de todo o mundo” (Isidoro et al., 2013, p.22).

É ainda importante mencionar o facto de que um determinado evento pode apresentar diversas áreas de abrangência. Por sua vez, relativamente ao público-alvo, os eventos podem ser corporativos quando são “organizados para o público interno” (Isidoro et al., 2013, p.23) ou para o consumidor quando são realizados para o consumidor final dos produtos/serviços de uma determinada empresa.

Neste sentido, de acordo com Allen (1999, citado por Cardoso, 2013) é possível referir que todos os eventos concretizados, independentemente da sua categoria e, conseqüentemente da sua dimensão, apresentam impactos nos diversos sectores da região onde estes ocorrem, tal como demonstra a figura seguinte:

Figura 6: *Dimensão dos Eventos*



Fonte: Allen et al, 1999, citado por Cardoso, 2013, *A Importância da Organização dos Eventos no Turismo*, p. 16.

Como é possível verificar no gráfico anterior, os impactos provocados pela concretização de eventos aumentam de acordo com a sua dimensão. Deste modo, os eventos locais são os que apresentam uma escala menor de impactos, enquanto que os megaeventos são os responsáveis pela apresentação da escala mais elevada de impactos produzidos.

Em suma, os eventos ocorrem num meio global e dinâmico e são indispensáveis para o crescimento económico, político e social de uma região. Assim sendo, torna-se fundamental conhecer as suas tipologias, assim como as suas finalidades e características individuais de forma a que a organização dos eventos apresente benefícios para a região onde os mesmos irão decorrer.

Com esta temática finalizamos o enquadramento teórico deste relatório de estágio, tendo abordado o turismo como conceito, que evolução teve ao longo dos tempos, o que é tido como um destino turístico e que ciclo de vida o mesmo tem. Também foi tratado da relação entre mundialização e turismo, que alterações tiveram de ser feita para que o sector turístico acompanhasse a evolução do mundo nas várias vertentes.

Seguindo o mesmo sector, de seguida foram referidas que entidades geriram este sector na RAM e no governo central, como estas começaram e com que funções, e como terminaram, para depois passarmos para o seguinte capítulo em que apresentamos a parte teórica de como organizar um evento, o seu conceito, caracterização, finalidade e que tipos de eventos existem.

Na Parte II, o enquadramento prático, vamos prosseguir com a contextualização da entidade de acolhimento para o estágio efetuado no âmbito do mestrado em Gestão Cultural, passando depois para o grande evento da região, a Festa da Flor, começando com um enquadramento histórico e apresentando após a experiência estética que esta associada a este evento. E para finalizar com a intervenção que tivemos no evento, procederemos à descrição do que foi realizado e como foi executado.

PARTE II- ENQUADRAMENTO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA

CAPÍTULO IV- Contextualização da entidade acolhedora

Até ao presente capítulo explicámos o que é necessário ter em conta para uma organização de eventos, que pontos a ter em conta e que abordagens tomar. Neste capítulo iremos colocar em evidência as entidades governamentais responsáveis pelo sector turístico da RAM, para que este possa florescer e sempre colocar a região em evidência em países estrangeiros, para assim, ser mais apelativa aos turistas que a queiram visitar.

Ao longo do presente capítulo serão referenciadas algumas entidades turísticas que se encontravam presentes na RAM, sendo substituídas, atualmente, pela DRT. De facto, com as consequentes mudanças das entidades administradoras da divisão turística da RAM, assim como com as lideranças centrais do país, foi verificável a existência de um período de bonança para a região, uma vez que se conseguiu emancipar dessas mesmas lideranças do governo central. Neste sentido, a emancipação conquistada pela ilha da Madeira, revelou-se extremamente benéfica, na medida em que permitiu uma adaptação burocrática, colocando em prática ideias mais eficazes, relativamente ao turismo madeirense. Deste modo, devido à queda da censura e de controlo constante por parte do governo central português, poderiam ser implementadas novas apreciações que visassem uma ação mais direcionada para o turismo realizado na região.

Nesta linha de pensamento, para terminar o capítulo em questão será realizada uma contextualização teórica do local onde foi realizada a prática, a DRT, mencionando as suas finalidades. Após isto, e devido à importância que a entidade em questão apresenta no panorama turístico da região, serão abordadas as entidades adjacentes que se encontram associados à DRT, sendo estes a Direção de Empreendimentos e Atividades Turísticas, a Direção de Serviços de Promoção Turística e, por fim, a Direção de Serviços de Animação Turística.

4.1. Secretaria Regional da Economia, Turismo e Cultura

Com o alcance da emancipação relativamente ao governo central no que diz respeito ao turismo, sentiu-se a necessidade de criar uma entidade que fosse capaz de aproveitar a autonomia alcançada. Assim sendo, pretendia-se fundar uma nova identidade turística madeirense e promover o aumento da economia relacionada com a ação turística, de modo a que esta apresentasse um carácter autossustentável. Deste modo, foram seguidas as ideologias

apresentadas por entidades anteriores, mas sempre tentando uma evolução constate do sector, surgindo, desta forma, a Secretaria Regional da Economia, Turismo e Cultura (SRETC). Com efeito, esta apresenta como propósito a definição, coordenação, execução e avaliação da política existente na RAM no que concerne aos sectores culturais, turísticos, das comunidades madeirense e dos transportes regionais. Para além disto, ainda pertencem às suas responsabilidades os assuntos parlamentares que necessitem do seu parecer.

De acordo com o Decreto-Lei 8/2011/M de 14 de novembro, a SRETC deve contribuir para o reforço da identidade cultural através da promoção de políticas de preservação e valorização do património cultural regional, assim como promover, desenvolver e incentivar programas, iniciativas e eventos garantindo uma oferta cultural diferenciada e competente.

A entidade deve ainda planear e coordenar a estratégia cultural a concretizar no âmbito dos museus, bibliotecas e arquivos bem como promover a descentralização cultural em articulação com outras entidades públicas e privadas, visando uma maior integração das populações em atividades culturais. Para além destes aspetos, deve ainda planear e coordenar a estratégia de promoção da região como destino turístico, das suas marcas e produtos, bem como dinamizar ações promocionais.

4.2. Direção Regional de Turismo

Sob a alçada da SRETC, encontra-se a DRT, responsável por desenvolver e concretizar iniciativas de promoção e inovação no sector turístico, entregando relatórios constantes ao órgão de administração superior (Decreto-Lei 8/2011/M de 14 de novembro).

Segundo o Decreto-Lei 8/2011/M de 14 de novembro, a DRT, enquanto entidade regulamentar, apresenta como alicerce principal a investigação, a estruturação, a promoção, a inovação, o cumprimento e a superintendência dos inúmeros projetos turísticos desenvolvidos no âmbito político para a atividade turística madeirense, tendo sempre como atuação principal a evolução suportada e contrabalançada deste sector na RAM.

No que se refere às responsabilidades da DRT, o Decreto-Lei em questão destaca que se deve promover a definição da identidade madeirense, bem como a renovação da estratégia promocional da Madeira enquanto destino turístico de forma constante, de modo a que seja possível proceder à implementação dessas mesmas estratégias pelos seus canais apropriados e regulamentados ou em associação com outras entidades que estejam vocacionadas para tal efeito. Estas associações devem ainda certificar o incremento dessas estratégias para aumentar a qualidade da promoção da RAM enquanto destino turístico.

Considerando a relevância que a DRT apresenta para o desenvolvimento do sector turístico na Madeira, torna-se essencial referir os núcleos que a integram: a Direção de Serviços de Empreendimentos e Atividades Turísticas (DSEAT), a Direção de Serviços de Promoção Turística (DSPT), a Direção de Serviços de Animação Turística (DSAT) (Decreto-lei 2/2005/M de 10 de fevereiro).

4.2.1. Direção de Serviços de Empreendimentos e Atividades Turísticas

A Direção de Serviços de Empreendimentos e Atividades (DSEAT) tem como objetivo analisar e apreciar sobre a exequibilidade dos projetos de instalação dos empreendimentos pretendidos, bem como o de outros apetrechamentos turísticos. Tem ainda como função classificar, licenciar e fiscalizar as atividades desses mesmos apetrechamentos turísticos, assim como das agências de viagens e turismo e das empresas da animação, transportes e informação turística.

Segundo o Decreto-Lei 2/2005/M de 10 de fevereiro), esta coloca os empreendimentos e atividades turísticas em análise com o objetivo de, no fim do processo, dar o seu parecer acerca da possibilidade de êxito dos mesmos. Deste modo, após elaborado o parecer dos empreendimentos e das atividades turísticas, segue-se um protocolo delineado numa fase anterior, procurando alcançar a aprovação das ideias a colocar em prática. Seguidamente, torna-se necessário integrar estas mesmas propostas no cartaz turístico da região, sendo que este processo depende ainda de uma outra entidade, a Direção de Serviços de Promoção Turística (DSPT) que desempenha um papel essencial para que as propostas sejam integradas no cartaz turístico da região, tornando-as num elemento que otimize o máximo possível o fluxo turístico presente na região.

4.2.2. Direção de Serviços de Promoção Turística

A DSPT, tal como a sua denominação sugere, tem como tarefa e domínio a promoção turística na RAM, quer a nível nacional, quer a nível internacional. Destaca-se ainda que a entidade procura trabalhar apenas dentro dos meios e técnicas de promoção consideradas mais adequadas e que se encontrem em colaboração com as instituições vocacionadas para o mesmo efeito.

De um modo geral, atendendo aos aspetos referidos anteriormente, o Decreto-Lei 2/2005/M de 10 de fevereiro refere que a DSPT é responsável por promover a atividade previamente analisada e avaliada pela DSEAT. Neste sentido, a entidade explicitada de seguida será a responsável por concretizar as atividades turísticas planificadas, transformando-as em algo físico e exequível. Com efeito, a presente entidade denomina-se Direção de Serviços de Animação Turística (DSAT) e será caracterizada de seguida.

4.2.3. Direção de Serviços de Animação Turística

De acordo com o Decreto-Lei 2/2005/M de 10 de fevereiro, a DSAT age dentro do domínio do planeamento e da concretização das várias atividades de animação turística, tentando sempre visar a consolidação dos mais variados cartazes turísticos da RAM. Esta ainda opera em paralelo com as instituições vocacionadas para essas tarefas, de modo a alcançar uma ação concisa rica e diversificada, com o intuito de apelar a um público variado através da consideração das suas características e interesses.

Em jeito de conclusão, é importante referir o facto de que as entidades supramencionadas se encontram independentes das ações realizadas pelas restantes, sendo que todas poderão operar de um modo individual e idealizar e concretizar projetos completamente distintos. Assim, é essencial referir que este aspeto é responsável por apresentar benefícios para todas as entidades mencionadas anteriormente, na medida em que não dependem das restantes para que seja possível desenvolver e concretizar o máximo possível de propostas turísticas.

CAPÍTULO V- Festa da Flor

A Madeira representa um dos pontos turísticos mais procurados do mundo, uma vez que à beleza paisagística e à amenidade do clima, têm vindo a aliar-se, ao longo dos anos, diversos cartazes expressamente vocacionados para a promoção turística, não esquecendo, porém, o apelo à participação da população madeirense.

A Festa da Flor é, sem dúvida, um exemplo destes cartazes que são conhecidos mundialmente e, portanto, são responsáveis por aumentar o fluxo turístico na RAM ao longo do período durante o qual o presente evento ocorre.

Este capítulo é composto por um enquadramento histórico da Festa da Flor e pela caracterização das experiências vivenciadas ao longo da mesma.

5.1. Enquadramento Histórico

De acordo com Brandão (1996), as origens mais remotas da Festa da Flor podem encontrar-se na Antiguidade latina. Para os romanos, o período entre 28 de abril e 13 de Maio era caracterizado pela realização dos Jogos Florais (também conhecidos por Florálias). Esta festa fazia-se em homenagem da deusa Flora (deusa da primavera, das flores, dos cereais, das vinhas e das árvores de fruto). Segundo a lenda, Flora representa uma das várias figuras da divindade introduzidas em Roma por Tito Tácio, sendo honrada pela população em geral. Desde então, o mel e as flores encontram-se associados a esta deusa, constituindo os presentes que Flora terá atribuído ao Homem.

Durante os meses anteriormente referidos, as amantes dos indivíduos que apresentavam poder e riqueza participavam num concurso de dança realizado ao som de trombetas e cujo prémio consistia em atribuir às vencedoras coroas de flores, estabelecendo uma relação de paralelismo entre as cerimónias de adoração e a homenagem à deusa Floral. (Brandão, 1993, citado por Alves 2010).

No início do ano 238 a.c continuava a existir o hábito de selecionar uma rapariga, vestida de branco, e coroá-la de flores, representando a deusa Flora. Na Europa, a partir do século XIII, a celebração dos Jogos Florais começou a aumentar a diversidade de concursos e atividades desenvolvidas, passando a apresentar também um concurso literário, destinado a todos os poetas e apaixonados pela escrita, proporcionando-lhes uma oportunidade para

partilhar as suas produções com um grande público. São ainda vários os países que hoje em dia mantêm esta tradição, já mesmo fora da Europa, como é o caso do Brasil, por exemplo (Brandão (1996).

Já no que diz respeito ao hábito de decorar portas e janelas das casas com coroas de flores de giestas (também conhecidas por maias devido ao facto de desabrocharem em mais quantidade no mês de maio), ainda atualmente em vigor em algumas regiões da Península Ibérica, ela parece assentar nas tradições anteriormente descritas (Brandão (1996).

Na Madeira, a ideia de 11 de abril de 1933 de realização de uma “grande exposição de flores” (Costa & Ribeiro,1998) planeada para o mês de agosto do ano seguinte foi impedida pela ação de algumas “movimentações políticas” do Estado Novo (Cunha, 2005). No entanto, ao longo dos anos subsequentes muitas foram as ocasiões em que as flores se converteram em manifestação de alegria e beleza. Em 1935, decorria uma manifestação floral por parte da população ao longo das ruas do Funchal, na qual se pretendia, através das características particulares das flores (cor e vivacidade, entre outras), prestar uma homenagem ao Estado Novo, em vigor em Portugal.

Segundo Costa e Ribeiro (1998), em 1942, a Festa da Primavera, interrompida até 1952, quer pelas vicissitudes da guerra, quer pelo direcionamento das atividades do Ateneu noutro sentido, daria lugar à Festa da Rosa em 1954, designada logo no ano seguinte por Festa da Flor, que viria a manter-se até à atualidade. Mas foi mesmo em 1979, numa organização da Direção Regional de Turismo, que esta iniciativa adquiriu grandes projeção, e como forma de ampliar o evento foram inseridas nestas festividades florais três momentos; a exposição, o Muro da Esperança e, por fim, o Cortejo da Flor que se mantêm até à atualidade.

A exposição, que está integrada no cartaz de eventos, consiste na apresentação a concurso de espécimes de flores cortadas e em vaso (Costa & Ribeiro, 1998).

Ao Muro da Esperança, um muro de folhagem verde, situado no Largo do Município, no Funchal, acorrem as crianças da região, escoltadas dos seus pais ou docentes, aí fixando as mais coloridas e diversas flores, trazidas por cada um, a que se seguem atividades de desenho e pintura planeadas pelo Governo Regional. Este gesto começou, segundo o *Diário de Notícias* (nº 34063, 1979) por ser apenas uma entrega de flores pelas crianças, com o intuito de nelas despertar o afeto pelas flores.

Por fim, o Cortejo consiste num conjunto de carros alegóricos profusamente engalanados dos mais diversos espécimes florais, acompanhados de diversos participantes, trajados em sintonia com o motivo temático escolhido pelo grupo em que se integram. A Festa

da Flor, permaneceu a cargo do Ateneu Comercial do Funchal, vindo 1981 a DRT a envolver-se no projeto ao nível da divulgação. Mas já neste ano foram inseridas mais atividade que visavam dinamizar o evento e torná-lo mais apelativo a todas as idades, com a inclusão de concurso de pinturas infantis e exposições de ballet. Em 1983 o evento dá um salto evolucionar, e adquire notoriedade internacional com a vinda de cinco cadeias televisivas para transmitir o evento para outros países. Neste âmbito e com o objetivo de tornar o evento mais reconhecido, em 1985, a SRTC tratava mais do que apenas a divulgação e auxiliava o Ateneu a organizar o evento madeirense.

A Festa da Flor chega a outros patamares: a 19 de abril de 1986, é lançado o livro de Fátima Gomes que se intitula “Experiência Estética da Festa da Flor”, e em 1988, os festejos combinam a vinda de 60 botânicos suecos ao evento a convite do secretário regional de turismo e cultura João Carlos Abreu.

Seguindo a leitura do Diário de Notícias concluímos que nos anos que se seguiram o evento manteve a mesma estrutura, sempre com os três momentos principais, entre os quais se inseriam momentos de animação musical e teatro. Em 1997 houve lugar para uma exposição plástica, a cargo de artistas de renome como Eduardo Freitas, António Rodrigues, Manuel Rodrigues e Filipa Venâncio. Já neste ano a Festa da Flor assume-se como cartaz turístico da região e a partir daqui teria maior duração e a sua estrutura manter-se-ia até ao presente ano.

Com efeito, foi deste modo que a Festa da Flor adquiriu os contornos que ainda hoje apresenta: um cartaz em que a beleza e a diversidade das flores estabelecem uma relação de simbiose com os figurantes que as ostentam como adereço, e são responsáveis por converter este evento numa das atividades turísticas mais atrativas da RAM.

5.2. A Experiência associada à Festa da Flor

A Festa da Flor consiste num evento de grande magnitude realizado na ilha da Madeira, responsável por encabeçar um diverso cartaz de atrações turísticas que a ilha oferece aos seus visitantes num determinado período do ano. Nesta linha de pensamento, Gomes (1986) enfatiza que para além da visível beleza do evento e de tudo o que se encontra associado a este, existem múltiplas finalidades que se pretendem alcançar com a sua realização, consistindo a principal no apelo ao lado emocional do turista e do povo local. Segundo a mesma autora, a esta sensibilização à beleza tão característica do ser humano denominamos de “emoção estética”.

O evento em questão apresenta uma proporção harmoniosa entre o indivíduo e a Natureza, tendo como cenário de fundo um ambiente primaveril e alegre, para o qual convergem associações provenientes de toda a ilha. Neste sentido, de acordo com Gomes (1986), surge o espírito do “verdadeiro madeirense”, caracterizado pela atitude de bem receber os visitantes e pela sua grande criatividade, o que se torna responsável por promover uma “emoção estética” no público do evento.

Desta forma, às diversas características da Festa da Flor referidas anteriormente, nomeadamente pelo espírito que envolve este evento, surge um ambiente harmonioso, descontraído e apelativo, constituindo, assim, um “jogo dialógico” entre a natureza e a humanidade (Gomes, 1986). Este ambiente é passível de ser sentido, por exemplo, ao longo da concretização de um dos componentes mais icónicos da Festa da Flor: “O Muro da Esperança”, na medida em que tanto a flor como a criança constituem o epítome da natureza e do amor.

Segundo a mesma autora, à diversidade de sensações decorrentes da Festa da Flor, é possível referir que todas as experiências associadas a este evento, aliadas aos sentimentos de amor e de liberdade sentidos pelos turistas quando visitam a ilha, provocam “um efeito social e económico muito positivo oriundo duma maior atracção” turística (p. 35).

A autora afirma ainda que todas as características descritas anteriormente representam a “experiência estética na sua essência”. Para além disto, a estética encontra-se também presente ao longo do evento em questão, uma vez que

A convergência do homem, sujeito do conhecido e do objeto que no fascina é tal que nos sentimos recolhidos (não num estado de dispersão), totalizados (desde a razão ao sentimento) e unificados do sensível para o inteligível, do significante para o significado (Gomes, 1986, p. 35).

Por outro lado, no que diz respeito ao cortejo da Festa da Flor, outro dos momentos mais marcantes de todo o evento, pode apresentar uma sequência de experiências estéticas segundo a perspetiva científica, sendo esta: O espanto da primeira visão dos grupos participantes; A progressão consecutiva, forte e analisada das sensações e do utópico, com a flor, o som, o homem; “A visão sintética”, com o culminar sensorial (Gomes, 1986).

Em suma, é possível referir que a Festa da Flor representa o povo madeirense, enaltecendo algumas das especificidades da ilha, nomeadamente a variedade ao nível da flora (Gomes, 1986). Este evento é ainda responsável por divulgar a Madeira e a cultura madeirense por todo o globo, contribuindo para o aumento do número de visitantes na ilha.

CAPÍTULO VI- Intervenção Prática

No decorrer do capítulo em questão referiremos as atividades desenvolvidas ao longo da Festa da Flor 2016. Para que fosse possível identificar os *workshops* a desenvolver foram feitas reuniões, com a equipa da entidade responsável pela organização do evento (DSAT), para poder decidir quais as escolhas, tendo em conta quais as atividades culturais mais procuradas pelos turistas e quais seriam as mais funcionais.

Após definição dos *workshops*, seguiu-se um processo moroso de contactos com diversas entidades e organizações, a quem se solicitou o contributo através da disponibilização de formadores de várias áreas.

O espaço destinado aos *workshops* consistiu num pavilhão localizado no centro da Praça do Povo, o qual se encontrava anexado à 61ª Exposição da Flor. Por sua vez, as mesas e cadeiras dispostas ao longo do pavilhão foram disponibilizadas pelo IVBAM.

A parceria com diversas entidades e organizações, como a Casa do Povo da Camacha, o Instituto do Vinho, do Bordado e do Artesanato da Madeira (IVBAM) e a Direção de Serviços de Educação Artística e Multimédia (DSEAM), foi determinante para a realização dos *workshops* cuja apresentação e descrição ocupará parte significativa do capítulo que terminará com uma reflexão relativa às iniciativas desenvolvidas ao longo da Festa da Flor 2016.

6.1. Propostas Desenvolvidas

De modo a melhor contextualizar a prática e, portanto, a apresentar um conhecimento mais aprofundado acerca da Festa da Flor, assim como das entidades turísticas que contribuíram para o crescimento turístico da RAM, foi realizado um levantamento de dados alusivos aos presentes aspetos.

A intervenção prática neste estágio teve como foco a Festa da Flor 2016, a qual ocorreu ao longo das primeiras semanas de abril. Inicialmente, tornou-se essencial definir que atividades iriam ser concretizadas ao longo da Festa da Flor. Deste modo, procedemos enunciação de um conjunto de iniciativas a desenvolver no decorrer do presente evento, sendo que estas foram expostas por mim à Diretora Regional de Turismo, Dra. Kátia Carvalho, e à sua equipa. É de referir que todas as ideias foram pensadas e postas em prática com base no programa do evento, aplicando os objetivos SMART, e tinham como finalidades apelar à participação ativa do

turista nos festejos da Festa da Flor, assim como da população madeirense. Deste modo, procuramos desenvolver iniciativas realistas e viáveis, e que também fossem interessantes na perspetiva da população geral e que proporcionassem uma experiência rica, diversificada e interativa.

Do leque das ideias expostas, a que mais despertou o interesse da Dra. Kátia Carvalho e da sua equipa consistiu na realização de *workshops* temáticos, procurando sempre proporcionar momentos de prazer aliados à promoção da cultura madeirense. Deste modo, para que tal fosse passível de ser alcançado, foram necessários diversos momentos de diálogo, assim como momentos destinados à estruturação e organização dos *workshops*.

Não obstante, considerando os aspetos referidos anteriormente, foi ainda necessário definir que os *workshops* seriam desenvolvidos. Com efeito, esta decisão foi tomada em conjunto com a Doutora Kátia Carvalho, tendo em conta aqueles que seriam mais realísticos e exequíveis de entre as inúmeras práticas tradicionais que existem, e que iriam apelar à participação do público e, em simultâneo, promover a cultura madeirense. Neste sentido a escolha dos *workshops* desenrolou-se com a apresentação das várias práticas tradicionais e a escolha em diálogo do que mais seriam fáceis de apresentar em público, e atendendo ao facto de que os *workshops* poderiam ficar lotados, apresentou-se a hipótese de reservar um lugar através da realização de uma pré-inscrição nos postos de informação para que deste modo as atividades fossem mensuráveis do ponto de estatístico. Deste modo, o público que tinha efetuado esta pré-inscrição apresentava prioridade na entrada dos *workshops*.

Apresentar-se-ão seguidamente os *workshops* desenvolvidos ao longo da Festa da Flor 2016, sendo estes: tapetes de flores, vimes, embutidos, bordado madeira, arranjos florais, vinho Madeira e flores, pintura de flores em aguarela, flores com materiais reciclados, escultura em frutas e legumes e, por fim, pinturas faciais. Salienta-se o facto de que todos os *workshops* apresentavam uma duração flexível, dispondo de 45 a 60 minutos para a realização das atividades pretendidas.

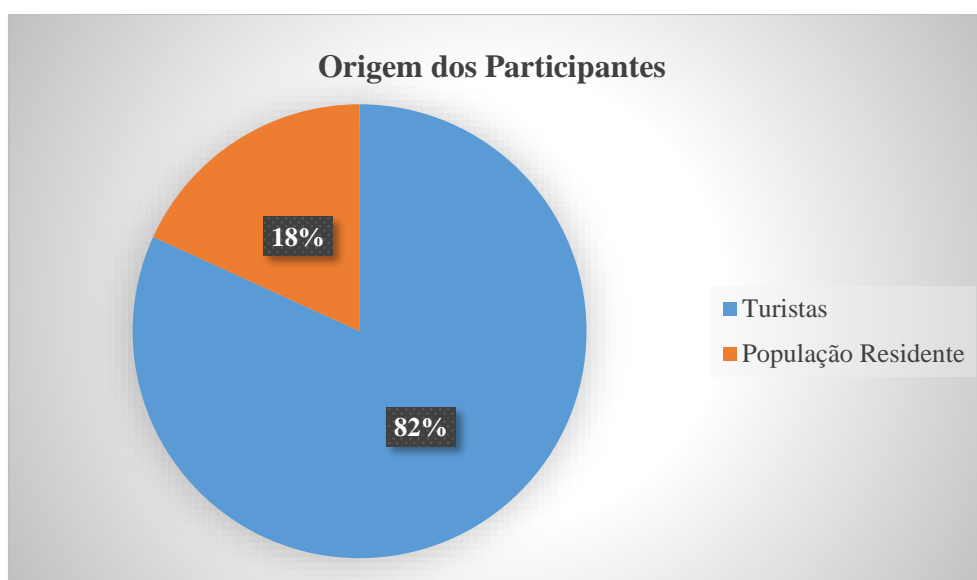
Para finalizar, é ainda de referir o facto de que todos os *workshops* contaram com a presença de uma intérprete e que alguns foram realizados mais do que uma vez tendo em conta o interesse que despertariam na população.

6.1.1. *Workshop de Tapetes de Flores*

O presente *workshop* foi desenvolvido no dia 8 de abril de 2016 pelas 9:30 horas orientado pela associação cultural e recreativa da camacha. Tinha como finalidade dar a conhecer estratégias de realização de tapetes florais, promovendo a participação ativa da população na concretização de exemplares dos mesmos.

No que diz respeito ao seu público, de modo a averiguar o nível de participação da população madeirense e de turistas no *workshop* em questão, foi realizado o seguinte gráfico:

Gráfico 1: *Participantes no Workshop de Tapetes Florais*



Através da análise do gráfico, é possível referir que a grande maioria dos participantes eram turistas, sendo que apenas 17% do público presente no *workshop* em questão era local. É ainda de mencionar o facto de que a população turista era de diversas nacionalidades, nomeadamente francesa e inglesa.

Relativamente ao desenrolar do presente *workshop*, num primeiro momento procedeu-se à apresentação dos orientadores do mesmo e das atividades que iriam ser desenvolvidas. Foram exibidas as flores que iriam ser utilizadas, assim como uma breve contextualização história alusiva à realização de tapetes florais na RAM, indicando, entre outros aspetos, as épocas em que estes eram realizados e as suas finalidades.

Posto isto, foi apresentada uma imagem com um exemplar de um tapete floral, indicando, passo a passo, o que deveria ser realizado em cada etapa. Com efeito, reuniu-se o público em

frente do formato do tapete floral que iria ser realizado, cuja base já tinha sido elaborada pelos orientadores do *workshop*. Neste sentido, foram colocadas caixas com as flores apresentadas anteriormente em frente ao público, que, de acordo com a imagem exposta e as indicações fornecidas, deveriam completar o tapete com as flores disponíveis, tal como é possível verificar na figura seguinte:

Figura 7: *Público a construir o tapete de flores*



Por fim, é importante salientar o facto de que os participantes manifestaram um elevado nível de interesse ao longo da realização do tapete floral, questionando sempre que surgia alguma dúvida.

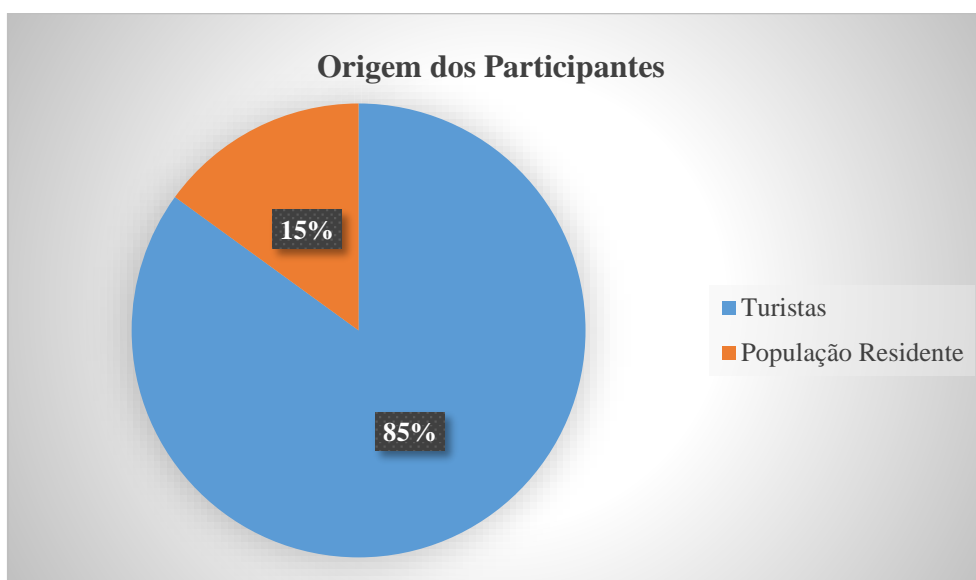
É ainda de referir que o presente *workshop* voltou a ser realizado no dia 14 de abril de 2016.

6.1.2. *Workshop de Vimes*

O *workshop* de Vimes foi desenvolvido no dia 8 de abril pelas 11:30 horas e foi orientado pela Associação da Camacha. Este tinha como objetivo ensinar o público a construir um objeto em vimes, algo que se encontra enraizado na cultura madeirense, sendo que era uma das principais indústrias madeirense desde os anos cinquenta do século XIX.

Relativamente aos participantes do *workshop* em questão, de forma a analisar a participação, tanto da população madeirense como dos turistas, foi realizado o gráfico seguinte:

Gráfico 2: *Participantes no Workshop de Vimes*



Observando o gráfico acima, podemos verificar que, à semelhança do *workshop* explanado anteriormente, também a grande maioria do público presente era turista, sendo que apenas 15% correspondendo à população local. É ainda de salientar o facto de a nacionalidade alemã ser a predominante.

O *workshop* de vimes iniciou-se com a apresentação dos orientadores e com a indicação dos vários tipos de vimes que iriam ser utilizados ao longo das atividades a desenvolver. Seguiu-se um pequeno enquadramento histórico da temática em questão, bem como uma elucidação acerca das funcionalidades dos cestos de vimes.

Figura 8: Apresentação de um enquadramento histórico dos vimes



Os orientadores distribuíram a armação da base de um cesto de vimes de pequenas dimensões, explicando o procedimento seguido aquando da sua realização. Posto isto, foram distribuídos vimes por todos os participantes e, com o apoio e explicação dos orientadores, o público começou a entrelaçar os vimes e, deste modo, a construir o seu próprio cesto. No decorrer deste processo surgiram imensas dúvidas por parte do público presente, a que os orientadores prontamente respondiam, auxiliando em todas as fases presentes ao longo da realização da base do cesto, circulando frequentemente por todo o espaço disponível.

Figura 9: Realização da base do cesto de vimes



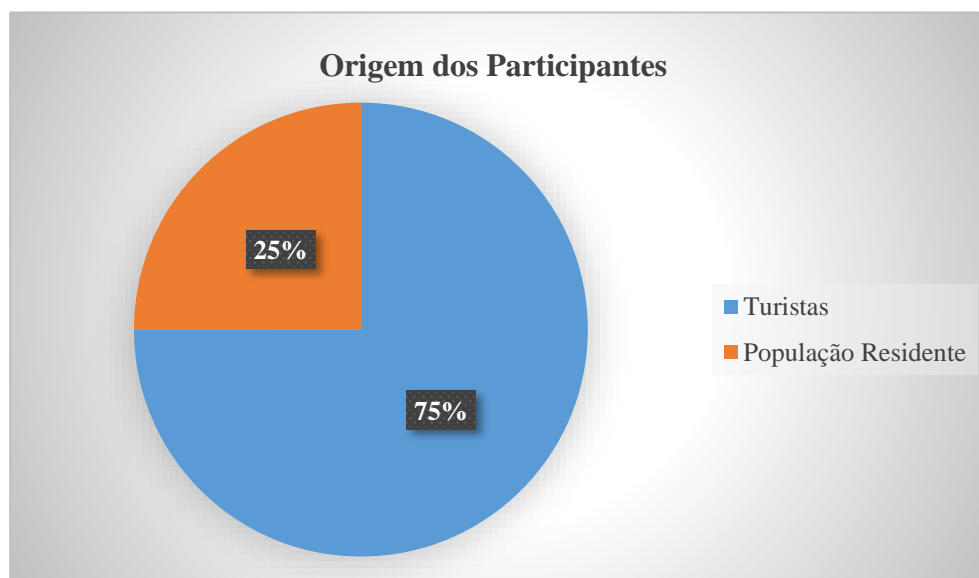
O público demonstrou um elevado nível de interesse e envolvimento no *workshop* em questão, pois manifestou uma perspetiva extremamente participativa. Salienta-se ainda que, na fase final, a grande maioria do público turista exprimiu o seu contentamento com a tarefa desenvolvida, tendo muitos prometido regressar no ano seguinte com o objetivo de terminar o cesto de vimes iniciado no presente *workshop*.

6.1.3. *Workshop de Embutidos*

O *workshop* de Embutidos realizou-se no dia 15 de abril pelas 15:00 horas e foi orientado pelo IVBAM. Tinha como objetivo realizar o logotipo da RAM em madeira, o qual é representado por uma flor.

No que diz respeito ao público, foi visível a presença de uma maior quantidade de turistas em relação à população local:

Gráfico 3: *Participantes no Workshop de Embutidos*



Como é possível verificar pelo gráfico, cerca de 75% dos participantes eram turistas, ao passo que apenas 25% do público presente fazia parte da população residente. O público era composto, na sua maioria, por indivíduos ingleses e alemães.

Relativamente à sequência de acontecimentos do presente *workshop*, este iniciou-se com a apresentação dos orientadores, e do que iria ser realizado através da exibição de uma imagem.

Posto isto, os orientadores exibiram os utensílios necessários para a construção do logotipo, assim como alguns cuidados a apresentar aquando do seu manuseamento.

Figura 10: *Apresentação dos Utensílios*



De seguida, foram distribuídos pelo público os materiais necessários para construir o logotipo, nomeadamente uma serra de fio, madeiras e grampos de fixação. Os orientadores explicaram o processo a ser realizado, apoiando os participantes em tudo o que fosse necessário. Este procedimento repetiu-se até à conclusão do logotipo da RAM.

Figura 11: *Realização do Logotipo da RAM*





Em relação ao público presente, é de salientar que foi notório o envolvimento da sua parte ao longo da atividade desenvolvida, colocando diversas questões relativas ao processo de construção do logotipo, assim como à sua história.

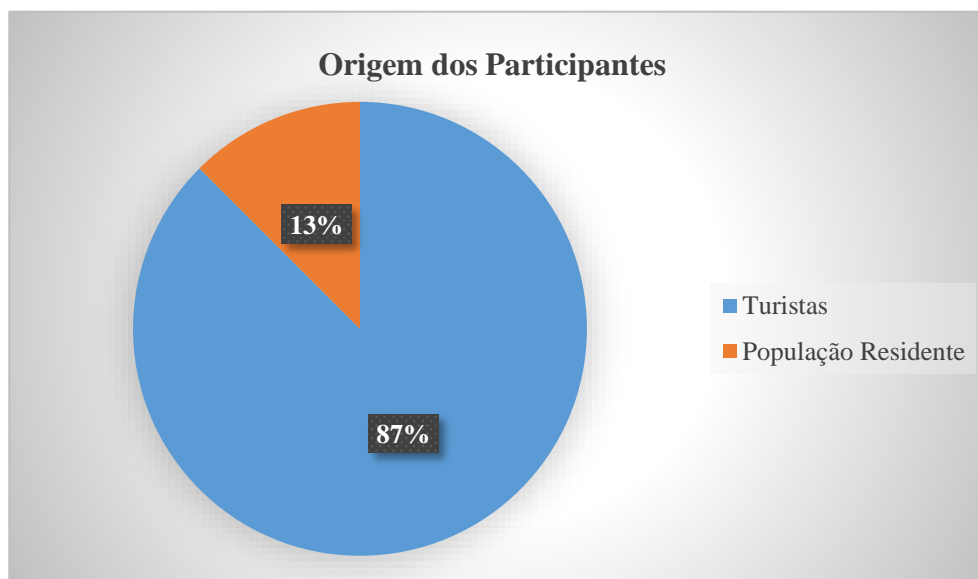
O presente *workshop* voltou a ser realizado no dia 16 de abril de 2016, devido ao forte interesse em aprender por parte do público que visitava a tendo do *workshop* em questão.

6.1.4. *Workshop* de Bordado Madeira

O *workshop* de Bordado Madeira foi desenvolvido no dia 8 de abril pelas 15:00 horas e foi orientado pela Bordal-Bordados da Madeira. Este apresentava como finalidade transmitir ao público um conhecimento mais aprofundado da arte de bordar, assim como praticar alguns pontos do Bordado Madeira.

O público presente pode visualizar-se através do gráfico seguinte:

Gráfico 4: *Participantes no Workshop de Bordado Madeiras*



A análise do gráfico, pretende concluir que, à semelhança dos *workshops* apresentados anteriormente, este também contou com uma presença avassaladora de turistas, constituindo 87% do público total. Por sua vez, a população local contou apenas com a presença de dois indivíduos residentes na RAM, salienta-se ainda que foi notória a presença de diversos participantes provenientes de Portugal Continental.

Os apresentadores do *workshop* começaram com a apresentação da orientadora do mesmo, e depois por definir os objetivos do mesmo, que consistia em bordar, em Bordado Madeira, o logotipo da RAM.

De seguida, foi apresentado um pequeno enquadramento histórico do Bordado Madeira, destacando o seu percurso evolutivo. Foram ainda explicitados o ponto e o tipo de tecido que iriam ser utilizados ao longo da atividade.

Posto isto, foram distribuídos os materiais pelo público presente, sendo estes: tecido com a ilustração do logotipo da RAM, agulhas e linhas, de forma a que fosse possível proceder à concretização da atividade.

Figura 12: *Materiais utilizados*



A orientadora foi explicando os passos que deveriam ser seguidos de modo a realizar a tarefa com sucesso, sendo que os participantes iam bordando considerando as informações transmitidas. É ainda de destacar que estes contaram com o apoio de duas bordadeiras ao longo de todo o processo, as quais respondiam às suas dúvidas e auxiliavam no que fosse necessário.

Figura 13: *Realização do Bordado Madeira*



O nível de participação do público presente foi alto, uma vez que era visível ao longo de todo o *workshop* o interesse e a vontade de aprender a executar um ponto de Bordado Madeira.

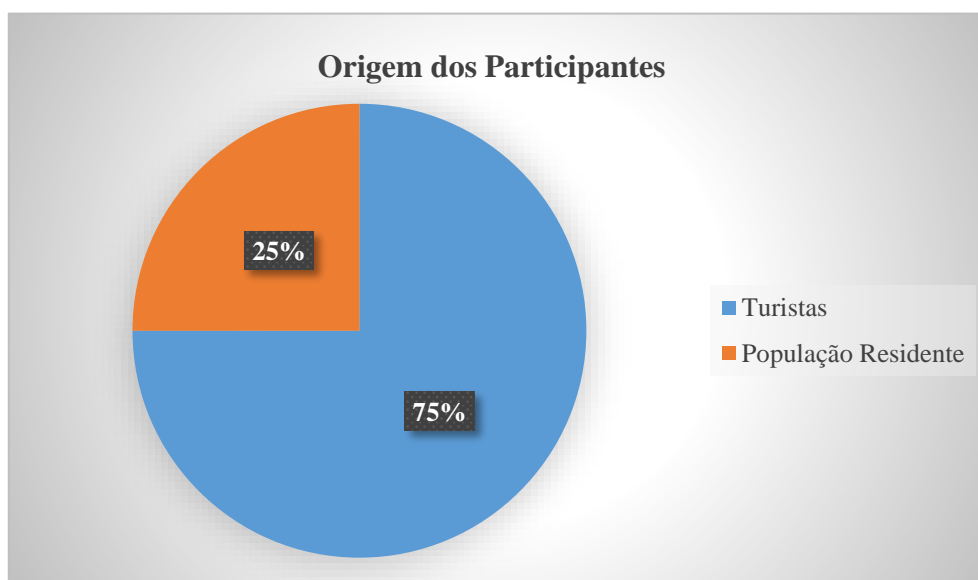
Um novo *workshop* realizar-se-ia novamente no dia 14 de abril de 2016, dando oportunidade de outro público experimentar o bordado madeira.

6.1.5. *Workshop* de Arranjos de Flores

O *workshop* de Arranjos de Flores decorreu no dia 15 de abril pelas 9:30 horas e foi orientado por uma empresa de flores, Túlipa. Relativamente ao seu objetivo, este consistia em transmitir estratégias para elaborar arranjos de centro de mesa.

No gráfico seguinte, poder-se-á constatar a origem do público presente:

Gráfico 5: *Participantes no Workshop de Arranjos de Flores*



Observando o gráfico anterior, torna-se possível referir que o público apresentava um equilíbrio entre a população turista e a população local, havendo, contudo, mais turistas do que habitantes locais. Deste modo, é indicado no gráfico, a população turista era representada por 75% do público, enquanto os habitantes locais apresentavam uma percentagem de 25%.

O *workshop* iniciou-se com a apresentação da orientadora e que enunciou a sua finalidade.

Posteriormente, foram exibidas as flores que iriam ser utilizadas ao longo da construção de dois arranjos. Neste sentido, a orientadora elaborou, inicialmente, um arranjo inserido numa jarra, explicando todos os procedimentos seguidos.

Figura 14: *Arranjo em jarra de Centro de Mesa*



Uma vez terminado o primeiro arranjo, procedeu-se à realização do segundo centro de mesa, elaborando segundo o mesmo procedimento descrito anteriormente.

Figura 15: *Arranjo de Centro do Mesa*



Relativamente à participação do público, é importante referir que esta não apresentou o mesmo nível de envolvimento e interatividade que os *workshops* mencionados anteriormente, uma vez que não foi concedida a hipótese de os participantes realizarem o seu próprio centro de mesa. No entanto, é de destacar o facto de o público ter procurando aumentar o seu nível de

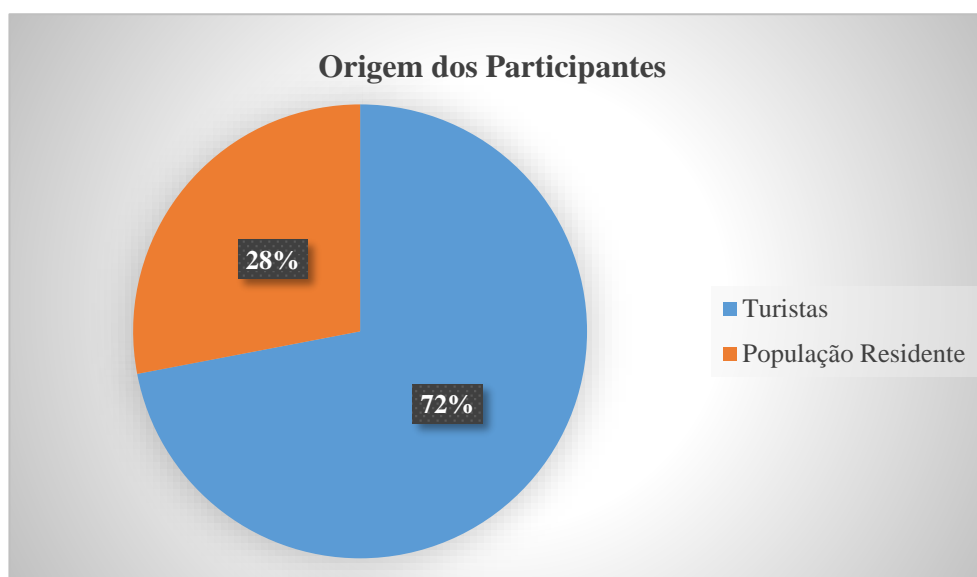
conhecimentos alusivos à arte de arranjos florais e colocando diversas questões relativas à temática ao longo de todo o *workshop*.

6.1.6. *Workshop* de Vinho Madeira e Flores

O *workshop* de Vinho Madeira e Flores decorreu no dia 8 de abril pelas 17:30 horas e foi organizado pelo IVBAM. Tinha como finalidade a degustação de vinho Madeira juntamente com entradas e sobremesas constituídas, entre outros elementos, por flores comestíveis.

No que alude ao público presente, foi elaborado o seguinte gráfico relativo à sua origem:

Gráfico 6: *Participantes no Workshop de Vinho Madeira e Flores*



A Análise do gráfico permite referir que existia um certo equilíbrio entre a população local e os turistas, sendo 28% do público constituído por elementos locais, enquanto a população residente era representada por 72%. É ainda de mencionar o facto de que o presente *workshop* contou com uma grande adesão da população, apresentando lotação esgotada nas diversas sessões realizadas.

O *workshop* de Vinho Madeira e Flores iniciou-se com a apresentação dos formadores e com a indicação que a sessão pretendia dar a possibilidade de degustar diversos tipos de Vinho Madeira acompanhados por entradas e sobremesas realizadas no momento por um chefe de cozinha.

De seguida, foi realizado um enquadramento histórico respeitante à origem e evolução do Vinho Madeira com recurso à apresentação de diapositivos, destacando as castas responsáveis por produzir os vinhos extrassecos, meio-secos, secos, meio-doces e doces.

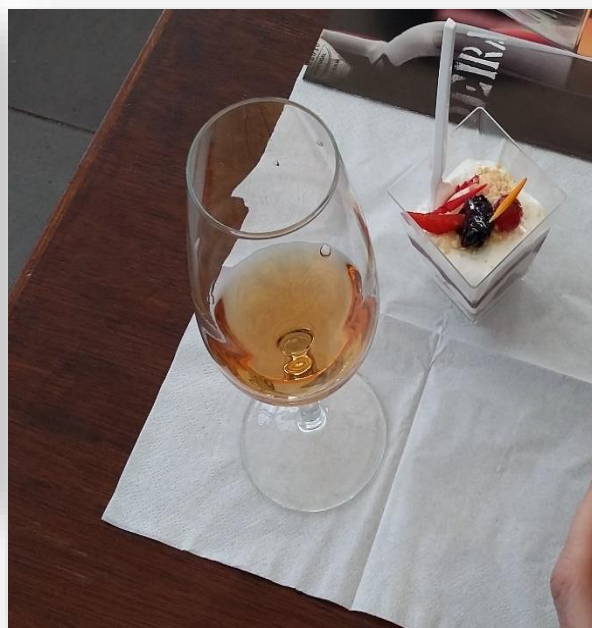
Foram de seguida distribuídos copos e cuspideiras pelo público de modo a que fosse possível proceder à degustação de dois vinhos distintos. Neste sentido, distribuiu-se um vinho e uma entrada por cada um dos participantes presentes, de modo a enriquecer a experiência de degustação.

Figura 16: *Degustação de Vinho com Entrada*



Posteriormente, seguiu-se para a próxima e última degustação de vinho, sendo que esta foi acompanhada por uma sobremesa.

Figura 17: *Degustação de Vinho com Sobremesa*



O público manifestou um grande nível de interesse e envolvimento. No entanto, não se registou uma grande quantidade de interatividade entre os participantes e o público.

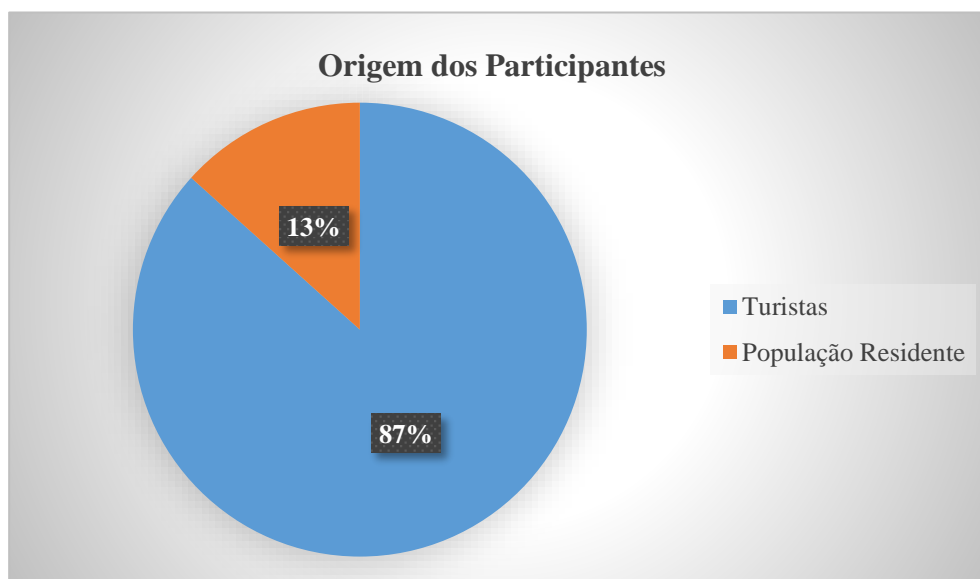
É ainda de salientar que devido ao facto de este *workshop* ter apelado a uma grande diversidade e quantidade de público, foram organizadas sessões diárias ao longo de toda a Festa da Flor, nomeadamente nos dias 9, 14, 15 e 16 de abril de 2016.

6.1.7. *Workshop* de Pintura de Flores em Aguarela

O *workshop* de Pintura de Flores em Aguarela ocorreu no dia 14 de abril pelas 11:30 horas e foi orientado pelo DSEAM. No que alude ao seu propósito, este consistia em dar a conhecer as flores da ilha da Madeira através da pintura das mesmas em aguarela.

Os participantes presentes no *workshop* em questão estão representados no gráfico seguinte:

Gráfico 7: Participantes no Workshop de Pintura de Flores em Aquarela



A análise do gráfico anterior permite verificar uma superioridade de turistas em relação à população residente. A população local constituiu 13% do público, ao passo que os restantes 87% se referiam a turistas.

O *workshop* iniciou-se com a apresentação dos formadores e dos objetivos, o qual consistia em realizar uma pintura de flores em aquarela.

Os orientadores transmitiram alguns aspetos a ter em conta aquando da realização de pinturas em aquarela, destacando a importância da tonalidade da cor utilizada: suave e clara. De seguida, foram distribuídos pelo público os materiais necessários à realização da atividade, nomeadamente uma folha de papel, tintas e dois pincéis de espessuras distintas.

Posto isto, foram apresentadas algumas imagens de flores, tendo cada um dos participantes selecionado aquela que pretendia pintar, após o que se procedeu à pintura das mesmas. Os formadores iam circulando pelo pavilhão com o objetivo de apoiar e auxiliar o público no que fosse necessário.

Figura 18: *Pintura de Flores em Aguarela*



Foi possível observar um grande envolvimento do público ao longo da realização de atividade proposta, procurando sempre aprender mais acerca do presente tema.

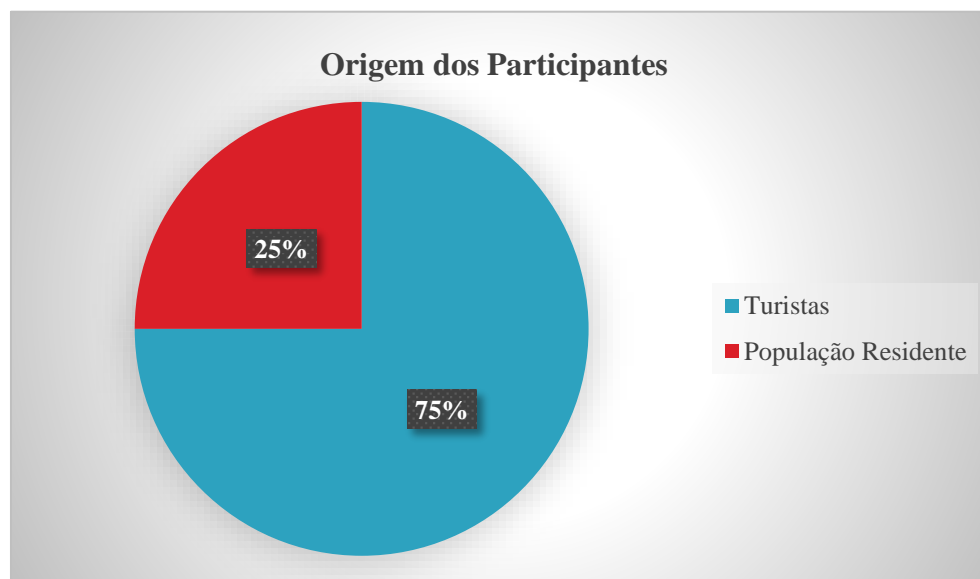
É de salientar que o presente *workshop* se realizou novamente no dia 16 de abril de 2016, devido à curiosidade dos turistas que questionavam sobre o *workshop*.

6.1.8. *Workshop* de Flores em Papel e em Tecido

O *workshop* de Flores em Papel e em Tecido foi desenvolvido no dia 9 de abril pelas 15:00 horas e contou com a orientação do DSEAM. Apresentava como finalidade a construção de flores com recurso a material reciclado, de modo a alertar os participantes para as potencialidades deste género de materiais.

Relativamente ao público do presente *workshop*, foi realizado o gráfico:

Gráfico 8: *Participantes no Workshop de Flores em Papel e em Tecido*



A leitura deste gráfico permite concluir que a grande maioria do público presente era constituído por turistas. Neste sentido, pudemos apurar que apenas 25% dos participantes eram naturais da RAM, enquanto os restantes 75% correspondiam à população de origem estrangeira.

O *workshop* iniciou-se com a apresentação dos formadores e definição do seu objetivo, o qual consistia em construir uma flor pré-definida utilizando, para tal, dois materiais distintos: papel e tecido.

De seguida, foram apresentados alguns exemplares de flores construídas com folhas de revistas, indicando qual é que seria realizada no decorrer do *workshop*. Após isto, foram distribuídos pelos participantes folhas de revista e cola, de modo a que todos usufríssem do material necessário para a concretização da atividade.

Numa fase posterior, uma vez que a flor que iria ser realizada apresentava pétalas, os formadores explicaram os procedimentos a seguir para que fosse possível elaborar uma pétala, indicando que, como as restantes eram realizadas de acordo com os mesmos passos, o público deveria tentar construir as restantes pétalas da flor. Os orientadores do *workshop* apoiaram e auxiliaram o público em tudo o que foi necessário, sendo que os próprios participantes se auxiliaram uns aos outros ao longo da atividade.

Figura 19: *Construção da Flor em Papel*



A atividade prosseguiu com a realização de uma flor em tecido. À semelhança da atividade anterior, foram exibidos alguns exemplares de flores construídas com o presente material, indicando qual seria o exemplar a realizar.

De modo a que fosse possível concretizar a proposta foram distribuídos materiais pelos participantes, sendo estes: um quadrado em tecido padronizado, agulha, linha, tesoura e um botão de algumas dimensões. De seguida, foram transmitidas algumas orientações que deveriam ser seguidas ao longo da construção da flor, sendo que os participantes iam concretizando os procedimentos indicados.

Realça-se ainda o facto de que os orientadores circularam ao longo de todo o pavilhão, apoiando os participantes na construção da flor.

Figura 20: *Construção da Flor em Tecido*



Figura 21: *Resultado final*



Por fim, foram também distribuídos alfinetes, de modo a que o público pudesse utilizar a flor realizada como um broche.

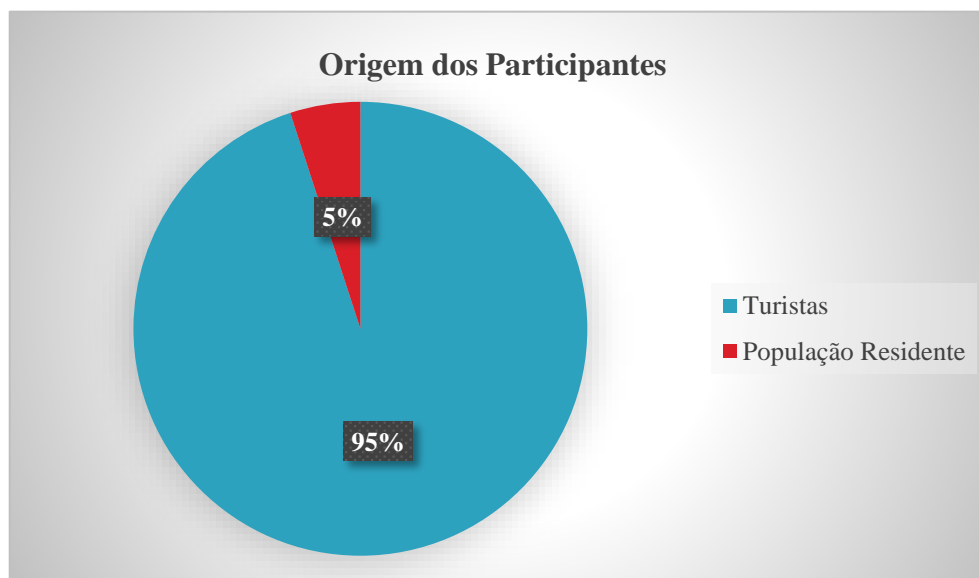
Os participantes apresentaram um grande nível de interesse e envolvimento ao longo de ambas as atividades desenvolvidas, na medida em que colocaram diversas questões aos formadores e apoiaram-se uns aos outros quando surgia algum tipo de dúvida relativa aos procedimentos a seguir.

6.1.9. *Workshop* de Escultura em Frutas e Legumes

O *workshop* de Escultura em Frutas e Legumes decorreu no dia 16 de abril de 2016 pelas 9:30 horas e foi orientado pela Escola Profissional de Hotelaria e Turismo da Madeira (EPHTM). Relativamente à sua finalidade, esta consistiu em apresentar estratégias para construir diversas esculturas utilizando frutas e legumes.

Por sua vez, em relação ao público presente, foi elaborado o seguinte gráfico de forma a averiguar as suas origens:

Gráfico 9: *Participantes no Workshop de Esculturas em Flores e Legumes*



Através da análise do gráfico constata-se que a grande maioria do público apresentava origem estrangeira. Deste modo, dos participantes que se encontravam no pavilhão, 95% eram turistas, apenas 5% correspondendo a residentes na RAM.

O *workshop* iniciou-se com a apresentação dos orientadores e da atividade que iria ser realizada: esculturas com recurso a frutas e legumes.

O *workshop* baseou-se na realização de diversas esculturas por parte dos formadores enquanto que o público assistia às mesmas, podendo colocar questões referentes à temática.

Deste modo, o público presente foi disposto segundo uma forma circular ao longo da mesa de trabalho, de forma a que todos conseguissem visualizar a realização das esculturas. Posto isto, foram elaboradas esculturas com a forma de cavalos marinhos, peixes e flores, acompanhadas por uma explicação dos procedimentos realizados. Estas foram realizadas a partir de cortes nas frutas e nos legumes e da associação dos mesmos. É de salientar que para que fosse possível construir as esculturas em questão foram utilizados nabos, abóboras, beterrabas, cenouras, pepinos e melões.

Os formadores apelaram à participação do público, tendo solicitado voluntários para colaborar na construção das esculturas.

Figura 22: Realização das Esculturas



Por fim, após terminadas as esculturas, estabeleceu-se um momento destinado à colocação de questões referentes à atividade desenvolvida, o qual se prolongou durante cerca de dois minutos.

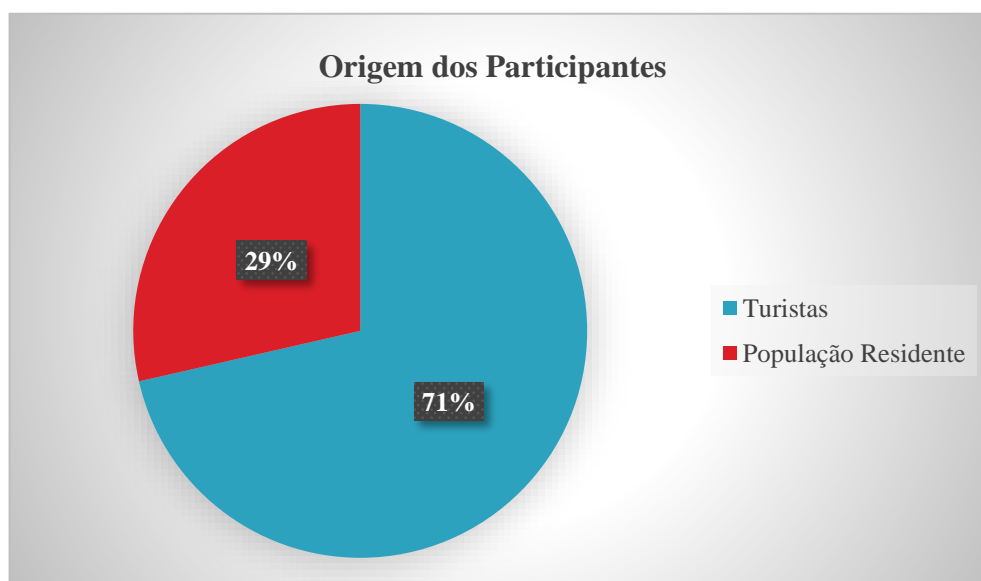
Relativamente à participação dos elementos do público, estes não apresentaram um nível de interatividade tão elevado quanto seria desejado. Não obstante, alguns participantes contribuíram ativamente para a construção das esculturas, manifestando um grande interesse no decorrer do presente *workshop*.

6.1.9.1. *Workshop* de Pinturas Faciais

O *workshop* de Pinturas Faciais ocorreu no dia 15 de abril pelas 11:30 horas e foi orientado pela DSEAM, com a finalidade de transmitir diversas estratégias que devem ser seguidas aquando da realização de pinturas faciais.

Relativamente ao público presente, foi elaborado o seguinte:

Gráfico 10: *Participantes no Workshop de Pinturas Faciais*



De acordo com o gráfico, é possível verificar que o público era composto, na sua maioria, por turistas. Deste modo, dos 7 participantes no *workshop*, 71% eram turistas, enquanto 29% se referia à população local.

Por sua vez, no que diz respeito ao desenrolar da presente sessão, esta teve início com a apresentação da orientadora e do objetivo, sendo que este consistia em realizar pinturas em diversas partes corporais.

Com efeito, foram transmitidos alguns cuidados a apresentar no momento de seleção dos produtos a usar, de modo a que estas não apresentem repercussões para a pele, nomeadamente alergias. Posto isto, foram também indicadas algumas estratégias que devem ser utilizadas de modo a que a pintura apresente o aspeto pretendido. Para tal, a formadora associou a teoria e a prática, exemplificando os aspetos teóricos com uma pintura na sua própria mão.

Figura 23: *Pintura corporal*



De seguida, foram solicitados alguns voluntários do público, de forma a que fosse possível realizar diversas pinturas faciais. Neste sentido, voluntariaram-se duas pessoas, sendo que estas seleccionaram a imagem que desejavam. Posto isto, à medida que as pinturas iam sendo realizadas, foram transmitidos todos os procedimentos seguidos.

Figura 24: *Pinturas faciais*



No que diz respeito à participação do público, é de salientar que esta não foi interactiva. Apenas poucos elementos foram aderindo ao pedido apresentado pela orientadora. No entanto,

foi notório um nível elevado de interesse e de prazer ao longo do *workshop* por parte dos participantes presentes no mesmo.

6.2. Reflexão da Prática

A concretização de uma componente prática ao longo da formação em Gestão Cultural reveste-se de grande importância, uma vez que permite entrar em contacto com a realidade presente em diversas entidades governamentais e, deste modo, desenvolver diferentes aptidões, tanto pessoais como profissionais.

A prática de estágio que desenvolvemos iniciou-se com um levantamento de informações relativas aos antecedentes da DRT, assim como a realização de uma compilação de recortes de jornal durante o período de 1987-2009 alusivos ao registo que a Festa da Flor tinha na RAM. Neste sentido, o presente período revelou-se essencial no processo de planeamento de atividades a desenvolver na Festa da Flor 2016, na medida em que permitiu planear propostas pertinentes, objetivas, diversificadas e que, ao mesmo tempo, fossem ao encontro dos interesses e gostos do público. Esta fase possibilitou também o conhecimento das rotinas presentes, assim como dos diversos métodos de trabalho apresentados pela equipa na qual fomos inseridos. É ainda importante salientar o facto de que, não só no período inicial, mas ao longo de toda a nossa intervenção, procurámos desenvolver e estabelecer uma relação profissional baseada na cooperação com todos os elementos da equipa, de modo a ser possível planear atividades que atendessem aos objetivos referidos anteriormente.

De facto, o estabelecimento de uma relação positiva com toda a equipa revelou-se um aspeto essencial para que fosse possível cumprir as finalidades delineadas na fase inicial da prática. No decurso da qual foram realizadas diversas reuniões de orientação, de modo a discutir e refletir acerca da minha ação, identificando os pontos positivos e negativos da mesma.

Posto isto, procedeu-se ao processo de planeamento de propostas de atividades a desenvolver no âmbito da Festa da Flor 2016. É de referir que nestes momentos se considerou a importância da divulgação da cultura madeirense, da organização de propostas pertinentes (sendo que estas deveriam apresentar um carácter alusivo à Festa da Flor) e, por fim, que fossem capazes de suscitar interesse nos turistas e na população residente e, desta forma, apelar à sua participação.

Com efeito, optou-se por concretizar *workshops* referentes a diferentes temáticas, pois considerou-se que o presente género de atividades fosse ao encontro das finalidades definidas na fase inicial da intervenção prática. Nesta linha de pensamento, a presente proposta foi apresentada à orientadora, Diretora Regional de Turismo Dra.Kátia Carvalho, sendo que, através do estabelecimento de um diálogo reflexivo selecionou-se as temáticas que deveriam

ser desenvolvidas tendo em conta os aspetos referidos anteriormente. Este processo foi longo até harmonizarmos todas as temáticas a desenvolver.

No que diz respeito ao processo de seleção das entidades orientadores dos diversos *workshops*, este apresentou-se complexo. No estabelecimento de contactos com as entidades afim de marcação de reuniões (de modo a apresentar as finalidades que se pretendiam alcançar com a realização dos *workshops* e a acertar pormenores em relação à organização dos mesmos), traduziu-se na indisponibilidade de algumas entidades. Como consequência deste aspeto, houve necessidade de contactar um número mais extenso de possíveis orientadores para que fosse possível apresentar uma entidade organizadora para cada um dos *workshops* desenvolvidos.

Posto isto, procedeu-se à organização das reuniões com as entidades que aceitaram o convite para orientar os *workshops*. Estas reuniões foram conduzidas por nós e ao longo das mesmas enfatizamos a importância de uma participação do público devendo os *workshops* apresentar um carácter extremamente interativo entre os orientadores e os participantes.

Posteriormente, deu-se início às festividades alusivas à Festa da Flor 2016. À nossa responsabilidade e a da orientadora a verificação da existência de condições necessárias para a realização dos *workshops*. A nossa comparência foi constante de forma a apoiar os formadores no que fosse necessário, esclarecendo eventuais dúvidas relativas à organização. É ainda de referir que ao longo de diversos *workshops*, nomeadamente no de pinturas faciais e de pintura de flores em aguarela, socorremo-nos das competências linguísticas adquiridas na nossa formação, uma vez que devido a falhas de comunicação entre os orientadores e a DRT, não existia ninguém disponível para representar este papel crucial.

No que diz respeito ao público, é importante enfatizar o facto de que a metodologia utilizada da pré-inscrição não obteve sucesso, pois o público não apresentava conhecimento deste aspeto. Deste modo, consideramos que esta estratégia não deveria ter sido utilizada, pois o público optava, no momento, por participar, ou não, nos *workshops*.

Por sua vez, em relação ao desenvolvimento dos mesmos, é importante destacar que nem todos manifestaram o carácter interativo que se pretendia, sendo que alguns se baseavam em apresentar estratégias de concretização em vez de possibilitar a sua realização por parte dos participantes. Deste modo, consideramos que deveríamos ter sido mais objetivos e insistentes neste aspeto, fornecendo indicações mais concretas relativas à participação do público, aquando da preparação. Tendo isto em conta, teria sido pertinente solicitar às entidades responsáveis por orientar os *workshops* a apresentação prévia do desenrolar dos mesmos, de modo a aferir se estes atendiam às finalidades que se pretendiam alcançar.

Outro aspeto a salientar é que, de facto, a adesão por parte do público foi significativa, demonstrando imenso interesse e envolvendo-se ao longo de todas as atividades propostas. Assim sendo, consideramos que a realização dos *workshops* apresentou sucesso, na medida em que foi possível cumprir as finalidades delineadas inicialmente. Não obstante, é importante referir que os que apresentaram uma maior quantidade de público foram o de Vinho de Madeira e Flores, o de Embutidos e o de flores em Papel e Tecidos. Por sua vez, os que apresentaram menos participantes foram o de Tapete de Flores e o de Pinturas Faciais.

Em suma, torna-se essencial destacar o facto de que a concretização da intervenção prática representou um período responsável por promover diversas aprendizagens, pois possibilitou um desenvolvimento de competências sociais, profissionais e pessoais. Deste modo, foi possível constatar que para que seja possível desenvolver iniciativas que apresentem sucesso, é imprescindível estabelecer uma relação de cooperação entre os elementos de uma determinada equipa.

Conclusão

O presente relatório surge como o culminar de um longo percurso académico de cinco anos, caracterizada por diversas dificuldades, desafios e incertezas, mas também de muitos sucessos e aprendizagens. Tudo isto contribuiu para que, de facto, o percurso em questão constituísse uma experiência extremamente enriquecedora, permitindo o crescimento a nível pessoal e a nível profissional. Considerando este aspeto, é importante enfatizar que a prática realizada possibilitou a obtenção e o desenvolvimento de diversas competências relacionadas com a organização de eventos, contribuindo, deste modo, para a minha formação académica.

A parte prática começou com a obtenção de conhecimentos básicos sobre a entidade onde seria realizado o estágio e o evento onde esses conhecimentos se aplicariam, na Festa da Flor 2016. Após a reunião inicial com a orientadora de estágio foi importante mencionar que este tipo de pesquisa seria benéfico para ambas as partes, visto que uma compilação de periódicos não constava nos arquivos da entidade, a DRT. O cronograma que elaboramos pressupôs a conclusão dessa tarefa em novembro de 2015.

Ao longo da presente prática, paralelamente ao trabalho de pesquisa, procuramos sempre estabelecer e desenvolver uma relação de respeito e colaboração com todos os elementos da equipa na qual nos encontrávamos inseridos, pois só assim seria possível organizar iniciativas pertinentes e que apresentassem sucesso junto do público-alvo, mas após a entrega da pesquisa histórica da Festa da Flor em periódicos, foi imposta uma nova mudança, a orientadora Dra. Maria do Carmo Fontes foi destituída do cargo de diretora da DSAT, passando essa tarefa a ser desempenhada pela Dra. Vanda Gonçalves, sendo que a partir daqui o acompanhamento foi mais frequente e direto, sempre tendo em atenção as dúvidas do estagiário e permitindo ao mesmo o contacto com a Diretora Regional do Turismo Kátia Carvalho para discussão de ideias e tarefas.

No planeamento das atividades a inserir no evento em questão, é de destacar que um dos principais princípios seguidos ao longo da intervenção realizada consistiu em apelar à participação ativa do público presente nos diversos *workshops*, privilegiando a interação entre o público e os participantes das diferentes sessões. Salienta-se ainda que as experiências proporcionadas ao público procuraram ir ao encontro dos seus interesses e motivações, ao mesmo tempo que pretendiam divulgar algumas tradições e práticas realizadas na RAM.

Neste sentido, a calendarização dos *workshops* foi realizada em função do nível de interesse que este poderia suscitar na população, sendo que alguns decorreram mais do que

uma vez. De facto, o *workshop* de Vinho Madeira e Flores realizou-se todos os dias ao longo do período destinado às celebrações da Festa da Flor 2016, uma vez que se considerou que este apresentaria grande procura por parte da população, tanto turística como local. Com efeito, considero que esta foi uma boa decisão, pois o pavilhão apresentou lotação esgotada em todas as sessões destinadas ao presente *workshop*, demonstrando que esta temática apresenta, realmente, um grande nível de interesse por parte da população.

Nesta linha de pensamento, é fundamental reconhecer a importância do desenvolvimento de iniciativas que privilegiem o espírito interativo entre orientadores e participantes, de modo a apelar, cada vez mais, à participação da população nas mesmas.

Salienta-se ainda que a participação da população local nas festividades alusivas à Festa da Flor é realizada em grande número, demonstrando que esta é extremamente valorizada pela população madeirense. Por sua vez, enfatiza-se também o facto de que os turistas manifestam um grande nível de interesse no presente evento, muitos deles deslocando-se à ilha neste período do ano com a finalidade de assistir às celebrações da Festa da Flor.

Para finalizar, é importante referir que sob a alçada da orientadora Dra. Vanda Gonçalves foi permitido ao estagiário dirigir por completo os *workshops* e não apenas participar no *brainstorming* para trazer novas atividades para o evento, e também o facto de que a intervenção prática realizada possibilitou a aplicação de diversos elementos teóricos obtidos ao longo da formação académica. Saliente-se, ainda as virtualidades da prática de estágio para o desenvolvimento de relações baseadas no espírito cooperativo e na partilha de diversos conhecimentos, contribuindo, tal como se encontra anteriormente referido, para o nosso desenvolvimento pessoal e profissional.

Referências

- Albuquerque, S. (2044). *Turismo de Eventos, A Importância dos Eventos para o Desenvolvimento do Turismo*. Universidade de Brasília. Brasil.
- Alves, S. (s.d). *Jogos Florais*. E-Dicionário de Termos Literários de Carlos Ceia. Disponível em <http://www.edtl.com.pt/business-directory/6326/jogos-florais/>. Consultado a 15 agosto 2015.
- Araújo, N. (2014). *Turismo e eventos especiais: a Festa da Flor na Ilha da Madeira*, Tourism and management studies. Disponível em <http://hdl.handle.net/10174/12643>.
- Baptista, J. (2005). *A Evolução do Turismo na Madeira no período de 1975 a 2000*. (tese de mestrado). Universidade de Aveiro. Aveiro.
- Baptista, M. (2008). *Funchal - Cidade Turística do Atlântico: Produtos e Recursos Turísticos*. Funchal.
- Barros, F. (2011). *Delegação de Turismo da Madeira (1939 – 1979)*. SREC/DRAC/ARM. Funchal.
- Barreto, M (2008). *Manual de iniciação ao estudo do turismo* (17ª edição). Papyrus editora. São Paulo. Disponível em https://books.google.pt/books?hl=pt-PT&lr=&id=i1aAnj_QQPIC&oi=fnd&pg=PA9&dq=primeiros+estudos+sobre+turismo&ots=EGZKWbKXXg&sig=w-3S5SW7abyUbXciDPen00OPESg&redir_esc=y#v=onepage&q&f=true. Consultado a 20 de setembro 2016.
- Brandão. J (s.d). *Mitologia Grega*. Volume 1, Editora Vozes. Petrópolis. Brasil.
- Caldeira, A. (1995). *O Funchal no Primeiro Quartel do Século XX: 1900-1925*. (2.ª Ed.), Eco do Funchal. Funchal.
- Cooper, C., Fletcher, J., Fyall, A., Gilbert, D. & Wanhill, S. (2008). *Tourism: Principles and Practice* (4ª. Ed.). Inglaterra: Pearson Education Limited.
- Costa, C. & Ribeiro, J. (1998). *Ateneu Comercial do Funchal*. Funchal: Edição Ateneu Comercial do Funchal. Disponível em [http://www.bprmadeira.org/imagens/documentos/File/bprdigital/dossier/Ateneu Comercial Funchal.pdf](http://www.bprmadeira.org/imagens/documentos/File/bprdigital/dossier/Ateneu_Comercial_Funchal.pdf). Consultado em 7 de setembro de 2016.
- Coutinho, H. (2007). *Turismo de Eventos como alternativa para o problema da sazonalidade turística*. Revista Eletrónica Aboré. Edição 3. Brasil.
- Cunha, L. & Abrantes, A. (2013). *Introdução ao Turismo*. LIDEL. Lisboa.

Ribeiro, J. Costa, C. (1998). *Ateneu Comercial do Funchal*. Edição Ateneu Comercial do Funchal. Funchal.

Silva, I. (1985). *A Madeira e o Turismo: Pequeno Esboço Histórico*. DRAC. Funchal.

Vieira, J. (2015). *Evento e Turismo – Planeamento e Organização, da Teoria a prática*. 1ª Edição, edições Silabo. Lisboa.

Vieira, A. (2008). *A História do Turismo na Madeira*. In Revista Turismo. *Escuela Universitária do Turismo Iriarte*. Espanha.

Vieira, N. (2006). *Turismo Activo em Portugal, um retrato do sector*. Faculdade de Desporto da Universidade do Porto. Porto.

De Natureza Legislativa:

Diário da República I serie, nº 9, Capitulo I, secção VIII, subsecção III, artigo 17º. 2005.

Diário da República I serie, nº 9, Capitulo I, secção VIII, subsecção IV, artigo 18º. 2005.

Diário da República I serie, nº 9, Capitulo I, secção VIII, subsecção V, artigo 19º. 2005.

Diário da República I serie, nº 49, anexo I, capitulo I, artigo 1º; orgânica da SRT.

Diário da República I serie, nº 49, anexo I, capitulo I, artigo 2º, orgânica da SRT.

Diário da República I serie, nº 49, anexo I, capitulo I, artigo 3º, orgânica da SRT.

Diário da República I serie, nº 49, anexo I, capitulo IV, secção II, artigo 19º. 2012.

Diário da República I serie, nº 49, anexo I, capitulo IV, secção III, artigo 20º. 2012.

Periódicos:

A 21 de Abril XXIV Festa da Flor. (1979, 20 de abril). *Diário de Notícias da Madeira*. p. 1. Disponível em Biblioteca Municipal do Funchal.

XXIV Festa da Flor. *Diário de Notícias da Madeira*. (1979, 21 de abril). p. 12. Disponível em Biblioteca Municipal do Funchal.

Festa da Flor 79 - outro êxito do Ateneu. (1979, 21 de abril). *Diário de Notícias da Madeira*. p. 3. Disponível em Biblioteca Municipal do Funchal.

"Muro da Esperança" e exposição de flores foram números salientes de vasto programa. (1979, 22 de abril). *Diário de Notícias da Madeira*. p. 1. Disponível em Biblioteca Municipal do Funchal.

Cortejo Alegórico teve colorido e animação. (1979, 24 de abril). *Diário de Notícias da Madeira*. p. 1. Disponível em Biblioteca Municipal do Funchal.

Na Festa da Flor " Um Muro feito de esperança". (1980, 09 de abril). *Diário de Notícias da Madeira*. p.6. Disponível em Biblioteca Municipal do Funchal.

25ª Festa da Flor. *Diário de Notícias da Madeira*. (1980, 09 de abril). p. 7. Disponível em Biblioteca Municipal do Funchal.

Ateneu Comercial do Funchal festeja bodas-de-prata da "Festa da Flor". (1980, 13 de abril). *Diário de Notícias da Madeira*. p. 1. Disponível em Biblioteca Municipal do Funchal.

As bodas de prata da "Festa da Flor". (1980, 13 de abril). *Diário de Notícias da Madeira*. p. 3. Disponível em Biblioteca Municipal do Funchal.

Ateneu Comercial do Funchal. (1980, 13 de abril). *Diário de Notícias da Madeira*. p. 5. Disponível em Biblioteca Municipal do Funchal.

A Festa da Flor. (1981, 10 de abril). *Diário de Notícias da Madeira*. p. 6. Disponível em Biblioteca Municipal do Funchal.

Hoje no Funchal crianças e flores em festa. (1981, 11 de abril). *Diário de Notícias da Madeira*. p. 5. Disponível em Biblioteca Municipal do Funchal.

As crianças e as flores madeirenses. (1981, 12 de abril). *Diário de Notícias da Madeira*. p. 1. Disponível em Biblioteca Municipal do Funchal.

As crianças e as flores madeirenses. (1981, 12 de abril). *Diário de Notícias da Madeira*. p. 7. Disponível em Biblioteca Municipal do Funchal.

Festa da Flor foi êxito inegável. (1981, 15 de abril). *Diário de Notícias da Madeira*. p. 1. Disponível em Biblioteca Municipal do Funchal.

Festa da Flor foi êxito inegável. (1981, 15 de abril). *Diário de Notícias da Madeira*. p. 5. Disponível em Biblioteca Municipal do Funchal.

"Festa da Flor" será em breve um importante cartaz turístico. (1982, 15 de abril). *Diário de Notícias da Madeira*. p. 6. Disponível em Biblioteca Municipal do Funchal.

Festa da Flor 82. (1982, 16 de abril). *Diário de Notícias da Madeira*. p. 6. Disponível em Biblioteca Municipal do Funchal.

"Muro da Esperança" e a 27ª exposição. (1982, 17 de abril). *Diário de Notícias da Madeira*. p. 1. Disponível em Biblioteca Municipal do Funchal.

"Festa da Flor" participação popular foi primeiro êxito. (1982, 18 de abril). *Diário de Notícias da Madeira*. p. 1. Disponível em Biblioteca Municipal do Funchal.

Festa da Flor. (1982, 18 de abril). *Diário de Notícias da Madeira*. p. 3. Disponível em biblioteca Municipal do Funchal.

O Belo e o Extraordinário moram na exposição de flores. (1982, 18 de abril). *Diário de Notícias da Madeira*. p. 4. Disponível em Biblioteca Municipal do Funchal.

Flores na rua. (1982, 21 de abril). *Diário de Notícias da Madeira*. p. 3. Disponível em Biblioteca Municipal do Funchal.

Festa da Flor/82. (1982, 22 de abril). *Diário de Notícias da Madeira*. p. 7. Disponível em Biblioteca Municipal do Funchal.

Grande interesse internacional pela "Festa da Flor". (1983, 12 de abril). *Diário de Notícias da Madeira*. p. 5. Disponível em Biblioteca Municipal do Funchal.

Festa da Flor. (1983, 15 de abril). *Diário de Notícias da Madeira*. p. 5. Disponível em Biblioteca Municipal do Funchal.

Festa da Flor. (1983, 15 de abril). *Diário de Notícias da Madeira*. p. 6. Disponível em Biblioteca Municipal do Funchal.

Flor é festa das crianças. (1983, 16 de abril). *Diário de Notícias da Madeira*. p. 3. Disponível em Biblioteca Municipal do Funchal.

"Choveram" flores na cidade. (1983, 17 de abril). *Diário de Notícias da Madeira*. p. 1. Disponível em Biblioteca Municipal do Funchal.

"Choveram" flores na cidade. (1983, 17 de abril). *Diário de Notícias da Madeira*. p. 20. Disponível em Biblioteca Municipal do Funchal.

Um extraordinário cartaz do turismo madeirense. (1983, 19 de abril). *Diário de Notícias da Madeira*. p. 1. Disponível em Biblioteca Municipal do Funchal.

Um extraordinário cartaz do turismo madeirense. (1983, 19 de abril). *Diário de Notícias da Madeira*. p. 3. Disponível em Biblioteca Municipal do Funchal.

Mais de 1500 figurantes participam no cortejo alegórico da Festa da Flor. (1984, 03 de maio). *Diário de Notícias da Madeira*. p. 10. Disponível em Biblioteca Municipal do Funchal.

Programa da Festa da Flor - 84. (1984, 13 de abril). *Diário de Notícias da Madeira*. p. 5. Disponível em Biblioteca Municipal do Funchal.

Festa da Flor 84. (1984, 04 de maio). *Diário de Notícias da Madeira*. p. 6. Disponível em Biblioteca Municipal do Funchal.

Milhares de crianças madeirenses construíram o "Muro da Esperança". (1984, 06 de maio). *Diário de Notícias da Madeira*. p. 1. Disponível em Biblioteca Municipal do Funchal.

Cortejo da Festa da Flor. (1984, 06 de maio). *Diário de Notícias da Madeira*. p. 3. Disponível em Biblioteca Municipal do Funchal.

Festa da Flor, pilar do Ateneu Comercial do Funchal. (1984, 06 de maio). *Diário de Notícias da Madeira*. p. 6. Disponível em Biblioteca Municipal do Funchal.

Juventude entoou em unísono o mais belo hino a flor. (1984, 08 de maio). *Diário de Notícias da Madeira*. p. 1. Disponível em Biblioteca Municipal do Funchal.

Mais de 2000 figurantes no grande cortejam alegórico. (1985, 17 de abril). *Diário de Notícias da Madeira*. p. 1. Disponível em Biblioteca Municipal do Funchal.

Cortejo Alegórico da Flor/85. (1985, 17 de abril). *Diário de Notícias da Madeira*. p. 4. Disponível em biblioteca Municipal do Funchal.

Proclamação do amor sem credos nem crenças. (1985, 20 de abril). *Diário de Notícias da Madeira*. p. 3. Disponível em Biblioteca Municipal do Funchal.

Construindo com flores o "Muro da Esperança". (1985, 21 de abril). *Diário de Notícias da Madeira*. p. 1. Disponível em Biblioteca Municipal do Funchal.

Flores e crianças em festa. (1985, 21 de abril). *Diário de Notícias da Madeira*. p. 4. Disponível em Biblioteca Municipal do Funchal.

Cortejo da Festa da Flor. (1985, 22 de abril). *Diário de Notícias da Madeira*. p. 3. Disponível em Biblioteca Municipal do Funchal.

Funchal foi cenário de um conto de fadas. (1985, 23 de abril). *Diário de Notícias da Madeira*. p. 1. Disponível em Biblioteca Municipal do Funchal.

Funchal foi cenário de um conto de fadas. (1985, 23 de abril). *Diário de Notícias da Madeira*. p. 3. Disponível em Biblioteca Municipal do Funchal.

Milhares de crianças participam no programa da "Festa da Flor". (1986, 17 de abril). *Diário de Notícias da Madeira*. p. 1. Disponível em Biblioteca Municipal do Funchal.

Festa da Flor-1986. (1986, 18 de abril). *Diário de Notícias da Madeira*. p. 4. Disponível em Biblioteca Municipal do Funchal.

Flores-cantar hinos de paz. (1986, 19 de abril). *Diário de Notícias da Madeira*. p. 2. Disponível em Biblioteca Municipal do Funchal.

"Festa da Flor" inaugurada hoje no Ateneu Comercial. (1986, 20 de abril). *Diário de Notícias da Madeira*. p. 1. Disponível em Biblioteca Municipal do Funchal.

Festa da Flor. (1986, 20 de abril). *Diário de Notícias da Madeira*. p. 19. Disponível em Biblioteca Municipal do Funchal.

Cortejo da Festa da Flor. (1986, 22 de abril). *Diário de Notícias da Madeira*. p. 1. Disponível em Biblioteca Municipal do Funchal.

Festa da Flor - 87. (1987, 1 de maio). *Jornal da Madeira*. p. 8. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Festa da Flor iniciou-se ontem com a construção do "Muro da Esperança". (1987, 3 de maio). *Jornal da Madeira*. p. 1. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Festa da Flor iniciou-se ontem com a construção do "Muro da Esperança". (1987, 3 de maio). *Jornal da Madeira*. p. 4. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Festa da Flor iniciou-se ontem com a construção do "Muro da Esperança". (1987, 3 de maio). *Jornal da Madeira*. p. 5. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Festa da Flor - 87. (1987, 5 de maio). *Jornal da Madeira*. p. 1. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Cortejo alegórico ultrapassou as expectativas mais optimistas. (1987, 5 de maio). *Jornal da Madeira*. p. 1. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Festa da Flor, apelo ao comércio. (1988, 1 de abril). *Jornal da Madeira*. p. 11. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Festa da Flor-88, terá cobertura de televisões estrangeiras. (1988, 20 de abril). *Jornal da Madeira*. p. 8. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Festa da Flor-88. (1988, 21 de abril). *Jornal da Madeira*. p. 6. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Festa da Flor. (1988, 21 de abril). *Jornal da Madeira*. p. 7. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Muro da Esperança. (1988, 23 de abril). *Jornal da Madeira*. p. 6. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

A Flor e os Descobrimentos. (1988, 24 de abril). *Jornal da Madeira*. p. 1. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Festa da Flor, a vossa festa. (1988, 24 de abril). *Jornal da Madeira*. Revista Bem-me-quer.nº: 360. p. 1. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

"Cortejo da flor" atraiu mais de 100 mil pessoas. (1988, 25 de abril). *Jornal da Madeira*. p. 1. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Mais um cartaz de promoção junto dos mercados internacionais. (1988, 25 de abril). *Jornal da Madeira*. p. 4. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Sob a égide dos descobrimentos: "Cortejo da flor" atraiu mais de 100 mil pessoas. (1988, 25 de abril). *Jornal da Madeira*. p. 13. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Um investimento financeiro e humano compensador. (1989, 6 de abril). *Jornal da Madeira*. p. 8. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Festa da Flor 1989. (1989, 21 de abril). *Jornal da Madeira*. p. 8. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Welcome to the Madeira flower festival. (1989, 22 de abril). *Jornal da Madeira*. p. 1. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Join in the flower festival fun. (1989, 22 de abril). *Jornal da Madeira*. p. 2. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

The Madeira flower festival. (1989, 22 de abril). *Jornal da Madeira*. p. 4. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Festa da Flor. (1989, 22 de abril). *Jornal da Madeira*. p. 5. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Seis mil crianças erguem "Muro da Esperança". (1989, 22 de abril). *Jornal da Madeira*. p. 11. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Madeira, the first voyage. (1989, 22 de abril). *Jornal da Madeira*. p. 12. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Milhares de crianças construíram o Muro da Esperança. (1989, 23 de abril). *Jornal da Madeira*. p. 18. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Uma criança. Uma flor. (1989, 23 de abril). *Jornal da Madeira*. Revista Bem-me-quer.nº: 386. p. 1. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Festa da Flor, uma chuva de perfume. (1989, 24 de abril). *Jornal da Madeira*. p. 1. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Cortejo de flores engalhou a cidade. (1989, 24 de abril). *Jornal da Madeira*. p. 7. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Milhares de crianças construíram o Muro da Esperança. (1989, 23 de abril). *Jornal da Madeira*. p. 18. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Flores e crianças da Madeira no "Ano europeu do turismo". (1990, 11 de abril). *Diário de Notícias da Madeira*. p. 1. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Nos dias 21 e 22, Flores e crianças da Madeira no "Ano europeu do turismo". (1990, 11 de abril). *Diário de Notícias da Madeira*. p. 7. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Flores e crianças da Madeira no "Ano europeu do turismo". (1990, 11 de abril). *Diário de Notícias da Madeira*. p. 9. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Flores da Madeira em exposição no Ateneu Comercial do Funchal. (1990, 15 de abril). *Diário de Notícias da Madeira*. p. 3. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Festa da Flor. (1990, 20 de abril). *Diário de Notícias da Madeira*. p. 10. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Crianças floriram o Muro da Esperança. (1990, 22 de abril). *Diário de Notícias da Madeira*. p. 1. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Centenas de crianças edificaram mais um "Muro da Esperança". (1990, 22 de abril). *Diário de Notícias da Madeira*. p. 3. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Cortejo alegórico exibiu flores, alegria e música. (1990, 23 de abril). *Diário de Notícias da Madeira*. p. 1. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

"Festa da Flor" contagiou madeirenses e turistas. (1990, 23 de abril). *Diário de Notícias da Madeira*. p. 6, 7. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Festa da Flor prepara animação do Funchal. (1991, 5 de abril). *Diário de Notícias da Madeira*. p. 5. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Festa da Flor prepara animação do Funchal. (1991, 5 de abril). *Diário de Notícias da Madeira*. p. 5. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

A "Festa da Flor" não é possível sem a participação dos concorrentes. (1991, 10 de abril). *Diário de Notícias da Madeira*. p. 13. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Quatro mil crianças presentes na "Festa da Flor" e... da Paz. (1991, 14 de abril). *Diário de Notícias da Madeira*. p. 4. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Juventude dominou o cortejo das flores. (1991, 15 de abril). *Diário de Notícias da Madeira*. p. 1. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Juventude e paz dominaram cortejo das flores. (1991, 15 de abril). *Diário de Notícias da Madeira*. p. 6, 7. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Mau tempo de março prejudica exposição. (1992, 30 de abril). *Diário de Notícias da Madeira*. p. 6. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Sonho comanda a Festa da Flor. (1992, 3 de maio). *Diário de Notícias da Madeira*. Pp. 13. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Festa da Flor traz cor e movimento a milhares de madeirenses e turistas. (1992, 4 de maio). *Diário de Notícias da Madeira*. p. 4, 5. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Ateneu Comercial do Funchal divulgou exposição anual de flores da Madeira. (1993, 21 de abril). *Diário de Notícias da Madeira*. p. 6. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Floristas acusam grupos de preferirem a importação. (1993, 24 de abril). *Diário de Notícias da Madeira*. p. 12. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Governo oferece Estrelícia Dourada ao presidente do Ateneu do Funchal. (1993, 25 de abril). *Diário de Notícias da Madeira*. p. 13. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Desfile à flor da festa na cidade. (1993, 26 de abril). *Diário de Notícias da Madeira*. p. 3. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Festa da Flor em todo o país pela voz dos radio amadores. (1993, 30 de abril). *Diário de Notícias da Madeira*. p. 13. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Miradouros, bordado e fotos dão corpo à Festa da Flor. (1994, 8 de abril). *Diário de Notícias da Madeira*. p. 5. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Madeira importa flores para a Festa da Flor. (1994, 14 de abril). *Diário de Notícias da Madeira*. p. 4. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Crianças e flores num apelo à paz. (1994, 17 de abril). *Diário de Notícias da Madeira*. p. 4. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Cortejo bordado a ponto de Flor. (1994, 18 de abril). *Diário de Notícias da Madeira*. p. 5. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Vem ai a Festa da Flor. (1995, 22 de abril). *Diário de Notícias da Madeira*. p. 12. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Muro de esperança a miúdos e graúdos. (1995, 30 de abril). *Diário de Notícias da Madeira*. p. 7. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Madeira na Festa da Flor. (1955, 1 de maio). *Diário de Notícias da Madeira*. p. 9. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Cortejo da flor conta com 1200 participantes. (1996, 14 de abril). *Diário de Notícias da Madeira*. p. 9. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Madeira com capacidade para a Festa da Flor. (1996, 17 de abril). *Diário de Notícias da Madeira*. p. 9. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Exposição lembra belezas esquecidas. (1996, 19 de abril). *Diário de Notícias da Madeira*. p. 6. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Festa da Flor 1996. (1996, 19 de abril). *Diário de Notícias da Madeira*. p. 11. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Ateneu abre porta à Festa da Flor. (1996, 20 de abril). *Diário de Notícias da Madeira*. p. 2. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Festa das flores. (1996, 21 de abril). *Diário de Notícias da Madeira*. p. 15. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Juventude, imaginação e muitas flores da Madeira. (1996, 22 de abril). *Diário de Notícias da Madeira*. p. 5. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Festa da Flor afirma-se como cartaz turístico. (1996, 26 de abril). *Diário de Notícias da Madeira*. p. 2. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Quatro artistas e a Festa da Flor. (1997, 9 de abril). *Diário de Notícias da Madeira*. p. 26. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

"Festa da Flor será a melhor de sempre". (1997, 11 de abril). *Diário de Notícias da Madeira*. p. 7. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Flores na rua. (1997, 13 de abril). *Diário de Notícias da Madeira*. p. 2. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Cortejo infantil trouxe milhares ao Funchal. (1997, 13 de abril). *Diário de Notícias da Madeira*. p. 15. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Um cortejo para recordar. (1997, 14 de abril). *Diário de Notícias da Madeira*. p. 1. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Flores são o maior "cartão de visita". (1997, 14 de abril). *Diário de Notícias da Madeira*. p. 14. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Cortejo alegórico a 26 marca a Festa da Flor. (1998, 7 de abril). *Diário de Notícias da Madeira*. p. 7. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Flores e fogo-de-artifício em festa de 50 mil contos. (1998, 21 de abril). *Diário de Notícias da Madeira*. p. 9. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

O cartão de visita da natureza. (1998, 22 de abril). *Diário de Notícias da Madeira*. p. 7. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Valsa para todos. (1998, 23 de abril). *Diário de Notícias da Madeira*. p. 8. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Festa da Flor 1998. (1998, 23 de abril). *Diário de Notícias da Madeira*. p. 29. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Cortejo da Flor desfila no domingo. (1998, 24 de abril). *Diário de Notícias da Madeira*. p. 13. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Ateneu promete surpreender. (1998, 24 de abril). *Diário de Notícias da Madeira*. p. 14. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Festa da Flor. (1998, 24 de abril). *Diário de Notícias da Madeira*. p. 17. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Flores de esperança. (1998, 25 de abril). *Diário de Notícias da Madeira*. p. 2. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Festa da Flor 1998. (1998, 25 de abril). *Diário de Notícias da Madeira*. p. 21. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Flores de abril. (1998, 26 de abril). *Diário de Notícias da Madeira*. p. 1. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Cortejo da flor percorre cidade. (1998, 26 de abril). *Diário de Notícias da Madeira*. p. 2. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Festa da Flor homenageia expo. (1998, 26 de abril). *Diário de Notícias da Madeira*. p. 3. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Flores em festa. (1999, 17 de abril). *Diário de Notícias da Madeira*. p. 1. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Cartaz de 38 mil contos. (1999, 17 de abril). *Diário de Notícias da Madeira*. p. 3. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Flores saem a rua. (1999, 18 de abril). *Diário de Notícias da Madeira*. p. 2. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Crianças deram outro colorido ao Funchal. (1999, 18 de abril). *Diário de Notícias da Madeira*. p. 6. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

As flores do nosso contentamento. (1999, 18 de abril). *Diário de Notícias da Madeira*. p. 14, 15. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Festa da Flor 1999 conquistou o Funchal. (1999, 19 de abril). *Diário de Notícias da Madeira*. p. 7. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

6 e 7 de maio Festa da Flor vai colorir Funchal. (2000, 4 de abril). *Diário de Notícias da Madeira*. p. 7. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

E a flor saiu à rua. (2000, 5 de maio). *Diário de Notícias da Madeira*. Revista Fim de Semana, Pp. 2. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

A construção do Muro da Esperança irá "deliciar" milhares de crianças. (2000, 5 de maio). *Diário de Notícias da Madeira*. Revista Fim de Semana, p. 3. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Festa da Flor. (2000, 5 de maio). *Diário de Notícias da Madeira*. p. 6. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Festa da Flor anima o Funchal. (2000, 6 de maio). *Diário de Notícias da Madeira*. p. 2. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Homenagem as flores com apelo a paz. (2000, 7 de maio). *Diário de Notícias da Madeira*. p. 6. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Flores encantam milhares. (2000, 8 de maio). *Diário de Notícias da Madeira*. p. 1. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Cortejo da flor coloriu o Funchal. (2000, 8 de maio). *Diário de Notícias da Madeira*. p. 7. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Flores em festa. (2001, 27 de abril). *Diário de Notícias da Madeira*. Revista Fim de Semana, p. 1. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Flores em festa. (2001, 27 de abril). *Diário de Notícias da Madeira*. Revista Fim de Semana, p. 2. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Crianças e flores e exposições animaram o Funchal. (2001, 29 de abril). *Diário de Notícias da Madeir.*, p. 3. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Desfile bonito encerrou Festa da Flor. (2001, 30 de abril). *Diário de Notícias da Madeira*. p. 5. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Festa da Flor 2002. (2002, 11 de abril). *Diário de Notícias da Madeira*. p. 14. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Festa da Flor. (2002, 11 de abril). *Diário de Notícias da Madeira*. Revista Fim de Semana, p. 1, 2. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

A chuva pode estragar a festa. (2002, 13 de abril). *Diário de Notícias da Madeira*. p. 6. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Centenas de crianças erguem muro de flores. (2002, 14 de abril). *Diário de Notícias da Madeira*. p. 11. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Flores "perfumam" multidão. (2002, 15 de abril). *Diário de Notícias da Madeira*. p. 1. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Espetáculo de cores nas ruas do Funchal. (2002, 15 de abril). *Diário de Notícias da Madeira*. p. 11. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Oito grupos preparam cortejo da flor. (2003, 13 de abril). *Diário de Notícias da Madeira*. p. 12. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Oito grupos preparam cortejo da flor. (2003, 13 de abril). *Diário de Notícias da Madeira*. p. 12. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Festa da Flor em preparação. (2003, 1 de maio). *Diário de Notícias da Madeira*. p. 1. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Festa da Flor é o segundo cartaz turístico. (2003, 3 de maio). *Diário de Notícias da Madeira*. p. 1, 2. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Festa da Flor. (2003, 3 de maio). *Diário de Notícias da Madeira*. p. 15. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Fim-de-Semana de flores no Funchal. (2003, 4 de maio). *Diário de Notícias da Madeira*. p. 1. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Homenagem ao Ateneu. (2003, 4 de maio). *Diário de Notícias da Madeira*. p. 3 Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Uma flor pela paz no Mundo. (2003, 4 de maio). *Diário de Notícias da Madeira*. p. 10, 31. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Desfile de flores e beleza. (2003, 5 de maio). *Diário de Notícias da Madeira*. p. 6, 7. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

" Euforia de flores dentro da Europa" para um desfile de 1.500 figurantes. (2004, 20 de abril). *Diário de Notícias da Madeira*. p. 11. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Festa da Flor 2004. (2004, 22 de abril). *Diário de Notícias da Madeira*. p. 12. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

As flores voltam a invadir a cidade do Funchal. (2004, 23 de abril). *Diário de Notícias da Madeira*. Revista Fim de Semana, Pp. 1, 2, 3. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Crianças constroem muro de flores. (2004, 24 de abril). *Diário de Notícias da Madeira*. p. 2. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Magia da Flor embeleza ruas do Funchal. (2004, 25 de abril). *Diário de Notícias da Madeira*. p. 2. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Esperança na paz renovada. (2004, 25 de abril). *Diário de Notícias da Madeira*. Pp. 36. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Beleza inigualável da "Flor". (2004, 26 de abril). *Diário de Notícias da Madeira*. p. 8, 9. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Flores silvestres homenageadas. (2005, 1 de abril). *Jornal da Madeira*. p. 9. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

"Eu sou uma flor". (2005, 2 de abril). *Jornal da Madeira*. p. 9. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Um sorriso de flores naturais. (2005, 3 de abril). *Jornal da Madeira*. p. 12. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Maria Aurora num "mar de flores". (2005, 4 de abril). *Jornal da Madeira*. p. 8. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

"Flores do mar" em terra firme. (2005, 5 de abril). *Jornal da Madeira*. p. 8. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

120 fazem "jardim de encantos". (2005, 6 de abril). *Jornal da Madeira*. p. 9. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

XXVI Festa da Flor - 2005. (2005, 6 de abril). *Jornal da Madeira*. p. 17. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Desfile de flores no Funchal. (2005, 7 de abril). *Jornal da Madeira*. p. 1. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

"Flores de uma casa de sonho". (2005, 7 de abril). *Jornal da Madeira*. p. 2. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Exposições e música em mais uma Festa da Flor. (2005, 7 de abril). *Jornal da Madeira*, p. 9. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Orquídeas "navegam" pelas ruas. (2005, 8 de abril). *Jornal da Madeira*. p. 11. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Uma flor, um apelo a paz. (2005, 9 de abril). *Jornal da Madeira*. p. 8. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Região tem capacidade floral. (2005, 9 de abril). *Jornal da Madeira*. p. 22. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Crianças "constroem" o muro. (2005, 10 de abril). *Jornal da Madeira*. p. 12. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Flor encanta. (2005, 11 de abril). *Jornal da Madeira*, p. 1. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Flores, cor e alegria inundam um mar de gente. (2005, 11 de abril). *Jornal da Madeira*. p. 10, 11. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Cláudia Vieira na Festa da Flor. (2006, 15 de abril). *Jornal da Madeira*. p. 1. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Actriz Cláudia Vieira deverá abrir cortejo. (2006, 15 de abril). *Jornal da Madeira*. p. 7. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Mil desfilam num hino as Flores. (2006, 15 de abril). *Jornal da Madeira*. p. 8. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

O desfile das flores. (2006, 27 de abril). *Jornal da Madeira*. p. 1, 2. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Tapete prepara fim-de-semana da flor. (2006, 28 de abril). *Jornal da Madeira*. p. 1. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

XXVII Festa da Flor. (2006, 28 de abril). *Jornal da Madeira*. p. 3. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Tapete prepara fim-de-semana da flor. (2006, 28 de abril). *Jornal da Madeira*. p. 23. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Centenas de crianças colocam uma flor em nome da paz. (2006, 30 de abril). *Jornal da Madeira*. p. 12, 13. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

27ª Edição da Festa da Flor. (2006, 30 de abril). *Jornal da Madeira*. p. 23. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Festa da Flor com enchente. (2006, 1 de maio). *Jornal da Madeira*. p. 1. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Cortejo da flor ganha cada vez mais público. (2006, 1 de maio). *Jornal da Madeira*. p. 12, 13. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Desfile das flores. (2007, 19 de abril). *Jornal da Madeira*. p. 1, 2, 3. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Festa da Flor 2007. (2007, 19 de abril). *Jornal da Madeira*. p. 12. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Turismo traça perfil de figurantes no cortejo. (2007, 20 de abril). *Jornal da Madeira*. p. 3. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Animais floridos pela paz. (2007, 20 de abril). *Jornal da Madeira*. p. 13. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Tradição mostra a flor e o artesanato madeirense. (2007, 21 de abril). *Jornal da Madeira*. p. 4, 5. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Girassóis dão cor ao cortejo. (2007, 21 de abril). *Jornal da Madeira*. p. 12. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

"Chico & Companhia" leva mundo feito de flores. (2007, 21 de abril). *Jornal da Madeira*. p. 13. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Cortejo da flor sai hoje à rua. (2007, 22 de abril). *Jornal da Madeira*. p. 12. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Que as armas se tornem flores. (2007, 22 de abril). *Jornal da Madeira*. p. 13. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

"Demos à Madeira um espetáculo único". (2007, 23 de abril). *Jornal da Madeira*. p. 1. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

"Demos ao mundo um espetáculo único". (2007, 23 de abril). *Jornal da Madeira*. p. 12, 13. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

"Uma flor para o mundo". (2007, 23 de abril). *Jornal da Madeira*. p. 23. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Flores em troca de um mundo melhor. (2008, 6 de abril). *Jornal da Madeira*. p. 2. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Muro da Esperança. (2008, 6 de abril). *Jornal da Madeira*. p. 47. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Mau tempo adia desfile da Festa da Flor para hoje. (2008, 7 de abril). *Jornal da Madeira*. p. 48. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Um dia depois mas o brilho de sempre e uma enchente. (2008, 8 de abril). *Jornal da Madeira*. p. 1. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Primavera foi mais forte que a chuva. (2008, 8 de abril). *Jornal da Madeira*. P. 36, 37. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

"O pôr-do-sol" inspira Caneca Furada. (2009, 19 de abril). *Jornal da Madeira*. p. 11. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Fábrica de sonhos "voa com os pássaros". (2009, 20 de abril). *Jornal da Madeira*. p. 11. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Isabel Borges inspira-se na fundação do Funchal XXI. (2009, 21 de abril). *Jornal da Madeira*. p. 11. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

João Egídio mostra Madeira tradicional ao príncipezinho. (2009, 22 de abril). *Jornal da Madeira*. p. 14. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Cortejo da flor será transmitido pela RTP1. (2009, 23 de abril). *Jornal da Madeira*. p. 11. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Tapetes "estendem-se" para a festa. (2009, 24 de abril). *Jornal da Madeira*. p. 1. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Maria João Bastos "embeleza" Avenida Arriaga. (2009, 24 de abril). *Jornal da Madeira*. p. 29. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Produção de flores aumentou 40%. (2009, 26 de abril). *Jornal da Madeira*. p. 1. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Festa da Flor traz esperança. (2009, 26 de abril). *Jornal da Madeira*. p. 36, 37. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Cortejo da flor encanta milhares. (2009, 27 de abril). *Jornal da Madeira*. p. 1. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Mar de gente e flores "enriquece" cartaz. (2009, 24 de abril). *Jornal da Madeira*. p. 36, 37. Disponível em Arquivo Regional da Madeira.

Índice de Conteúdo do CD-ROM

Pasta A – Relatório de Estágio de Mestrado em Gestão Cultural (formato Word e PDF)

Pasta B – Apêndices referentes à intervenção Prática.

Apêndice 1 – Proposta de projeto de estágio;

Apêndice 2 – Plano de Trabalho;

Apêndice 3 – Cronograma;

Apêndice 4 – Antecedentes da DRT;

Apêndice 5 – Iniciativas final;

Apêndice 6 – Cronograma dos Workshops.

Pasta C – Periódicos utilizados ao longo da Prática realizada.

Apêndice 1 - Periódicos de 1979;

Apêndice 2 - Periódicos de 1980;

Apêndice 3 - Periódicos de 1981;

Apêndice 4 - Periódicos de 1982;

Apêndice 5 - Periódicos de 1983;

Apêndice 6 - Periódicos de 1984;

Apêndice 7 - Periódicos de 1985;

Apêndice 8 - Periódicos de 1986;

Apêndice 9 - Periódicos de 1987;

Apêndice 10 - Periódicos de 1988;

Apêndice 11 - Periódicos de 1989;

Apêndice 12 - Periódicos de 1990;

Apêndice 13 - Periódicos de 1991;
Apêndice 14 - Periódicos de 1992;
Apêndice 15 - Periódicos de 1993;
Apêndice 16 - Periódicos de 1994;
Apêndice 17 - Periódicos de 1995;
Apêndice 18 - Periódicos de 1996;
Apêndice 19 - Periódicos de 1997;
Apêndice 20 - Periódicos de 1998;
Apêndice 21 - Periódicos de 1999;
Apêndice 22 - Periódicos de 2000;
Apêndice 23 - Periódicos de 2001;
Apêndice 24 - Periódicos de 2002;
Apêndice 25 - Periódicos de 2003;
Apêndice 26 - Periódicos de 2004;
Apêndice 27 - Periódicos de 2005;
Apêndice 28 - Periódicos de 2006;
Apêndice 29 - Periódicos de 2007;
Apêndice 30 - Periódicos de 2008;
Apêndice 31 - Periódicos de 2009.